



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FABIANE QUEIROZ DE FREITAS REBELO

**MEMÓRIA E NARRATIVA SOBRE O SERINGAL DE SANTA BÁRBARA:
SOCIABILIDADES E MUNDOS DO TRABALHO (RIO PURUS, AMAZONAS)**

MANAUS – AM

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FABIANE QUEIROZ DE FREITAS REBELO

**MEMÓRIA E NARRATIVA SOBRE O SERINGAL DE SANTA BÁRBARA:
SOCIABILIDADES E MUNDOS DO TRABALHO (RIO PURUS, AMAZONAS)**

Dissertação

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção de título de Mestre em História Social.

Área de concentração: Mestrado em História Social.

Linha de Pesquisa 2: Migrações, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia.

Discente: Fabiane Queiroz de Freitas Rebelo.

Orientador: Prof. Dr. Davi Avelino Leal.

MANAUS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R291m Rebelo, Fabiane Queiroz de Freitas
 Memória e narrativa sobre o seringal de Santa Bárbara: sociabilidades e mundos do trabalho (Rio Purus, Amazonas) / Fabiane Queiroz de Freitas Rebelo. - 2025.
 116 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Davi Avelino Leal.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em História, Manaus - Amazonas, 2025.

 1. Memória. 2. Narrativa. 3. Rio Purus. 4. Seringal. 5. Amazonas. I. Leal, Davi Avelino. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar em todos os momentos deste caminho.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Davi Avelino Leal, pelas longas conversas, disponibilidade, pela paciência e pelo apoio constante ao longo deste trabalho e de minha experiência acadêmica.

Registro minha gratidão aos entrevistados que contribuíram de forma essencial para esta dissertação: Maria Auxiliadora, Manoel André, Canuto Moisés e Maria Evangelista, assim como à comunidade de Santa Bárbara, que acolheu este estudo com generosidade.

Agradeço profundamente à minha família, base de tudo: minha mãe, Maria Emília Rebelo, cujo amor e dedicação sempre me sustentaram e pelo apoio em todas as etapas dessa pesquisa; meu pai, Luiz Rebelo, *in memoriam*, pelos valores e pela força que seguem comigo e me fizeram não desistir, assim como pelos diversos livros históricos deixados sobre o rio Purus que colaboraram com a elaboração da pesquisa; meus irmãos, Luiz Rebelo e Fabíola Rebelo, pela paciência, apoio e suporte nos momentos difíceis; meus cunhados, Anália Barbosa e Aldo Evangelista, por me fazerem acreditar que eu iria conseguir, pelas várias conversas e trocas acadêmicas; e meus sobrinhos, Amanda, Arthur e Vinícius, que trouxeram tanta leveza aos meus dias.

Sou também grata ao carinho, incentivo e suporte dos meus tios e tias: Fernando Queiroz, Juracy Queiroz, Socorro Queiroz, Mário Jorge Queiroz, Edilson, Alessandra e Deusimar que sempre torceram por mim, me apoiaram ao longo desta jornada e me deram suporte ao longo das viagens de campo, assim como aos primos Evandro Freitas e Ian Freitas.

Aos meus amigos e colegas da UFAM – Universidade Federal do Amazonas, pelas trocas acadêmicas, pelas problematizações e conversas de apoio, em especial, Roberta Serrão, Fransoar Souza, Carlos Eduardo Ribeiro e Giovanna Galvão.

À FAPEAM, pelo apoio financeiro disponibilizado para essa pesquisa e a todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta pesquisa se tornasse possível, deixo meu sincero agradecimento.

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia Maria Auxiliadora.....	9
Figura 2 – Fotografia Manoel André em Santa Bárbara.....	12
Figura 3 – Fotografia Maria Evangelista e Canuto Moisés.....	14
Figura 4 – Mapa aproximado do rio Purus, trecho entre Canutama e Lábrea.....	16
Figura 5 – Mapa do Rio Purus, 1866.....	18
Figura 6 – Mapa de 2024, localização Rio Ituxi e Lábrea.....	20
Figura 7 – Exportações de 1881 a 1883 (Do Purus e do Madeira).....	21
Figura 8 – Mapa municipal Canutama.....	28
Figura 9 – Antonio José Loureiro, contribuinte.....	31
Figura 10 – Jornal “O Correio do Purus”, 29 de março de 1914.....	32
Figura 11 – Mapa da localização de Assahytuba e Santa Bárbara.....	33
Figura 12 – Localização Ser. do Carmo e Ser. Santa Bárbara.....	34
Figura 13 – Santa Bárbara, ponto de escala dos navios que trafegavam o Purus.....	40
Figura 14 – Linha do tempo de Santa Bárbara.....	41
Figura 15 – Árvore Genealógica (Parcial) produzida a partir das narrativas das entrevistadas dessa pesquisa, Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas e Maria Emília Queiroz de Freitas Rebelo, juntamente com as informações contidas no livro “Memórias de Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara” de Juracy Q. de Freitas.....	42
Figura 16 – Registro de batismo Aristides.....	43
Figura 17 – Praia do Tabuleiro de Santa Bárbara (2023).....	82
Figura 18 – Planta baixa do Seringal de Santa Bárbara.....	97
Figura 19 – Relógio de parede que ficava na sala de estar do barracão (Moldura reformada, fotografia de 2023).....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	8
1.1 MARIA AUXILIADORA QUEIROZ DE FREITAS.....	9
1.2 MANOEL ANDRÉ DE PAES.....	12
1.3 CANUTO MOISÉS E MARIA EVANGELISTA.....	13
CAPÍTULO 1.....	16
2. INTRODUÇÃO À OCUPAÇÃO DO RIO PURUS.....	16
2.1 SERINGAL DE SANTA BÁRBARA.....	26
CAPÍTULO 2.....	46
3. MUNDOS DO TRABALHO NO SERINGAL DE SANTA BÁRBARA.....	46
3.1 ENTRE MEMÓRIAS E O COTIDIANO DE TRABALHO NO SERINGAL.....	46
3.2 RIOS QUE MOVEM MERCADOS: MEMÓRIAS DOS REGATÕES.....	66
3.3 PARA ALÉM DO RÓTULO: TIPOS DA HISTORIOGRAFIA DOS SERINGAIS.....	70
3.4 ALÉM DA BORRACHA: OS TESOUROS DO SERINGAL.....	78
CAPÍTULO 3.....	87
4. SOCIABILIDADES.....	87
4.1 RELIGIOSIDADE E FESTEJOS.....	88
4.2 NADANDO NAS MEMÓRIAS DO SERINGAL DE SANTA BÁRBARA: UMA IMERSÃO NOS SABORES DAS ÁGUAS DO RIO PURUS, TERRA DA FARTURA, DO BARRACÃO À PRAIA DO TABULEIRO.....	96
4.3 A SAÚDE NO SERINGAL DE SANTA BÁRBARA.....	101
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS.....	112

INTRODUÇÃO

A escolha do seringal de Santa Bárbara como objeto de pesquisa desta dissertação está diretamente relacionada tanto a motivações de ordem pessoal quanto a inquietudes de naturezas historiográficas e sociais. Minha ligação familiar com os antigos moradores e trabalhadores do referido seringal, me permitiu, através dos relatos transmitidos oralmente ao longo de nossas trocas e encontros sociais, refletir e despertar o interesse inicial pelo tema e evidenciou, durante minha trajetória acadêmica, a relevância da memória como fonte histórica e a falta de pesquisas direcionadas as comunidades rurais encontradas na Amazônia.

Ao observar a história oral transmitida no âmbito familiar e social com a história oficial abordada ao longo do meu período escolar, notava que emergiam discrepâncias e percebia a própria ausência dos sujeitos históricos, como os seringueiros e as mulheres, entre tantos outros, que estavam ali na minha frente, por tantos anos, deixando claro seu protagonismo nesse cenário, em que nas páginas oficiais apareciam silenciados, apáticos, submissos ou inexistentes. Nesse sentido, esta pesquisa busca propor uma análise que valorize as experiências cotidianas e as vozes daqueles que viveram no seringal de Santa Bárbara.

Início minhas entrevistas por meio de minha tia, Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas, cujas memórias e vivências constituem o ponto de partida da pesquisa. A opção por iniciar com essa entrevistada não se fundamenta no vínculo de parentesco, mas na posição que ela ocupa como fonte de experiências e narrativas compartilhadas por diferentes gerações da família e de Santa Bárbara. Sua memória reunia relatos próprios e de outros sujeitos que viveram e trabalharam no seringal, além de ser caracterizada como uma ótima narradora, tinha uma visão de dentro do barracão, sendo filha do proprietário do seringal, o que colaborava para compreendermos o cotidiano dos mesmos, as relações sociais e deixava entrever pontos cruciais e sensíveis de análise histórica.

Durante o processo das entrevistas, notamos que alguns dos sujeitos centrais, citados durante a entrevista de Maria Auxiliadora que haviam tido experiências de vida no seringal de Santa Bárbara durante o período abordado, já haviam falecido. Porém, dos quatro sujeitos ainda vivos, tive a honra e a alegria de conhecer pessoalmente e entrevistar três deles: Manoel André, Canuto Moisés e Maria Evangelista. Esses encontros marcaram uma etapa crucial da minha pesquisa de campo, assim, pude dar prosseguimento a

pesquisa, mesmo apesar da distância geográfica e dificuldades de deslocamento encontradas durante o processo, pudemos ampliar nosso conjunto de fontes analisadas. No tópico a seguir, são apresentados todos os entrevistados que colaboraram com essa pesquisa e nos ajudaram a refletir sobre esse período histórico.

1. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Para essa pesquisa foram selecionados entrevistados que possuíam experiência de vida no seringal de Santa Bárbara no período abordado, 1940-1980, tendo estes vínculos diretos com esse território por meio dos laços familiares e de trabalho. Seus relatos nos permitem compreender como esses sujeitos entendem seu cotidiano e a mensagem que buscam transmitir com suas narrativas.

As narrativas coletadas nas entrevistas feitas presencialmente, seja em Manaus, Lábrea e na comunidade de Santa Bárbara, desafiam, complementam ou deslocam as narrativas oficiais, trazer os sujeitos para o centro por meio da história oral, que muito mais do que um recurso metodológico é um gesto de combate, contra o silenciamento e a marginalização da vivência dos mesmos.

Ao apresentar esses sujeitos, assim como Mariana Ciavatta Pantoja Franco faz em *“Os Milton: cem anos de história familiar no seringal”*,¹ não apenas os situou em suas próprias trajetórias individuais, mas evidencio a forma como suas memórias se entrelaçam as dinâmicas sociais e históricas mais amplas e reforço a importância desse movimento para tantas outras comunidades rurais presentes em nossa Amazônia. Essas fontes orais revelam a materialidade do cotidiano, a densidade das relações de trabalho e sociais, assim como a teia criada ao redor da vida comunitária, que ilumina aspectos que dificilmente poderiam emergir e ser captados em documentação oficial.

A partir dessas considerações, passo agora à apresentação dos entrevistados, sujeitos cujas vozes sustentam e moldam essa pesquisa, oferecendo novas camadas de compreensão sobre a vida no seringal, trazendo memórias que permitem entrever dimensões do cotidiano e do mundo do trabalho a partir daqueles que vivenciaram a experiência.

¹ FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja. *Os Milton: cem anos de história familiar no seringal*. Campinas, SP: [s/n], 2001.

1.1 Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas



Figura 1 – Fotografia Maria Auxiliadora

Fonte: Acervo da entrevistada.

“Posso ficar na rede?”, assim se iniciou minha entrevista com Maria Auxiliadora, com sua escolha do local onde ela se acomodaria e onde prosseguiu durante toda a entrevista, contando suas memórias e embalando-se, como a mesma disse durante um dos trechos narrados que explica muito da sua escolha, quase afetiva, para ter mais conforto durante esse momento, “[...] eu adoro estar nos barcos, na minha redinha se balançando [risos]”,² assim como quando conta de suas viagens de infância com a mãe, Deusdina Queiroz de Freitas,

“- **Maria Auxiliadora:** Pra Santa Bárbara a gente ia de voadeira, pra Novo Brasil a gente ia na chata, eu era sonâmbula quando eu era criança, quando a gente ia na chata, me lembro bem, mamãe botava minha rede perto da dela [...].

²FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 10.

A mamãe tinha medo de eu cair na água quando a gente ia pro seringal na chata, ela botava minha rede bem pertinho da dela, se eu levantar, ela vê *[risos]*”.³

Após a mesma acomodar-se na rede e para dar início à entrevista, pedi que Maria Auxiliadora se apresentasse, contasse um pouco sobre si mesma, a fim de fazer com que ela se sentisse mais confortável com a conversa e estimulada, então ela começou sua narrativa assim

“- **Maria Auxiliadora:** Meu nome é Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas, tenho 70 anos, completei agora, sou do mês de maio, 16 de maio de 1952, é a minha data de aniversário, completei 70 agora em maio. Meus pais são Mateus Soares de Freitas e Deusdina Queiroz de Freitas, os dois são filhos de cearenses. Nasci no município de Lábrea, na casa da minha avó paterna, a vovó Isabel, o nome da mãe do meu pai.

Eu morei mais em Lábrea, mas meu pai sempre vivia nos interiores, nos seringais, meu pai era patrão, a gente morou no Novo Brasil muitos anos quando eu era criança, minha mãe trazia a gente e deixava na cidade, a gente tinha uma casa na cidade de Lábrea, que a gente ficava para estudar, e nas férias, nessa época de julho inteiro de férias, e a gente ia pro interior, naquela época era chatinha, a gente ia na chatinha, que era um barco bem largo e chato, ele era movido a lenha, botava lenha, ela saía rodando, aquela roda fazendo *zucu-zucu-zucu* e o barco andava, era muito legal, era bonito de se ver.”⁴

Depois desse breve pedido de apresentação, interfeiri pouquíssimas vezes na narrativa, a entrevistada em si fora organizando os temas prioritários das suas memórias, vez ou outra fora aproveitado algum dos ganchos para serem feitas intervenções. Ao analisarmos a entrevista de Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas, notamos que esta marca a passagem do tempo de diversas formas, seja por meio das mudanças que teve entre seringais diferentes, sua ida para a cidade de Lábrea, mas também por meio do nascimento de seus irmãos, onde consegue situar o local do nascimento deles e que nos faz perceber a mobilidade de deslocamento que possuíam.

Ao analisarmos as memórias de Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas, nascida em 16 de maio de 1952 em Lábrea, município localizado no rio Purus, Amazonas, não apenas observamos a singularidade da história de uma mulher amazônica, mergulhamos no universo das práticas e transformações sociais e culturais que atravessaram os seringais. Filha de Mateus Soares de Freitas e Deusdina Queiroz de Freitas, ambos com famílias de migrantes cearenses, cresceu entre a cidade de Lábrea e os muitos seringais do interior do

³FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 12-13.

⁴FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 1.

Amazonas, acompanhando seus pais, tendo lembranças especiais de Santa Bárbara, fruto do trabalho de muitos anos de seu avô materno.

Auxiliadora nos ajuda a revelar o espaço do seringal não apenas como sua função econômica, mas também com toda sua riqueza no âmbito da sociabilidade, das práticas que ocorriam nas camadas mais internas das casas dos patrões, no setor doméstico. Seu pai, Mateus, além de patrão de seringal, fazia função de caçador, pescador, produtor de farinha, político. Mesmo agenciando tantas funções, mergulhava e se envolvia diretamente na labuta.

Sua mãe, Deusdina, é lembrada em sua narrativa como uma figura feminina de força e valentia, muito representativa das mulheres amazônicas. Atuou em diversas frentes, de professora a fiscal de praia, Deusdina ensinou a importância de se guardar as práticas alimentares, formas de conservação dos alimentos, a produção da mixira, do óleo de andiroba e de itens de uso pessoal, como o sabão, que eram feitos artesanalmente. Ensinou aos seus filhos a importância da defesa do meio ambiente em que viviam, cuidando do tabuleiro de tartarugas, vemos Deusdina surgir na narrativa como um exemplo do feminino na Amazônia, das práticas do que pode ser nomeado de “patroa” do seringal, situação oculta por anos dos estudos históricos.

Nossa entrevistada cresceu entre Lábrea e os seringais, onde sua rotina era partilhada entre os estudos e cuidar de seus irmãos mais novos. Nas férias, seguiam sua jornada pelo rio Purus, de voadeiras ou chatas, para Santa Bárbara, memórias de infância marcadas pela fartura de alimentos, as brincadeiras e as contações de histórias nas noites escuras do seringal, onde reinavam curupiras e sacis. Maria Auxiliadora viveu a complexidade da vida nos seringais, as trocas entre patrões e fregueses, tendo a borracha, a castanha e a farinha como moeda de troca, e cuidando, por vezes do caderno do barracão, onde constavam as trocas feitas entre os mesmos.

Em suas memórias vemos críticas às mudanças ambientais, preocupação com a degradação ambiental, com as mudanças alimentares que impactam na saúde da população, lamenta pela falta de união das populações com a natureza e a industrialização de alimentos que levam a doenças. Auxiliadora traz à tona as narrativas silenciadas de mulheres trabalhadoras dos seringais, em especial no âmbito das casas dos patrões, daquilo que é o mais íntimo dos barracões, quebrando paradigmas sobre a vida das famílias dos donos de seringais, mostrando as mudanças presentes ao longo dos anos

nesse cenário econômico que impunha as condições mais adversas e árduas aos seus trabalhadores.

1.2 Manoel André de Paes



Figura 2 – Fotografia Manoel André em Santa Bárbara

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Morador até os dias atuais na comunidade de Santa Bárbara, antigo seringal abordado nessa pesquisa, Manoel André é figura de grande destaque nesse local. Suas narrativas e memórias transpassam as mais profundas transformações ocorridas no âmago da Amazônia nos anos de 1940-1980. Além de seu bom humor, entregou em suas narrativas a vivacidade da experiência de vida no seringal e suas muitas ações de resistência.

Nascido em 25 de fevereiro de 1940, no Sapatinim, também localizado no rio Purus, Manoel André traz em si o olhar daqueles que experienciaram o mundo rural e ribeirinho, locais em que a floresta e do rio são elementos centrais da vida cotidiana. Chegou ao seringal de Santa Bárbara pelos seus 9 ou 10 anos de idade, e logo iniciou sua

jornada no mundo do trabalho dos seringais, encontrando desde cedo um sistema de trabalho que era marcado pela disciplina, exploração econômica e relações paternalistas.

Ao longo de sua vida, Manoel André, trabalhou com diversos patrões, como Aristides Queiroz, Mateus e Deusdina Queiroz, e mais tarde, assumiu papel de liderança em Santa Bárbara, até mesmo aviando alimentos para outros seringueiros da região. A experiência trazida nas memórias mostra as dinâmicas que ocorriam dentro do seringal, além de encontrarmos pontos focais em sua narrativa, como a decadência dos regatões, a transformação da economia gomífera, a implantação das reservas extrativistas e a implementação de programas sociais nessas comunidades, além de sua visão sobre como isso alterou os modos de viver e trabalhar.

Com grande clareza, Manoel André nos transporta para o tempo em que o rio Purus transbordava vida, das praias cheias de quelônios e os rios cheios de peixes. Tece críticas sobre as transformações nas relações de trabalho, sociais e culturais. A partir dele, adentramos nas temáticas dos festejos em Santa Bárbara, onde exercia papel fundamental. Sua narrativa é uma mostra da resistência e adaptação destes trabalhadores, que se empenhavam na dura labuta, e ainda assim, transbordavam um acúmulo de saberes tradicionais, e importante senso de comunidade.

Mesmo com as pressões do mundo do trabalho e a falta de recursos, Manoel André atuava como rezador, seringueiro, agricultor e líder local, e tantas outras funções que o escaparam à narrativa. Ao valorizarmos essas memórias e obtermos acesso a esse arcabouço de conteúdo advindo da experiência de vida de Manoel André, não estamos apenas lendo e analisando um relato pessoal, mas nos debruçando sobre um fragmento vivo da história social da Amazônia, que muito tem a enriquecer nosso conhecimento sobre os seringais, transformações sociais, econômicas e culturais.

1.3 Canuto Moisés e Maria Evangelista

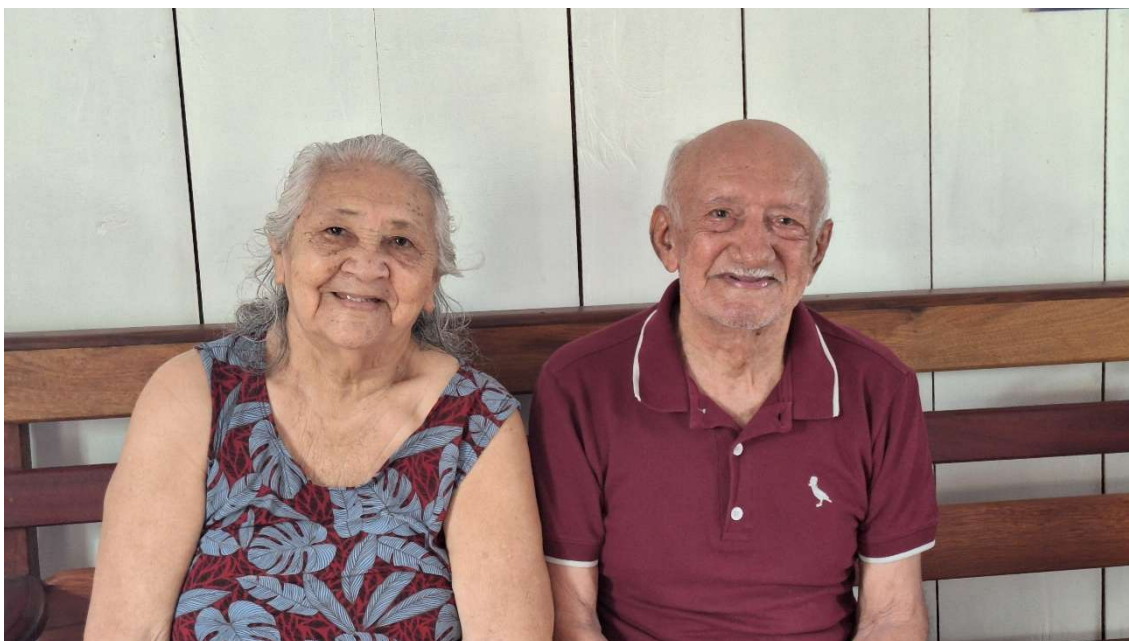


Figura 3 – Fotografia Maria Evangelista e Canuto Moisés

Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Um retrato das experiências cotidianas de homens e mulheres nos seringais, as memórias de Canuto e Maria enriquecem essa pesquisa com suas nuances mais profundas do dia a dia da população amazônica ligada a coleta do látex e seu modo de viver e experimentar o seringal, aprofundando temas como a família, o papel da mulher nessa rotina e os saberes passados de pai para filho.

Canuto Moisés, nasceu em 1932 no seringal Nova Vista, no rio Purus, ele foi um dos seringueiros de Santa Bárbara, viu e atravessou grandes transformações econômicas e sociais na região amazônica. Começou a coletar látex ainda criança, com cerca de 10 anos, e trabalhou mais de cinco décadas no ofício de seringueiro. Experiência de vida marcada pelo trabalho, o que deixou profundas memórias sobre as técnicas de coleta de látex, a forma de fazer o corte na árvore, a feitura dos materiais para utilização em seu serviço de seringueiro, como os sapatos de borracha, além de todo o processo de defumação.

No mundo do trabalho, Canuto perpassou vários afazeres, como seringueiro, agricultor e marceneiro, conhecimentos que foram repassados por meio de seu pai a ele. Relembra em suas memórias muitos desses aprendizados, assim como retrata as relações que tinha com patrões e os demais trabalhadores do seringal. Suas relações deixam claras

as formas de sociabilidade e a lógica do sistema de aviação, que imprimia tensões entre padrões e aviados.

Dona Maria Evangelista nasceu no Carmo, localidade próxima ao seringal de Santa Bárbara, também no rio Purus. Casou-se com Canuto ainda em Nova Vista e compartilharam juntos uma vida intensa nos seringais. Mãe atenciosa, dona Maria trouxe na memória o cuidado com os filhos no seringal, a rotina de agricultura e afazeres domésticos, essenciais para que a vida no seringal pudesse ocorrer.

Canuto e Maria viveram no seringal de Santa Bárbara por cerca de 13 anos, trazendo nas memórias a marca do trabalho com a borracha e seus vínculos com a comunidade. São sujeitos que participaram das transformações ocorridas dentro dos seringais, viveram e experienciaram a decadência da produção e a própria saída dos trabalhadores dos seringais para as cidades, em busca de condições de vida melhores.

A memória social desse casal vai muito além da experiência individual, imprime e representa homens e mulheres que foram por muito tempo invisibilizados da história oficial, agentes de grande impacto na vida social amazônica, símbolos do esforço, luta e resistência das comunidades rurais ao longo dos anos. Suas narrativas, incrustadas de fragmentos preciosos de memórias fazem jus a essa nova historiografia que se mostra sensível e atenta a essas vozes, arquivos vivos da nossa Amazônia.

CAPÍTULO 1

2. INTRODUÇÃO À OCUPAÇÃO DO RIO PURUS

A ocupação do rio Purus, localizado no estado do Amazonas, faz parte de um amplo processo de exploração, assim como de projetos de povoamento, da região amazônica. Com uma extensão de cerca 3.200km, este rio está localizado atualmente no território do Brasil e do Peru, sendo 90% pertencentes aos estados brasileiros do Amazonas e Acre.⁵ A fim de compreendermos melhor o entorno do seringal estudado nessa pesquisa, é necessário que observemos o ambiente em que o mesmo se encontra e seja apresentado um breve antecedente dos fatos que envolvem este local, procuramos igualmente dar ênfase na região mais aproximada dos municípios que cercam esse local, sendo eles Canutama e Lábrea.

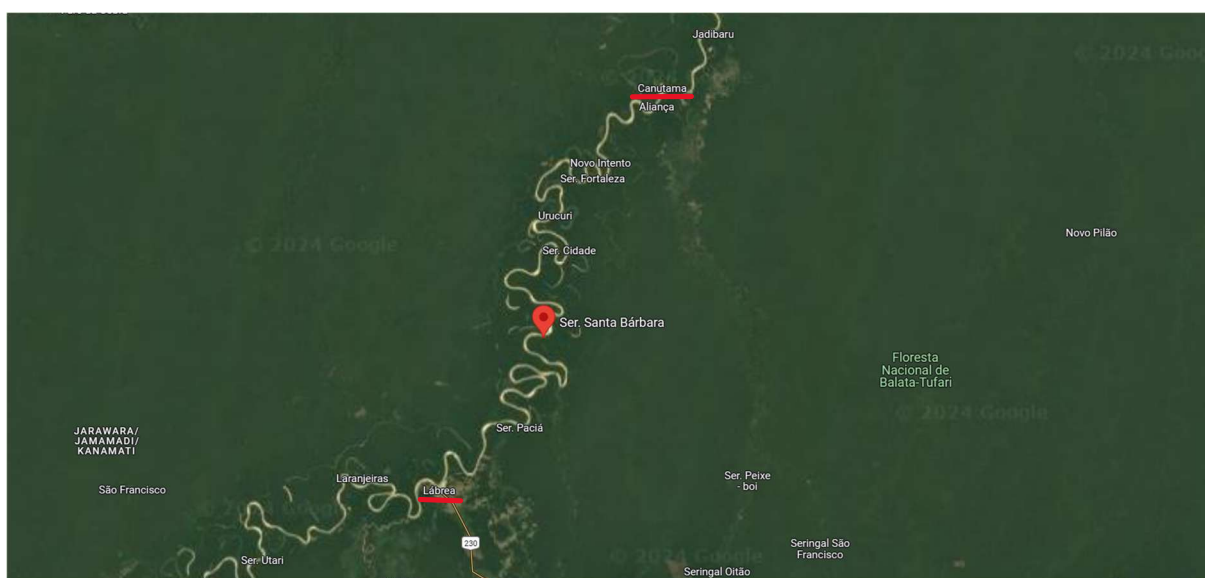


Figura 4 – Mapa aproximado do rio Purus, trecho entre Canutama e Lábrea

Fonte: GOOGLE MAPS. Seringal de Santa Bárbara. Google, 2024.

Segundo a historiografia, apesar de já conhecido, o rio Purus só iniciara seu processo de ostensivo reconhecimento, em meados de 1852, período em que é possível encontrar dados mais objetivos sobre essa região, principalmente em relação a Relatórios Provinciais. A área relativa ao Rio Purus, desde as primeiras expedições financiadas pelo

⁵ASSOCIAÇÃO DE ÁGUAS AMAZÔNICAS. **Bacia do rio Purus**. Disponível em: <https://pt.aguasamazonicas.org/bacia/bacias-principais/purus>. Acesso em: 11 nov. 2024.

governo provincial fora alvo de cobiça por suas riquezas naturais, de futuras pretensões e ocupações. Como visto no seguinte trecho citado que fora trazido por Willas Dias da Costa em sua tese de doutorado

Segundo Silva Coutinho (1863), o rio Purus era abundante em seringa, salsa, óleo, cacau, castanha etc. e que seus terrenos se prestam perfeitamente ao cultivo de café, algodão, cana, mandioca, arroz, milho, feijão e outros gêneros. Logo, todo o interesse nesta região era devido, sobretudo, às grandes áreas de seringais que ali se deparavam, e essa grande diversidade de seringais e castanhais, como também de outras espécies de interesse comercial, se dava pela existência de extensos ambientes de várzea, ou seja, o Purus encontra-se localizado em uma área que constantemente está sendo renovada pela deposição de materiais (argila e areias), fazendo com que o solo da região apresente uma ótima fertilidade e abundância de espécies, tanto de origem animal quanto vegetal.⁶

Entre as primeiras expedições oficiais ao rio Purus, temos conhecimento da que fora dirigida por Serafim da Silva Salgado em 1852, que em seu resumo de viagem colaborou para que pudéssemos observar a presença de algumas nações indígenas na região, entre elas, são citados os Purupurus, Jamamadis, Canamarys, Cucamas, Apurinãs e Oinamaris.

Entre os personagens que se destacam em relação a ocupação do rio Purus, em especial no perímetro desta pesquisa, podemos citar Manoel Urbano da Encarnação e o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre. Manoel Urbano obteve destaque como um dos primeiros exploradores do rio Purus, fazendo parte de um movimento de “alargamento de fronteiras econômicas na floresta”,⁷ além de encabeçar as atividades de “arregimentador de indígenas para o trabalho”.⁸

Adquirindo seu conhecimento a partir das viagens que havia feito no próprio Purus, seja devido as “incursões comerciais ou agenciamentos diversos de força de trabalho indígena”,⁹ os relatos de Manoel Urbano foram muito importantes, colaborando com as expedições do Major Silva Coutinho e William Chandless.

⁶COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 32.

⁷CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. **O Eldorado dos Deserdados: indígenas, escravos, migrantes, regatões e o avanço rumo ao oeste amazônico no século XIX**. Tese (Doutorado) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017, p. 144.

⁸*Ibidem*, p. 144.

⁹*Ibidem*, p. 144.

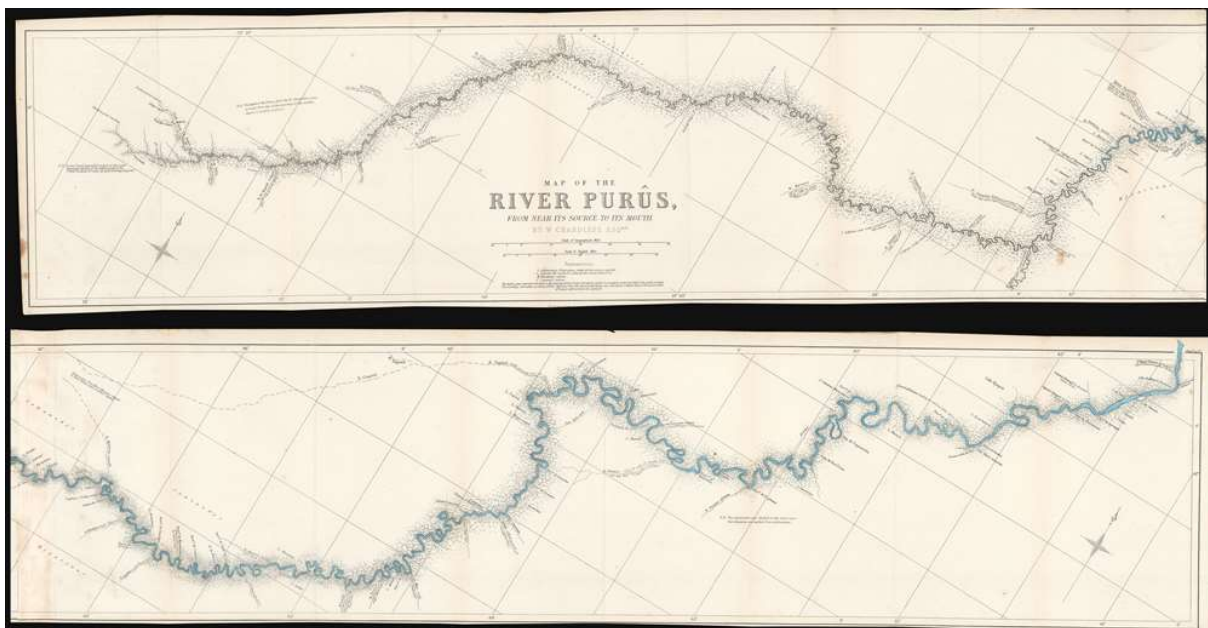


Figura 5 – Mapa do Rio Purus, 1866.

Fonte: William Chandless.

Em 1861, a segunda expedição encomendada pelo governo amazonense fora confiada a Manuel Urbano, que apesar de “saber as letras”,¹⁰ não gostava de escrever, como nos conta Sebastião Ferrarini, sendo assim, obtivemos o seu relato de viagem por meio de João Martins da Silva Coutinho. Em relação a própria figura de Manuel Urbano, vemos o comentário de Sebastião Ferrarini no seguinte trecho:

A segunda expedição encomendada pelo governo amazonense foi confiada ao prático Manuel Urbano que, segundo Tavares Bastos, trata-se de um filho dos Mura, nação valente e destemida das cercanias do Solimões-Amazonas-Negro-Madeira. Era um homem audaz. Inspirava zelo. Tratava bem o gentio lá onde o encontrasse. Esse homem de grande bravura, dirigiu a segunda expedição pelo Purus no ano de 1861.¹¹

Nesta expedição, Urbano também tratara de observar alguns afluentes do Purus, assim como tentar encontrar uma comunicação entre este rio e o Madeira. No relato sobre

¹⁰FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 34.

¹¹FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 33.

a viagem, são citadas mais nações indígenas que tinham a região do Purus como morada, no afluente do Purus, o Ituxy, trouxe os nomes dos Ipurinã, Jubery, Jamamady, Canomory, Manetenery e Pamane. Não encontrara nenhuma passagem que interligasse o rio Purus ao Madeira e seu relato fora escrito por João Martins da Silva Coutinho. Fora também juntamente com João Martins da Silva Coutinho que Manoel Urbano empreendeu a 3ª viagem oficial ao Purus, dessa vez, o relato fora escrito por Sinval Odorico de Moura em 1863, em que cita em número de 18 as nações conhecidas no Purus e comenta, entre outros produtos, sobre a cultura da seringa.¹²

Manuel Urbano navegou pelo rio Purus, assim como outros rios amazônicos, mas acabou residindo no Purus e firmando lá sua família. A área de Canutama era de propriedades dele, e permaneceu assim até meados da década de 1890. Após negociações para que Urbano vendesse sua propriedade para servir de sede da vila, fora feito uma declaração pública em 1894, por meio do Tenente Coronel Raymundo Gomes de Araújo, acerca da posse do local que havia sido comprado à Intendência Municipal da Vila de Canutama.¹³ Apesar disso, Urbano ainda possuía outras propriedades no Purus, mas segundo Ferrarini, “[...] Canutama fora um dos primeiros núcleos a surgir no Purus, e foram Manoel Urbano e Antonio Labre os primeiros a se fixarem”.¹⁴ Urbano fora peça chave na fundação da cidade de Lábrea, colaborando com a instalação do Coronel Labre no lugar chamado Amaciari, terra dos povos Paumaris, como vemos no trecho escrito por Ferrarini acerca desse processo:

Foi em Belém do Pará que Labre decidiu-se a vir ao Purus ou talvez ao Juruá. Mas o destino ficou decidido quando encontrou-se com um filho de Manoel Urbano. Com o filho de Urbano, mandou Labre dois escravos esperarem-no em Canutama, pois aí residia Urbano. Em dezembro do ano de 1869, depois de ter ido de Belém ao Maranhão, entrou pelo Purus pelo vapor Madeira (este foi o 1º barco a vapor da Cia Fluvial do Alto Amazonas a ter entrado no Purus). Chegando em Canutama, combinou com Urbano para lhe mandar preparar um lugar rio acima. Nesta ocasião deixou mais dois escravos. Voltou ao Maranhão para buscar mais gente. Em junho de 1871 regressou com gente e mercadoria. Nesse meio tempo Urbano enviou gente a preparar o lugar para Labre no sítio Atahiry, acima da boca do Ituxi. Sabendo Labre que este era o local, ficou desgostoso, porque desejava uma colocação abaixo da boca do Ituxi, pois pretendia explorar este rio. Ora na embocadura do Ituxi morava o filho de

¹²FERRARINI, Sebastião. **Lábrea: 1881 Ontem – Hoje 1981**. Pref. de Robério Braga. Manaus, Imprensa Oficial, 1981, p. 37.

¹³FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 41.

¹⁴FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 55.

Urbano de nome Braz. Este não gostou da notícia de que Labre iria passar por ali, pois não queria recebê-lo em sua casa. Labre por sua vez não se agradou da terra que lhe foi indicada e menos ainda de ter que ir até Utary, pois o que queria não era várzea, mas terra firme. Fizeram então a proposta a Labre de se apossar de uma terra firme que ficava abaixo da boca do Ituxi. Agradando-se com isto, o navio aí arribou e Labre tomou posse do lugar denominando-se logo de Lábrea.¹⁵

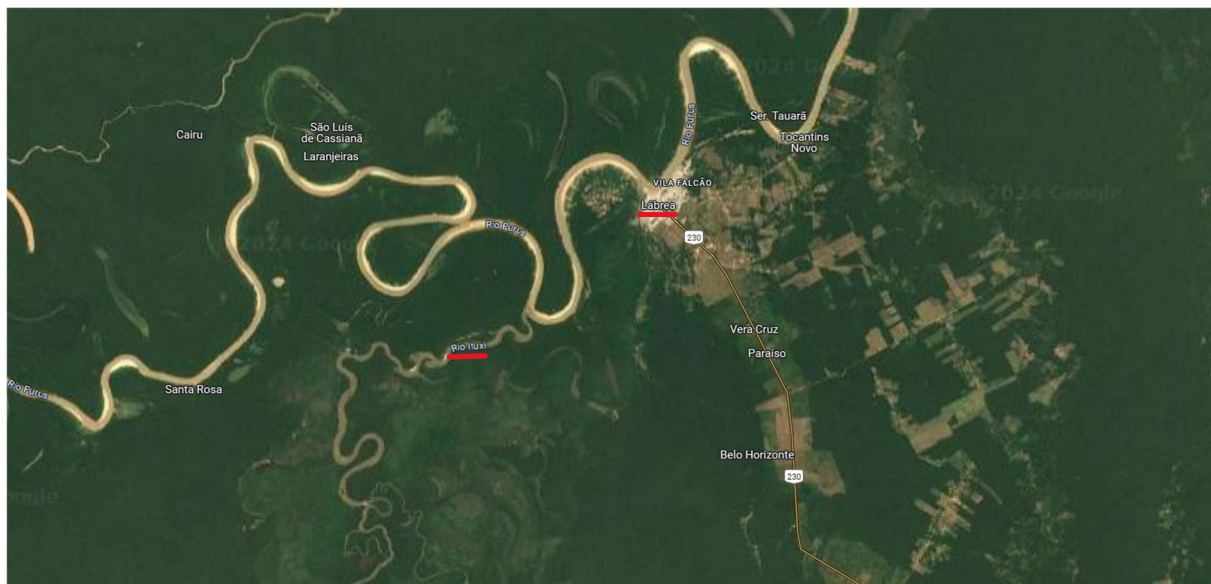


Figura 6 – Mapa de 2024, localização Rio Ituxi e Lábrea

Fonte: GOOGLE MAPS. Rio Ituxi. Google, 2024.

Com o início da navegação a vapor e o desenvolvimento da produção da borracha, facilitando a locomoção pelo rio Purus, Labre pôde dedicar-se em diversas empreitadas e planejamentos, entre eles, o da construção de uma estrada ligando Lábrea a Humaitá, intenções de ligação de Lábrea ao Beni boliviano, expedições pelo rio Acre, a fim de encontrar um local para construção de estrada de ferro e ampliar seus negócios, mirando também em uma potencial comercialização de gado.

Apesar de sua tardia exploração, em comparação com outros rios do Amazonas, e levando em consideração a obra de Sebastião Antônio Ferrarini, “*Canutama*”, em que este comenta sobre o fato de que até 1850 o Purus ainda era uma incógnita em diversos âmbitos, até mesmo o territorial, vemos que a localização da “*Hevea brasiliensis*” na região impulsionou fortemente a ocupação exploratória ao longo do rio, dando início ao

¹⁵FERRARINI, Sebastião. **Lábrea: 1881 Ontem – Hoje 1981**. Pref. de Robério Braga. Manaus, Imprensa Oficial, 1981, p. 55.

que o autor chama de “intensa correria pela bacia do Purus”,¹⁶ ao que se deve o destaque a Canutama que como vemos nessa obra mostra como esse local acabou obtendo visibilidade entre os demais da região devido questões econômicas em relação a exploração da borracha, o que gerou, juntamente com outros fatores, uma forte migração para a região.

	<i>Exportação de do Purus</i>	<i>1881 a 1883 do Madeira</i>
Borracha	5.423.164 kg	3.543.995 kg
Castanhas	40.749 hl	10.913 hl
Óleo de Copaíba	34.253 kg	11.908 kg
Pirarucu sêco	307.103 "	26.438 "
Salsaparrilha	5.729 "	281 "
Cumaru	1.073 "	970 "

Figura 7 – Exportações de 1881 a 1883 (Do Purus e do Madeira)

*Fonte: “O Rio Purus”, Euclides da Cunha, 1960.*¹⁷

Com a valorização da borracha, pessoas que se deslocavam principalmente vindas do nordeste brasileiro, chegavam na Amazônia para trabalhar nos seringais. Muitos dos que se encaminhavam para o Purus, assentaram-se no local fundado pelo Coronel Labre, segundo nos conta Antonio C. R. Bittencourt, em “*O Município de Lábrea: notícia sobre a sua origem e desenvolvimento sobre o Rio Purus*”.¹⁸ Esses migrantes vinham para a região amazônica motivados por diversos fatores, entre eles, podemos citar alguns dos que são trazidos por Antônio Carlos Galvão da Silva:

O deslocamento de tantas pessoas, [...], foi motivada por vários fatores como, por exemplo, fugir da condição de miséria, principalmente no campo, alicerçada por questões de conflitos e alargada ainda mais devido às secas da segunda metade da década de 1870 e, posteriormente a de 1904 e 1942, pela deflagração da Segunda Grande Guerra Mundial bem como pelo sonho de ficar

¹⁶FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 15.

¹⁷CUNHA. Euclides da. **O rio Purus**. SPVEA – Coleção Pedro Teixeira. SPVEA, Rio de Janeiro, 1960, p. 83.

¹⁸BITTENCOURT. Antonio C. R. **O Município de Lábrea: notícia sobre a sua origem e desenvolvimento sobre o Rio Purus**. Typographia da Livraria Palais Royal, Manaus, 1918, p. 38.

rico e poder voltar à sua terra para viver em condições dignas de um ser humano.¹⁹

Os constantes movimentos exploratórios sobre a região do Purus em busca da borracha, trouxeram para esse rio, assim como para seus afluentes, grande destaque e uma grande quantidade de seringais em seu percurso. Durante o processo exploratório e de ocupação, muitos povos indígenas foram massacrados, forçados a condição servil nos trabalhos dos seringais ou tiveram que refugiar-se longe dos seus locais de origem, sendo a região do Purus bastante marcada por confrontos recorrentes.

Não sabemos a data exata de fundação do seringal de Santa Bárbara, mas levando em consideração sua localização entre o município de Lábrea e Canutama, iremos observar como, partindo de outras pesquisas, aqui também o comércio da borracha possuía papel importante:

[...], o município de Lábrea foi, desde o início, caracterizado pelo extrativismo, com destaque para a borracha como produto mais procurado e que contribuiu mais fortemente para o progresso da região, acompanhado posteriormente por outros produtos como a castanha, a sorva, os óleos de copaíba e andiroba e a madeira.²⁰

Em sua obra “*O rio Purus*”, Euclides da Cunha informa que “A exportação total do Purus em 1892 pesava sobre os mercados com 3.459.455 quilogramas de borracha, mais que o dobro da de 1885”,²¹ e completa afirmando que Lábrea aparecia com as parcelas mais expressivas de receitas e despesas das intendências do Amazonas. Na mesma obra, verificamos que a produção de borracha continuou sendo o ponto forte da economia da região, e fora aumentando com o passar dos anos, sendo “5.520.000

¹⁹SILVA. Antônio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo**. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008, p. 55.

²⁰SILVA. Antônio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo**. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008, p. 59.

²¹CUNHA. Euclides da. **O rio Purus**. SPVEA – Coleção Pedro Teixeira. SPVEA, Rio de Janeiro, 1960, p. 84.

quilogramas em 1900; 6.016.000 em 1901; e em 1902, 6.750.00, isto é, mais de um terço da produção total do Estado do Amazonas”.²²

Sabe-se que nos anos de 1910, a indústria da borracha foi acometida por uma grande crise, subindo a borracha de um valor de aproximadamente 3 dólares, para menos de um dólar e vinte centavos em poucos meses.²³ Esse aumento na valorização da borracha e sua longa queda, devem-se a alguns fatores, entre eles a produção da borracha na Ásia, que começava a dar sinais de sucesso, como vemos na apreciação de Bárbara Weinstein:

Parece perfeitamente compatível com o caráter particularmente dramático da expansão da borracha da Amazônia o fato de que os preços atingiram seu ponto mais alto no exato momento em que o mercado da borracha silvestre oscilava à beira do colapso. Para tornar pior o que já estava mau, a causa real dessa febre de última hora da borracha era exatamente aquilo que iria desferir o golpe fatal na economia extrativa da região. Após vinte anos de trabalho dedicado de botânicos e de empresários britânicos, as plantações de hévea na Ásia tinham, afinal, começado a produzir borracha em quantidades consideráveis. A consequência imediata foi a frenética constituição de corporações desejosas de garantir uma fatia da nova prosperidade da borracha, e esses investimentos empurraram pra cima os preços da borracha em todo o mundo industrial. Seu efeito final, porém, foi ao mesmo tempo, consolidar as bases financeiras da ainda incerta economia de cultivo, e derruir as do negócio da borracha silvestre.²⁴

Entre os anos de 1910 a 1919, a produção asiática passou de 8.753 toneladas para 381.860, enquanto a do Brasil fora de 40.800 toneladas para 34.285 nos mesmos anos, mostrando o grande salto produtivo asiático,²⁵ essa produção logo conseguira abafar a economia da borracha silvestre, e os estados com o Pará e o Amazonas não conseguiram acompanhar ou superar tal episódio, tendo suas despesas abaladas, tão pouco conseguiram lutar para reverter essa situação.

Passados os anos, já no contexto da Segunda Guerra Mundial, vemos um novo olhar sobre o comércio da borracha na Amazônia, que devido à “interdição japonesa aos

²²CUNHA. Euclides da. **O rio Purus**. SPVEA – Coleção Pedro Teixeira. SPVEA, Rio de Janeiro, 1960, p. 85.

²³WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 241.

²⁴WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 243.

²⁵WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 247.

mercados tradicionais do sudeste asiático”²⁶ voltou a se tornar uma alternativa atrativa e urgente em relação ao fornecimento de borracha para os Estados Unidos. Isso, porque o abastecimento de borracha para a produção industrial, mesmo antes da guerra, já era um desafio para o país devido à alta dependência de importação dessa matéria-prima e importância por sua larga utilização em produtos bélicos ou não, que durante a guerra, ganhou ainda mais destaque, principalmente na indústria de pneus, por contribuir com a “revolução no transporte individual de longa distância”.²⁷

O uso em si da borracha enquanto matéria-prima durante as guerras também aumentou significativamente, como comenta María Verónica Secreto em “*A ocupação dos ‘espaços vazios’ no governo Vargas: do ‘Discurso do rio Amazonas’ à saga dos soldados da borracha*”, durante a Primeira Guerra Mundial, cada pessoa em serviço militar utilizava 16 quilos de borracha, enquanto na Segunda Guerra Mundial essa quantidade passou a ser de 98 quilos, sendo então considerado um material de extrema importância.²⁸ Vemos no seguinte trecho de “*Economia da Borracha na Amazônia*” de Patrícia Melo o deslindar da situação

Em 1942, o Brasil teve que tomar uma decisão e entrou na guerra do lado dos Aliados. Essa decisão permitiu que fossem firmados os Acordos de Washington com os Estados Unidos para a montagem de uma grande operação destinada a estimular a produção de borracha na Amazônia, a providenciar os trabalhadores necessários e todos os recursos financeiros para resolver os problemas de crédito e de transporte do produto para os Aliados. Este conjunto de ações foi chamado de Batalha da Borracha.²⁹

Os acordos estratégicos foram traçados entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos nesse período a fim de impulsionar e aprimorar a produção da borracha, alimentando um ideal de “ressurgimento do comércio de borracha na Amazônia”,³⁰ acelerado pela entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a borracha silvestre fora uma das opções para suprir as necessidades mais imediatistas da indústria,

²⁶GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, p. 19.

²⁷GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, p. 23.

²⁸SECRETO, María Verónica. **A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 123.

²⁹SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1, p. 42.

³⁰GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, p. 26.

isso até que a borracha sintética tomasse a maior parte desse espaço e fizesse novamente a silvestre perder importância nesse comércio. Sobre esse momento e os planos criados pelos Estados Unidos que foram abraçados pelo governo brasileiro, Willas Dias da Costa comenta

No início de 1941, a produção da borracha era de 18.233 toneladas graças a presença de 34.000 seringueiros. Mas em 1945 a produção alcançou a marca de 32.300 toneladas devido ao deslocamento de 25 mil trabalhadores para as regiões onde se encontravam os seringais. A política americana chegou a atrair 50 mil novos seringueiros para a Amazônia.³¹

Apesar da importância da extração da borracha no setor econômico, e do já bastante discutido declínio gomífero na Amazônia, Sebastião Ferrarini nos mostra a forma como esse fato abala um município como o de Canutama, ao qual pertence o seringal estudado nessa pesquisa, como vemos no seguinte trecho:

Depois desta data [1939], a queda econômica do município foi muito grande. Hoje chegou a um ponto muito crítico.

Obviamente que a borracha era a que pesava mais na balança.

Todavia por volta de 1940, as seringueiras já envelhecidas davam leite em quantias ínfimas. Muitos recorrem a expedientes que não eram permitidos, como solução de aumentar a produção. Começou o uso de mutás ou miotás.³²

Apesar do aumento na produção da borracha, e das já aplicadas flexibilizações das técnicas de coleta do látex, essa ainda ficou aquém do esperado, longe de suprir as demandas que cresciam cada vez mais. Segundo María Verónica Secreto, entre os anos de 1943 e 1946 a produção brasileira de borracha alcançou o nível de 42,8 mil toneladas, mas o consumo dos Estados Unidos em um único ano, o de 1943, foram de “332,7 mil toneladas de borracha vegetal, 173,6 mil toneladas de borracha sintética e 162,7 mil de borracha regenerada”.³³ Essa política mais ofensiva, em diversos âmbitos, acabou resultando na morte de muitos desses trabalhadores seringueiros migrantes, pelas doenças

³¹COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 44.

³²FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980, p. 76.

³³SECRETO, María Verónica. **A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 123.

e o próprio abandono do Estado, que já em 1943 cortara a assistência às famílias desses sujeitos, aos protestos das mulheres. Segundo Patrícia Melo

Milhares morreram ou, simplesmente, desapareceram na floresta. A prometida assistência às famílias foi cortada pelo governo brasileiro, ainda em 1943, quando estavam todos trabalhando nos seringais. Os protestos das mulheres foram intensos, mas de pouco efeito. Em 1946, foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a campanha da borracha. Os depoimentos das autoridades eram confusos. Nem mesmo conseguiam saber quantos trabalhadores haviam sido levados e, mais grave, nem onde eles estavam!

Somente depois da Constituição de 1988 é que os ‘soldados da borracha’ conseguiram garantir uma pequena pensão no valor de 2 salários mínimos como forma de reconhecimento pelos serviços prestados ao Brasil.³⁴

María Verónica Secreto comenta que em 1945 a imprensa internacional já falava do desastre que fora a campanha da borracha e especulava entre 25 mil mortos ou desaparecidos.³⁵ Além de todos esses fatores, acrescentasse que por vezes a situação deles se converteu em “uma espécie de escravidão por dívida”,³⁶ processo já bem conhecido na historiografia que aborda as temáticas sobre os seringais na Amazônia e que já ocorria antes mesmo dos funcionamentos dos planos americanos.

O Governo brasileiro sofreu pressão para que isso não ocorresse e fez alguns movimentos por meio de decretos para evitar a exploração desses trabalhadores durante esse período, porém as práticas ainda assim continuaram. Essas ações de “práticas de dominação” são analisadas como questões “permanentes e características do sul do Amazonas”,³⁷ visto que reverberam de diversas formas até os dias atuais, como vemos em pesquisas como a de Willas Dias da Costa sobre os padrões do Purus.

2.1 Seringal de Santa Bárbara

³⁴SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1, p. 43.

³⁵SECRETO, María Verónica. **A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007, p. 131.

³⁶COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 46.

³⁷COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 46.

O seringal estudado nessa pesquisa faz parte atualmente do território de Canutama, município que segundo consta em dados do IBGE, possuía em 2022 uma população de 16.869 habitantes, com uma estimativa de 17.885 para o ano de 2024. Em relação ao salário médio mensal dos trabalhadores formais em 2022, apresenta o quantitativo de 1,5 salários mínimos e uma população ocupada³⁸ de 6,01%, aparecendo na classificação deste quesito na posição 5.400º de 5.570 quando comparado com outros municípios, já em relação ao percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até ½ salário mínimo, vemos que em 2010, era de 55,9%.

Em relação a educação, ocupa a posição de 5.501º de 5.570º quando observada a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, comparado a outros municípios do Brasil no ano de 2010, já quando comparado com os municípios do Estado no mesmo ano, ocupada a posição 41º de 62º. A estatística muito se assimila na área econômica, tendo o município um PIB per capita em 2021 de R\$9.656,23, ocupando quando comparado a outros municípios do país a posição 5.012º de 5.570º e no Estado de 43º de 62º.

Ao observarmos os dados trazidos pelo IBGE em relação a saúde, vemos que Canutama possui uma taxa de mortalidade infantil em 2022 de 17,14 óbitos por mil nascidos vivos, ocupando a posição 1.537º de 5.570º quando comparado a outros municípios do país, e 32º de 62º quando comparado com os municípios de Estado. Na categoria de meio ambiente, observamos que este município possui uma área urbanizada de 2,67 km² em 2019, e apenas 11,3% de esgotamento sanitário adequado em 2010. Em relação a área da unidade territorial, em 2022 era de 33.642,732 km², o que o pôs em posição de 27º de 5.570º quando comparado com outros municípios do país, e em 17º de 62º em nível estadual, o que mostra as grandes dimensões dessa unidade, todas essas informações podem ser encontradas no painel “panorama” de Canutama no site do IBGE.³⁹

³⁸Pessoas ocupadas, segundo trecho do glossário do IBGE: São classificadas como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período, trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.) ou em trabalho sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio ou, ainda, as pessoas que tinham trabalho remunerado do qual estavam temporariamente afastadas nessa semana.

³⁹IBGE, 2024. **Canutama**. Disponível em: [IBGE | Cidades@ | Amazonas | Canutama | Panorama](#). Acesso em: 06/12/2024.

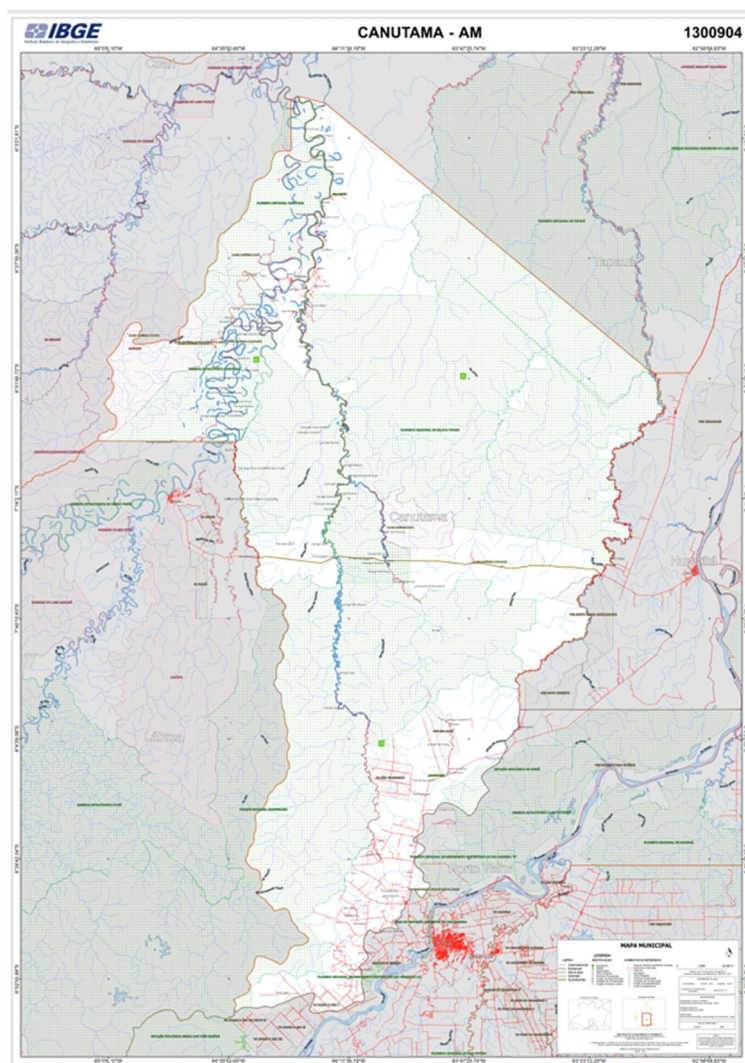


Figura 8 – Mapa municipal Canutama

Fonte: IBGE, 2024.⁴⁰

As notícias acerca de Santa Bárbara nos jornais, nos revelaram algumas informações sobre sua história, apesar da rareza de suas aparições nos periódicos, vemos no “Jornal do Commercio” de 19 de novembro de 1907, uma das citações mais antigas encontradas sobre essa localidade, na coluna de título “Exposição Nacional”, com subtítulo “Contribuição do Estado do Amazonas”, vemos a seguinte notícia, transcrita:

Exposição Nacional

Contribuição do Estado do Amazonas

Escreve-nos a comissão:

⁴⁰IBGE, 2024. **Mapa Canutama**. Disponível em: [A0_1300904_MM.pdf](#). Acesso em: 06/12/2024.

Chegou hontem do rio Purús o nosso illustre collega de commissão Agnello Bittencourt, que para ali seguiu afim de fazer a propaganda em favor do grande certamen nacional de 1908.

As notícias que nos trouxe são as mais lisongeiras, pois que as commissões parciais de Canutama e Labrea trabalham activamente para conseguir a maior somma de amostras de productos de que aquelle rio é tão rico. Os especimens já reunidos e os que ainda se conservam esparsos, dão ideia da animação dos concorrentes á grande feira. Em breve estarão todos aqui, além dos que vieram pelo nosso companheiro, que pessoalmente conferenciou com as principaes influencias commerciaes e politicas desse rio, economicamente o mais importante do Estado.

O Ayapuà, sómente, enviou 108 amostras dos seus productos naturaes, conservando ainda outras, que virão opportunamente, tudo devido ao incansavel esforço da exma. sra. d. Felicidade A. R. de Mello e do sr. dr. Adelino C. da Costa.

O sr. Clarismundo Pereira da Silva, commerciante localisa lo em Arumã, remeteu nos bellas amostras de madeira de lei.

O sr. Amandio Nogueira, da mesma localidade, aguarda oportunidade para mandar-nos plantas medicinaes e madeiras.

O sr. Leonardo Parente, professor publico em Nova Colonia, comprometteu-se em reunir e enviar-nos uma pequena porção de samaúma e tamanqueira.

O sr. Adriano Antonio M. de Campos, activo e intelligente industrial de Canutama, concorrerá com obras de marcenaria e amostras de madeiras que se prestam áquelle mistér.

O sr. major José Ribeiro, advogado ali residente, enviar-nos-á isca natural e outros productos que está reunindo.

O sr. Aristides Coelho, actualmente na gerencia do importante seringal «Tambaqui», á margem do Purús e socio da conhecida casa commercial *Pac Royal* desta praça, enviar-nos-á amostras de um vegetal (cipó), que tambem produz a gomma elastica.

Muitas outras são ainda as pessoas que têm concorrido e concorrerão, entre ellas: o major Manoel Fernandes de Oliveira, de Macuripary; Tavares & Gomes, de Guajratuba; Luiz Soares Monteiro, de Piranhas; Manoel Loureiro, de Contra-Fé; coronel José Fernandes Simões, de Salvação; tenente-coronel Erico Torres da Costa, de Vista Alegre; Prudencio Lopes de Souza, de Paraizo; Carlos Simões, de Santa Rosa; Antonio José Loureiro, de Santa Barbara; Christiano C. de Sant'Anna; Lucas de Seixas, de Berury; Francisco Cordeiro Velloso, de Paxiúba; e diversos outros cujos nomes de [...] nos escapam.

*
**

A commissão parcial de Canutama para angariar e reunir todos os donativos desse município, foi organizada da seguinte fôrma: presidente dr. Joaquim Jorge de Britt'Inglez, juiz de direito da comarca; membros: coronel José Joaquim Dias de S[...] Lin[...]go, super intendente municipal; tenente coronel Carlos Augusto da Fonseca, commerciante; coronel Theodoro dos Reis Botinelly; deputado estadual e chefe político da localidade; Miguel A[...]u[...]jr, commerciante; Basílio Ribeiro Alva[...]e Affonso, advogado.⁴¹

⁴¹Jornal do Commercio. Manaus, 19 de novembro de 1907.

A coluna continua apresentando a composição das comissões de Lábrea, do rio Madeira, de Manicoré e Humaitá, Santa Maria de Marmelos, Borba, além de apresentar outras informações sobre o pavilhão do Amazonas na exposição nacional de 1908. Esse evento tratava de celebrar o comércio e o desenvolvimento do país, além de realizar uma espécie de inventário do Brasil, sobre essa temática vemos que Margareth da Silva Pereira comenta

A abertura dos portos (1808) e a proclamação da Independência (1922) – ao representarem o fim do pacto colonial – deram início à inserção do Brasil em uma rede de relações com diferentes continentes e povos e delinearum um campo de lutas econômicas e políticas no interior do qual o país passou a dar visibilidade a si próprio como, a cada vez, reatualizar sua identidade.

A realização da Exposição Nacional de 1908 e as comemorações do primeiro centenário da abertura dos portos do país ao livre comércio foi um momento forte nesse processo. O evento pode ser considerado como o *grand finale* de um primeiro tempo de interações econômicas e culturais do Brasil com um mundo cada vez mais urbano e cosmopolita, que teve nas reformas do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906 uma das suas maiores expressões. No início do século XX as autoridades municipais e federais, ainda mais confiantes com as potencialidades do país, não restringiriam o programa de transformação e modernização da imagem nacional à arquitetura, ao urbanismo e ao paisagismo na Capital Federal. Em 1908 o desafio seria mais ambicioso: celebrar o próprio comércio e desenvolvimento do país, realizando, ao mesmo tempo, um “inventário” do Brasil para os próprios brasileiros.

[...]. Todos os estados da Federação organizaram pavilhões ou estandes exibindo seus avanços culturais e econômicos em álbuns, fotografias ou catálogos.⁴²

Observamos aí, uma breve participação de várias localidades do rio Purus com contribuições para a exposição, entre elas está Santa Bárbara, porém, infelizmente ainda não foi possível localizar uma fonte que contribuísse para sabermos o que fora inventariado dessa localidade pela comissão. No jornal “O Correio do Purus” de 8 de março de 1910, vemos citados os nomes de Antonio José Loureiro e o de Santa Bárbara em uma chamada acerca do pagamento de impostos, que transcrevo aqui: “De ordem do Sr. Superintendente Municipal, faço publico que estão sujeitos ao imposto municipal os seguintes contribuintes, e pagarão sem multa até 31 de Março vindouro: [...]”⁴³ Após essa chamada, iniciasse uma longa lista de contribuintes, onde encontramos o seguinte:

⁴²PEREIRA, M. A. C. S. **A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro**. Arqtexto (UFRGS), v. 16, 2010, p. 7.

⁴³O Correio do Purus. Lábrea, 8 de março de 1910.

*Fonte: O Correio do Purus. Lábrea, 8 de março de 1910.*⁴⁴

⁴⁴O Correio do Purus. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/214264/324>. Acesso em: 12/12/2024.

⁴⁶O Correio do Purus. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/214264/1124>. Acesso em: 09/12/2024.

No recorte destacado, encontramos a seguinte informação: “67. – Seringaes Santa Barbara, Assahytuba e bemfeitorias, credor Antonio José Loureiro, devedores Theodoro Botinelly & Comp., escriptura de 8 de Julho de 1911, Tabellião Severiano, Canutama.”⁴⁷ Na análise desse pequeno trecho, vemos nomes já observados no recorte de *Jornal do Commercio* de 1907, acerca da Exposição Nacional de 1908, onde também são citados Antonio José Loureiro e Theodoro Botinelly. Em termos de localização entre os seringais citados, vemos no mapa a proximidade entre Assahytuba e Santa Bárbara.



Figura 11 – Mapa da localização de Assahytuba e Santa Bárbara

Fonte: GOOGLE MAPS. Assahytuba. Google, 2024.

Sobre Antonio José Loureiro, encontramos algumas citações no *Jornal do Commercio* de 17 de setembro de 1907 na coluna “Movimento de Passageiros”, vindo do Purus para Manaus no “*Canutama*”. Na edição de 2 de fevereiro de 1911, também do *Jornal do Commercio* na “Parte Comercial, Fluvial e Marítima”, coluna “Manifestos: Importação”, encontramos citado o mesmo juntamente com as seguintes informações:

Manifesto do vapor nacional *Arinos*, entrado do rio Purús:

⁴⁷O Correio do Purus. Lábrea, 29 de Março de 1914.

Armazens Andresen 17978 kilos de borracha fina 6043 sernamby 104 sernamby de caucho; Gomes e e. 6053 borracha fina 1622 sernamby; Mello e e. 3421 borracha fina 579 sernamby; Antonio José Loureiro 1980 borracha fina 500 sernamby; Raymundo Roberto do Amaral 1131 borracha fina 346 sernamby; Semper e e. 223 borracha fina 192 sernamby; [...].⁴⁸

Outra passagem encontrada no Jornal do Commercio de 19 de agosto de 1911, na coluna “Varias”, encontramos o trecho sobre Antonio José Loureiro, agora sobre outra localidade que também fica nas proximidades do seringal pesquisado, essa localidade é chamada de Carmo, e o trecho do jornal nos diz o seguinte: “A requerimento de Manoel Rodrigues Machado e Antonio José Loureiro, foi designado o agrimensor Hermínio Pinheiro para medir e demarcar os lotes de terras denominados *S. Thomé e Carmo*, situados no município de Labrea.”⁴⁹



Figura 12 – Localização Ser. do Carmo e Ser. Santa Bárbara

Fonte: GOOGLE MAPS. Ser. do Carmo. Google, 2024.

Seguindo no Jornal do Commercio, edição de 19 de maio de 1912, vemos na coluna “INEDITORIAES” uma comunicação de J. A. Leite, em que esse deixa público que em suas ausências de Manaus, Antonio José Loureiro ficaria encarregado de todos os seus negócios e conferindo a ele plenos poderes sobre as mesmas. Pouco tempo depois,

⁴⁸Jornal do Commercio. Manaus, 02 de fevereiro de 1911.

⁴⁹Jornal do Commercio. Manaus, 19 de agosto de 1911.

em 18 de Julho de 1914, o Jornal do Commercio publicou a seguinte informação na coluna “DECLARAÇÕES”:

Aviso

José Antonio Leite, único responsável pela firma J. A. Leite, avisa ao commercio, ás auctoridades em geral e ao publico haver admittido para sócios de sua casa commercial os srs. Antonio José Loureiro e Abílio Silva e Sá, com quem constituiu uma sociedade mercantil que gyrará sob a razão de J. A. Leite e C^a, a qual assumirá a responsabilidade do activo e passivo da fima antecessora ora extincta, de accordo com o contracto social firmado nesta data.

Manáos, 16 de julho de 1914.

José Antônio Leite.

Confirmamos a declaração supra:

Antonio José Loureiro.

*Abílio Silva e Sá.*⁵⁰

No mesmo ano de 1914, o Jornal do Commercio publica um convite, na coluna “ACTOS FUNEBRES”, desvendando os laços familiares entre esses dois sujeitos Antonio José Loureiro e J. A. Leite, figuras que perpassam a história de Santa Bárbara e outras localidades no rio Purus:

Convite

Antonio José Loureiro e filhos (ausentes), José Antonio Leite e família, convidam todas as pessoas de sua amizade para assistirem a missa que mandam celebrar na Cathedral desta cidade, no sábado, 31 do corrente mez, ás 7 e meia horas, por alma de sua esposa e filha RAYMUNDA LEITE LOUREIRO, falecida em Braga – Portugal, em 26 desde mez, por cujo comparecimento desde já se confessam eternamente agradecidos.

Aproveitam este ensejo para agradecerem do íntimo d’alma a todos quantos tiveram a bondade de lhes enviar pêsames por esse transe doloroso.

Manaós, 28 de Outubro de 1914.⁵¹

Seguimos encontrando notícias que citam Antonio José Loureiro, até que em 1927, no Jornal do Commercio de 26 de agosto, surge uma nota esclarecendo que por motivos comerciais este agora adotou o nome de Antonio José d’Almeida Leite Loureiro.

⁵⁰Jornal do Commercio. Manaus, 18 de julho de 1914.

⁵¹Jornal do Commercio. Manaus, 29 de outubro de 1914.

Na edição de 25 de março de 1949 do mesmo jornal, encontramos citado, já com o nome Antonio José Leite Loureiro, este como presidente do “Sindicato das Empresas de Navegação Fluvial no Estado do Amazonas”,⁵² fazendo uma chamada para uma assembleia geral extraordinária.

Em relação ao outro nome que se repete na documentação, temos o de Theodoro Botinelly, que surge primeiro no “Jornal do Commercio” de 19 de novembro de 1907, na coluna sobre a Exposição Nacional, fazendo parte da comissão parcial de Canutama, com o dizeres: “[...] coronel Theodoro dos Reis Botinelly; deputado estadual e chefe político da localidade; [...]”,⁵³ e no jornal “O Correio do Purus” de 29 de março de 1914 surge na coluna “HYPOTHECAS” o nome “Theodoro Botinelly & Comp.” como devedores e Antonio José Loureiro como seu credor. Em “Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial” de Samuel Benchimol, em seu capítulo dedicado aos “Coronéis Governadores e Políticos: O Coronel ‘Bituca’”, nos explica:

Muitos do Conoréis de Barranco, também chamados de Beira-Rio, Beiradão e de Seringa, fizeram suas carreiras como políticos nas sedes dos municípios como prefeitos e na cidade de Manaus como deputados e governadores. Ulysses Bittencourt, em sua excelente pesquisa “*Raiz – Crônicas*”, Copy & Arte, 1985, enumera alguns grandes vultos do princípio do século, que nos governaram ou tiveram parte ativa na política e na administração pública. Alguns deles tinham patente do Exército como Augusto Ximenes Villeroy e Eduardo Gonçalves Ribeiro, Capitães de Engenharia do Exército; Gregório Thaumaturgo de Azevedo, Coronel de Engenharia; outros eram Oficiais e Coronéis da Guarda Nacional, como Ramalho Junior, Gonçalves Dias, Alberto Coelho, Guerreiro Antony, Bernardo Ramos, Francelino Araújo, Pedro de Alcântara Freire, Raul Azevedo, Camilo Amora, Luiz Antony, Afonso de Carvalho e Bento Brasil; e mais recentemente, nós acrescentaríamos os nomes dos Coronéis Lourenço Nicolau de Mello, do Rio Purus; Theodoro dos Reis Botinelly, de Canutama; José Negreiros, do rio Aripuanã e do Coronel Areal Souto, de Coari.⁵⁴

De acordo com a obra “Dicionário amazonense de biografia: vultos do passado” de Agnelo Bittencourt, Theodoro Botinelly era filho do General Jacintho Corrêa da Silva Botinelly, proprietário do seringal “Aliança” no município de Canutama, que também fora Deputado Estadual, Presidente da Assembleia de Manaus, além de ter sido eleito ao Senado, mas não chegou a tomar posse devido ao seu falecimento em 26 de março de

⁵²Jornal do Commercio. Manaus, 25 de março de 1949.

⁵³Jornal do Commercio. Manaus, 19 de novembro de 1907.

⁵⁴BENCHIMOL, Samuel. **Manáos-do-Amazonas: Memória empresarial**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Universidade do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, 1994, p. 105.

1896. Segundo Bittencourt, Theodoro Botinelly “foi o continuador da obra do pai, no trabalho de civilização do rio Purus”.⁵⁵

A partir da análise do “Diario Official” de 22 de maio de 1896, observamos que Theodoro dos Reis Botinelly encontrava-se no cargo de “superintendente da Intendência de municipal da villa de Canutama”,⁵⁶ conforme o requerimento feito pelo mesmo à Repartição de Terras, sobre um lote de terras no rio Mucuim. Na edição de 03 de abril de 1903 do jornal “Quo Vadis?”, vemos na coluna “Estrada de ferro do Purús ao Beni” que o governador havia concedido algumas licenças, entre eles está a de Theodoro dos Reis Botinelly, no cargo de “superintendente municipal de Canutama”. Passados alguns anos, encontramos no “Jornal do Commercio” de 25 de agosto de 1905, Theodoro dos Reis Botinelly já atuando no congresso, conforme a coluna que diz:

Congresso

Compareceram à sessão de hontem treze representantes.

Na 1.^a parte da ordem do dia entrou em discussão o parecer da comissão de poderes, reconhecendo representante do Estado o coronel Theodoro dos Reis Botinelly, eleito em 2 de julho do anno corrente.

Na sessão de hoje será discutido e votado o projecto n. 8, que augmenta diversos creditos na lei do orçamento vigente.⁵⁷

A partir do jornal “A Capital” de 14 de abril de 1918, tem-se notícia de que o coronel Theodoro dos Reis Botinelly havia assumido o cargo de juiz municipal de Canutama. Ao seguirmos seu rastro ainda no “Jornal do Commercio” de 25 de julho de 1922, encontramos na coluna “Através do Purus (Impressões de Joaquim Gondim) – AS DIFFICULDADES DO TRANSPORTE FLUVIAL – O COMMERCIO AMBULANTE – A SITUAÇÃO DOS SERINGAES – OUTRAS NOTAS”, em que se debatem as questões sobre a baixa quantidade de vapores que trafegam pelos afluentes do rio Purus que também produziam borracha e castanha, sobre o fato da *Amazon River* ser a única empresa que mantinha no Purus uma linha regular de navegação, fazendo suas embarcações uma viagem por mês por ele, apesar de citar no mesmo texto várias outras

⁵⁵BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021, p. 270.

⁵⁶Diario Official. Manaus, 22 de maio de 1896.

⁵⁷Jornal do Commercio. Manaus, 25 de agosto de 1905.

embarcações que também trafegam pelo rio. Vemos ainda o comentário sobre a importância da venda de lenha no período da cheia nos portos dos “proprietários ribeirinhos”,⁵⁸ na coluna o autor nos diz que

A lenha desses portos é cortada pelos trabalhadores, a razão de vinte mil réis por milheiro, sendo vendida pelos proprietários a quarenta mil réis.

Constitue uma fonte de receita que, de algum modo, tem attenuado a miséria nos seringas, evitando a completa deserção dos roceiros e extractores da gomma elástica.⁵⁹

A coluna segue com comentários muito importantes sobre o comércio ambulante nesse rio, abordando questões como leis municipais e o preço da venda das mercadorias por esses negociantes, os regatões e a própria lida dos trabalhadores seringueiros ao enfrentar a depreciação do preço da borracha e algumas das formas de resistência encontradas, como o comércio visto como “clandestino” da borracha, sendo vendida para outros que não o proprietário do seringal. Após todo esse relatório, encontramos na mesma coluna o seguinte trecho em que é citado Santa Bárbara:

Entre os seringas que se estendem desde a villa de Canutama até a cidade da Labrea, pude relacionar os de nomes *Alliança* e *Triumpho*, do coronel Theodoro Botinelly; *Forte de Veneza* e *Nova Colonia*, de Raymundo Gomes e companhia; *Novo Ariá*, de J. A. Leite e companhia; *Santo Antonio do Apituan*, de José Epiphany; *Axioma*, de José Ribeiro; *Paraíso*, de Jacob Gadelha; *Sant’Anna*, de Manoel Bezerra Sant’Anna; *Santa Cora*, de José Simões; *Santa Maria*, de José Epiphany; *Carmo*, de Manoel Machado; *Santa Barbara* e *Assahytuba*, do coronel Theodoro Botinelly; *São Francisco de Assis*, de Leonidas Cruz; *Santa Cruz do Passeá* e *Bello Horizonte*.⁶⁰

Em relação a “Theodoro Botinelly & Comp.”, encontramos poucos rastros, entre eles, cinco publicidades no “O Correio do Purus” de 1909 e uma em 1910, que fazem referência ao “Preço de madeiras da Serraria ALLIANÇA de Theodoro Botinelly & C.a.”⁶¹ Também observamos a mesma companhia em uma publicação do “Correio do Norte” de 15 de março de 1911, na coluna “Congresso Commercial Industrial e Agrícola

⁵⁸Jornal do Commercio. Manaus, 25 de julho de 1922.

⁵⁹Jornal do Commercio. Manaus, 25 de julho de 1922.

⁶⁰Jornal do Commercio. Manaus, 25 de julho de 1922.

⁶¹O Correio do Purus. Lábrea, 30 de maio de 1909.

– Entrega de medalhas a expositores”, sendo convidada a receber uma medalha de prata após ter sido contemplada pelo “Jury especial da Exposição de borracha (anexa ao Congresso Commercial, Industrial e Agrícola, realizado nesta cidade em fevereiro do anno findo.”⁶², a partir dessa publicação observamos que a Theodoro Botinelly & C. também estava envolvida com a produção de “Borracha fina em pelles e artefactos”.⁶³

Ao observarmos a obra “*O município de Lábrea*” de Antonio C. R. Bittencourt, podemos verificar que essa localidade de Santa Bárbara, ao comentar sobre as navegações no Purus, aparece como pertencente ainda ao município de Lábrea, segundo o Guia d’Amazonia de 1917, que fora trazido pelo autor ao seu texto, sendo Santa Bárbara o segundo ponto de escala dos navios que trafegavam o Purus em relação ao município de Lábrea:

O Purús é constantemente navegado por embarcações a vapor de tamanhos diversos.

Antes da actual conflagração européa, entravam no Purús mais de cem navios annualmente, todos fazendo escala pelo porto de Labrea.

Primitivamente o Municipio occupou, no percurso do Purús, 1609 milhas de extensão, approximadamente.

Com a criação dos municipios de Canutáma e Floriano Peixoto, seu território, naquelle rio, actualmente occupa 610 milhas. A distancia que vae de Manáos á Labrea é de 903 milhas, sendo no percurso do Solimões, até a fôz do Purús, 117; e d’ahi á cidade, 789; até o fim do municipio, fôz do Inauhiny, a distancia é de 1448. Estas distancias são colhidas do GUIA D’AMAZONIA, impresso na casa editora de J. J. Camara, 1917.

Como elemento de informação, aproveito, dessa obra, a lista dos logares por onde fazem escalas os navios que trafegam o Purús, com a indicação das distancias em milhas de um a outro, a partir do ponto denominado Carmo, o primeiro do Municipio da Labrea, subindo o rio [...].⁶⁴

A partir dessa informação o autor nos apresenta a seguinte tabela, onde podemos ver algumas das localidades próximas a Santa Bárbara, muitas até já citadas anteriormente, como o Carmo e Assahytuba:

⁶²Correio do Norte. Manaus, 15 de março de 1911.

⁶³Correio do Norte. Manaus, 15 de março de 1911.

⁶⁴BITTENCOURT. Antonio C. R. **O Município de Lábrea: notícia sobre a sua origem e desenvolvimento sobre o Rio Purus**. Typographia da Livraria Palais Royal, Manaus, 1918, p. 96.

97

N.º	NOMES	Estação permanente	N.º	NOMES	Estação permanente
1	Carmo.	—	55	Bota-Fogo	13 405
2	Santa Barbara	4	56	Ajuricaba	4 409
3	Assaíayuba	10 14	57	Capitury	4 413
4	Santa Eugenia	5 19	58	Metaripua	4 417
5	S. Francisco de Assis	7 26	59	Seruhiny	5 422
6	Mucuripe	3 29	60	Cassadua	10 432
7	Lenda do Sol	4 33	61	Humaythá	— 432
8	Urucuriuba	3 36	62	Canto da Fortuna	9 441
9	Onanã	1 37	63	Mussahá	3 443
10	Terra Firme do Passiá	2 39	64	Guajarahá	7 450
11	Santa Cruz do Passiá	5 44	65	Atalaia	2 452
12	Porto Tocantins	6 50	66	Lafayette	2 457
13	Tanarú	2 52	67	Água-preta	2 459
14	Novo Horizonte	8 60	68	Alegrete	4 463
15	Lábrea	5 65	69	Sia. Cruz do Alegrete	1 464
16	Boca do Itury	13 78	70	Terná	1 465
17	S. Luiz do Cassianá	10 88	71	S. Joaquim	2 467
18	S. Antonio, idem	1 89	72	Serury	2 469
19	Cahry	3 92	73	Flôres	2 471
20	Aracaty	8 100	74	Sia. Victoria	5 476
21	Iturucui	15 115	75	Boca do Itacatuí	1 477
22	Novo Mabebery	1 116	76	Ijá	1 478
23	Tanã	6 122	77	Boca do Pauhiní	2 480
24	Cacuriá	15 137	78	Canacury	16 496
25	Trombetas	8 145	79	Monte Alegre	4 500
26	Providencia	15 160	80	Boca do Lago Penery	1 501
27	Marrahá	8 168	81	Baturité	1 502
28	S. Bento	14 182	82	Pelotas	4 506
29	Sepatiny	21 203	83	Torrões	3 509
30	Boca do Sepatiny*	11 214	84	Boca do Tihuny	5 514
31	Sebastopól	11 225	85	Maripua	2 516
32	Terra Firme de S. Irmã	1 226	86	Itacema	— 516
33	Bananal	2 228	87	Morada Nova	6 522
34	S. Domingos	9 237	88	Oco do Mundo	3 525
35	Brasil	6 243	89	Montepua	6 531
36	America	6 249	90	Vera-Cruz	2 533
37	Nova Vista do Catatã	8 257	91	Urubuhá	2 535
38	Bom Jesus	10 267	92	Alogados	4 539
39	Sia. Cândida	3 270	93	S. Tereza da Ilguitã	— 539
40	Hyutanahá	11 281	94	Pouca-demora	1 540
41	Boca do Acimã	10 291	95	S. Romão	2 542
42	Cachoeira	10 301	96	S. Lourenço	3 545
43	Aradá	5 306	97	S. Bernardo	3 548
44	Itamaraty	3 309	98	Carapery	3 551
45	Searhã	9 318	99	S. Miguel	6 557
46	Sia. Cruz do Brasil	3 221	100	Anory	3 560
47	Veneza	9 330	101	Bôa-lora	6 566
48	Realza	15 345	102	Sto. Elias	— 566
49	Pey	15 361	103	Boca do Quirinhã	9 575
50	S. José	5 367	104	S. Joaquim	9 584
51	Bôa União	6 373	105	Quem-dizê	1 585
52	S. Luiz do Mamoria	11 384	106	Mapia	8 593
53	Quissã	3 387	107	Descanço	13 606
54	Hernilda	5 392	108	Boca do Itauhiní	4 610

Figura 13 – Santa Bárbara, ponto de escala dos navios que trafegavam o Purus

Fonte: “O Municipio de Lábrea”, Antonio C. R. Bittencourt, 1918.

Tendo como base essas informações, optamos pela criação de uma linha do tempo para que pudéssemos ver com maior clareza alguns dos principais movimentos que impactaram na história de Santa Bárbara, iniciando com sua presença nos periódicos sendo ligada ao nome de Antonio José Loureiro e ao município de Lábrea, posteriormente vinculada a Theodoro Botinelly e ao município de Canutama.

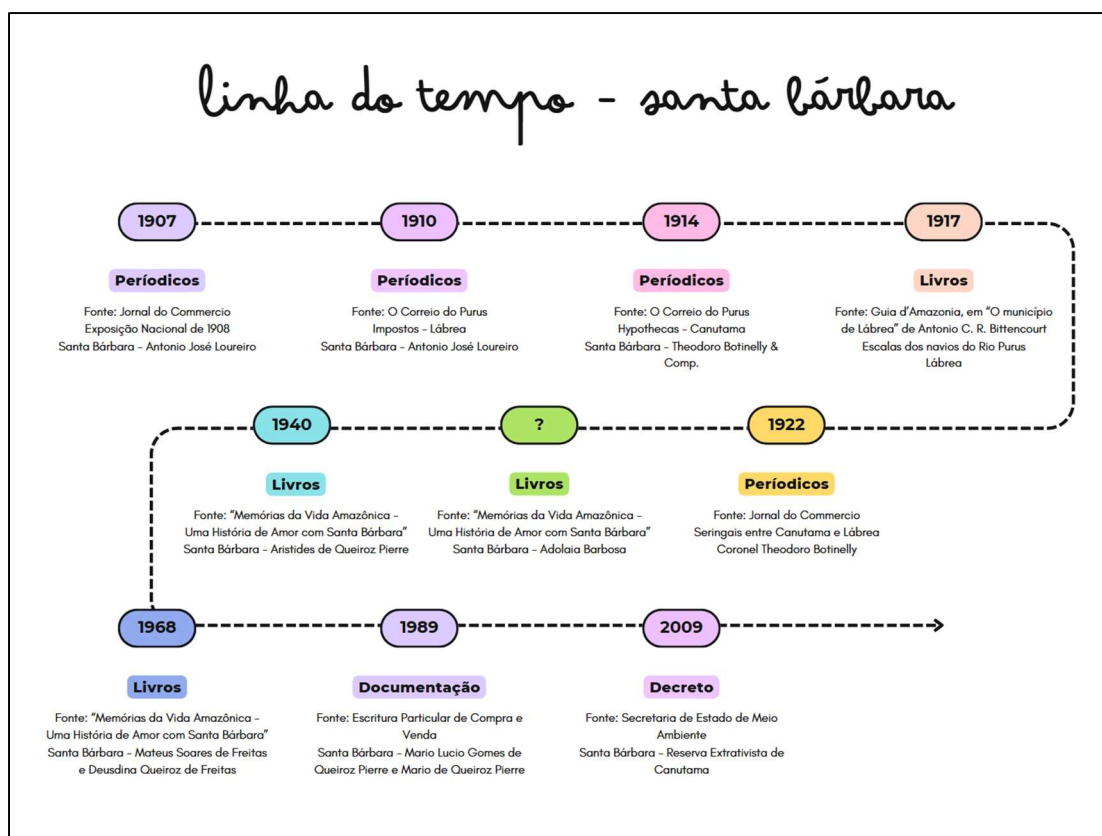


Figura 14 – Linha do tempo de Santa Bárbara

Fonte: Linha do tempo produzida por Fabiane Q. de F. Rebelo.

Entre os anos de 1922 a 1940, não pudemos encontrar mais rastros deixados por Theodoro Botinelly sobre Santa Bárbara, tão pouco sobre Adolaia Barbosa, nome que surge a partir da análise da obra “*Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara*”, escrita por Juracy Queiroz de Freitas, filha de Mateus Soares de Freitas e Deusdina Queiroz de Freitas, que tornaram-se patrões em Santa Bárbara em meados de 1968. Juracy Queiroz é neta de Aristides de Queiroz Pierre, migrante nordestino que adquiriu Santa Bárbara em 1940. A obra escrita por ela se trata de um livro de memórias de Deusdina Queiroz de Freitas, que remontam a época de migração do Ceará para o Amazonas de Aristides de Queiroz Pierre.

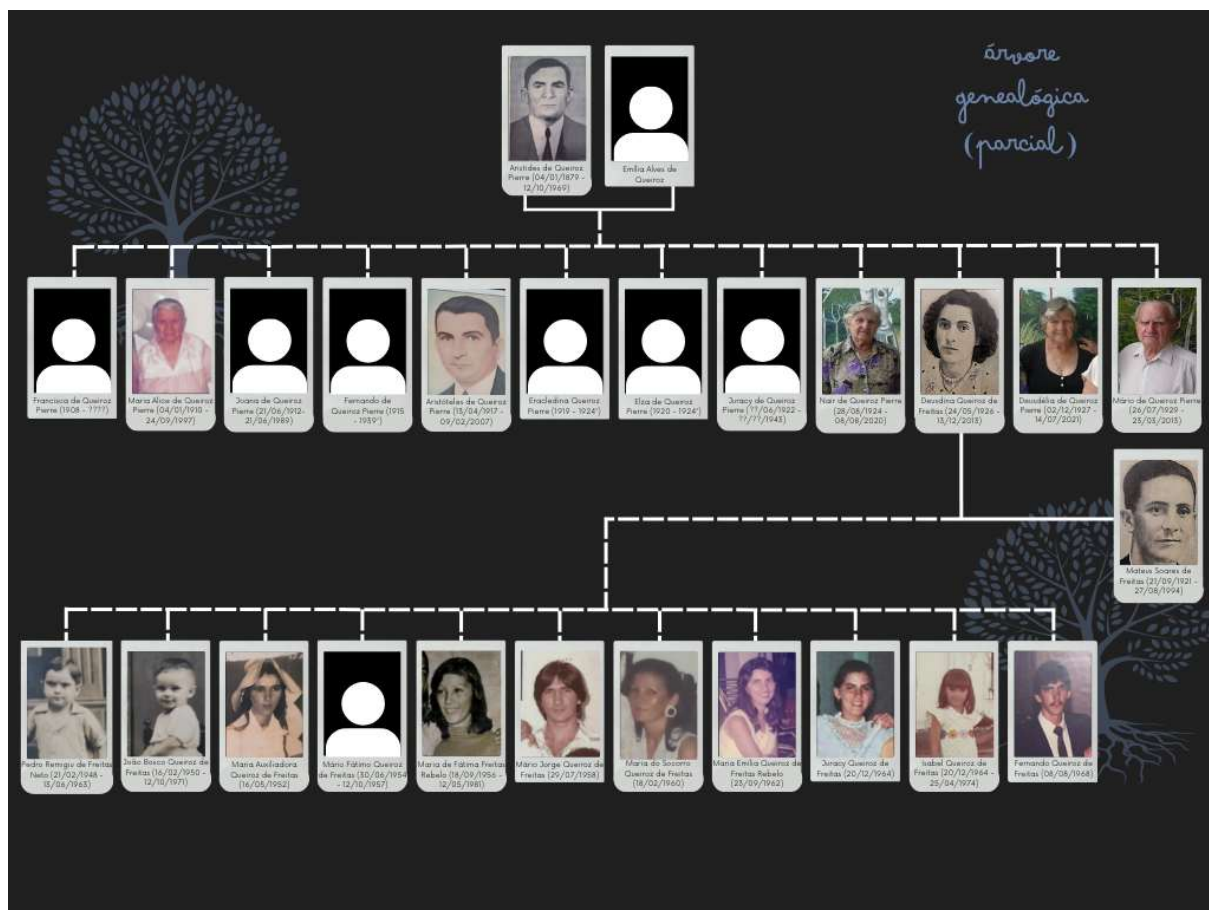


Figura 15 – Árvore Genealógica (Parcial) produzida a partir das narrativas das entrevistadas dessa pesquisa, Maria Auxiliadora Queiroz de Freitas e Maria Emília Queiroz de Freitas Rebelo, juntamente com as informações contidas no livro “Memórias de Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara” de Juracy Q. de Freitas

Fonte: Árvore genealógica produzida por Fabiane Q. de F. Rebelo, fotografias dos arquivos pessoais de Juracy Queiroz de Freitas, Mário Jorge Queiroz de Freitas e Maria Emília Q. de F. Rebelo.

Vale observar que Aristides se inclui nas narrativas das várias trajetórias de migrantes que vem para o Amazonas ao longo dos anos, no seu caso, sua migração ocorreu em meados dos anos 1896⁶⁵, essas trajetórias que acabam somando-se ao enorme mosaico de casos de migrantes nordestinos, cerca de 300.000 entre 1877 e 1920,⁶⁶ que têm motivos variados para suas saídas de seus locais de origem, vem para o Amazonas,

⁶⁵FREITAS, Juracy Queiroz de. **Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara**. São Carlos: Editora Scienza, 2023, p. 17.

⁶⁶LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha: A selva, Beiradão e O Amante das amazonas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 26.

cedem seu tempo no trabalho com o extrativismo gomífera nessa região, e alguns como Aristides, conseguem adquirir bens e optam por fixar-se a esse local. Das poucas fontes encontradas sobre a trajetória de Aristides antes de vincular-se a Santa Bárbara, encontramos seu registro de batismo, ainda no Ceará:

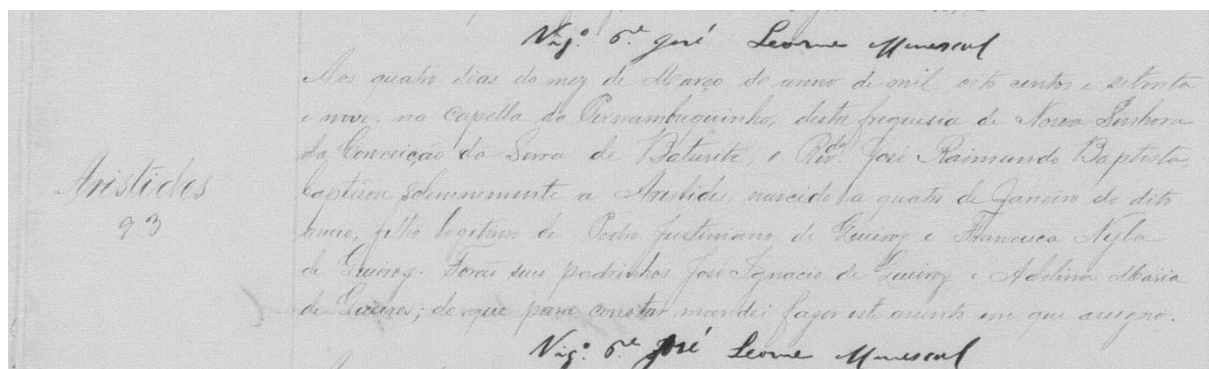


Figura 16 – Registro de batismo Aristides

*Fonte: Registro da Igreja Católica, Ceará, Brasil, em FamilySearch.*⁶⁷

No recorte, vemos a seguinte informação, transcrita livre:

Aristides

Aos quatro dias do mez de Março do anno de mil oitocentos e setenta e nove, na Capella de Pernambuquinho, desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Baturité, o Reverendo José Raimundo Baptista, baptisou solemnemente a Aristides, nascido a quatro de Janeiro do dito anno, filho legítimo de Pedro Justiniano de Queiroz e Francisca [Nyla] de Queiroz. Foram seus padrinhos José Ignácio de Queiroz e [Adelina] Maria de Queiroz; do que para constar, mandei fazer este [assento] em que assigno.

[Vigário] José Leone Menescal

Na obra “*Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara*”, escrita pela neta de Aristides de Queiroz Pierre, vemos que este saiu da cidade de Quixadá no Ceará aos dezesseis anos e veio para o norte no ano de 1896, juntamente com seu irmão, Euclides. Entre as motivações apresentadas na obra para essa migração, aparecem as propagandas, notícias e esperança de construir uma vida melhor, crença nas

⁶⁷"Brasil, Ceará, Registros da Igreja Católica, 1725-1971", database with images, *FamilySearch* (ark:/61903/1:1:668C-LZHP : Tue Jul 11 09:01:59 UTC 2023), Entry for Aristides de Queiroz and Sara de Batunta, 4 de março de 1879.

propostas de facilidade em construir bens e fortunas, além das questões relacionadas a seca que castigava a região, os problemas sociais e econômicos ali encontrados.⁶⁸

Aristides e Euclides vieram por conta própria para o Amazonas, não tendo sido trazidos diretamente pelo governo, apesar disso, conseguiram abrigo em uma hospedaria pública para imigrantes, passaram alguns dias em Manaus procurando emprego, até que encontraram pessoas que davam assistência aos imigrantes e faziam sua condução para seringais. Foram enviados para o sul do Amazonas, para a região de Canutama, onde trabalharam no seringal Floresta por alguns anos. Juracy Queiroz nos conta que os irmãos tinham o sonho de possuir seu próprio seringal, sendo assim, Aristides conseguiu juntar suas economias e adquiriu sua primeira propriedade no início do século XX, localidade chamada de São Tomé, no município de Canutama.

Apesar disso, Aristides continuou morando no seringal Floresta, trabalhando como seringueiro, até 1910, ano em que mudou-se para São Tomé, e posteriormente fora para o seringal Santo Antônio do Caynaã, trabalhando como administrador. Em meados dos anos 1924, Aristides já havia se mudado para o seringal Ilha dos Iratús, como proprietário. De 1932 a 1942 voltara a morar e trabalhar em Santo Antônio do Caynaã, e fora nesse período que conseguira comprar o seringal Santa Bárbara, em 1940. Segundo a obra de Juracy Queiroz

Assim conseguiu comprar o seringal Santa Bárbara, no ano de 1940, no valor de dezesseis mil réis, com vinte e duas pares de seringueiras, com uma área de 1.080,0 ha, que pertencia ao senhor Adolaia Barbosa. Após a compra de Santa Bárbara passou dois anos fazendo investimentos, plantios de frutas e a construção de um novo barracão. Um seringal melhor localizado, à margem direita do rio Purus, no município de Canutama, com uma praia natural, berçário de quelônios. Propriedade desejada por muitos seringalistas e a poucas horas de cidade de Lábrea.⁶⁹

Levando em consideração essas informações e comparando com as que são trazidas por Bárbara Weinstein em “*A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)*”, a fim de elucidar questões relativas as dimensões do seringal, observamos no trecho abaixo algumas das colocações da autora a cerca dessa temática, que irão nos

⁶⁸FREITAS, Juracy Queiroz de. **Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara**. São Carlos: Editora Scienza, 2023, p. 18.

⁶⁹FREITAS, Juracy Queiroz de. **Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara**. São Carlos: Editora Scienza, 2023, p. 28.

ajudar posteriormente a pensarmos outras questões referentes aos mundos do trabalho no seringal de Santa Bárbara, sendo assim, sobre o mercado de venda dos seringais e suas dimensões, Weinstein comenta

Não obstante, em fins da década de 1890, havia sensível tendência no sentido de registrar as propriedades rurais e de adotar padrões mais estáveis de extração. Esses fatores, associados à persistência dos altos preços da borracha, faziam subir consideravelmente o valor do seringal médio e ajudavam a desenvolver um novo mercado para as propriedades com seringueiras – bem como um súbito interesse para especulação com terras. Assim, tornou-se cada vez mais comum nos jornais paraenses se estampar em anúncios de seringais, tais como um colocado por Luíz Dias da Silva & Cia., em fevereiro de 1900, relativo a um barracão e 56 estradas no município de Anajás. Havia também anúncios de propriedades muito menores, bem como notícias de propriedades enormes, tais como a que foi posta à venda, no começo de 1900, por Pereira Jr. & Cia., uma das maiores casas aviadoras de Belém. O seringal dessa firma, no rio Juruá, no Amazonas, tinha, segundo a descrição publicada, “centenas de estradas abertas e potencial para muitas mais”.⁷⁰

Apesar da autora trabalhar com um recorte e localidade diferentes da usada nesta pesquisa, usamos de base essas informações trazidas para analisarmos e inferir as possíveis dimensões do seringal de Santa Bárbara frente aos seringais que se destacam na historiografia. Levando como base o fato de que a autora também nos diz que um seringal médio teria aproximadamente 50 estradas,⁷¹ podemos deduzir que o seringal estudado nessa pesquisa seria classificado como um pequeno seringal. Levando esse panorama em consideração, nos dedicaremos agora a esmiuçar as memórias oriundas dos moradores e ex-moradores de Santa Bárbara, mergulhando em suas narrativas sobre os mundos do trabalho e sociabilidades.

⁷⁰WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 196.

⁷¹WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 196.

CAPÍTULO 2

3. MUNDOS DO TRABALHO NO SERINGAL DE SANTA BÁRBARA

3.1 Entre memórias e o cotidiano de trabalho no seringal

Segundo Pollak, em “*Memória e Identidade Social*”, as memórias são formadas de três elementos: os acontecimentos, as pessoas e os lugares.⁷² Para Maria Auxiliadora, a memória do seringal de Santa Bárbara remete a uma característica mais pessoal, como lugar de moradia, familiar, de crescimento, sociabilidade e do mundo do trabalho. Durante a sua narrativa, Maria Auxiliadora, enfatiza diversas vezes a imagem do rio Purus e isso deixa claro a interligação entre a vida no seringal de Santa Bárbara e Lábrea por meio do mesmo, nas diversas vezes que os caminhos através dele são citados. Essas fortes experiências de vida nos caminhos pelo rio Purus enlaçam algumas memórias que acabam por entrar nas questões das trocas econômicas que ocorriam entre o seringal e os regatões que por ali passavam,

“- **Maria Auxiliadora:** Naquela época tinha as lanchas e o J. Leite, J. Leite era um barco que fazia comércio no rio, passava de comunidade em comunidade, vendendo os produtos, trocando pela borracha, o papai dizia ‘quero tantos quilos de sal, tantas sacas de sal, tantas sacas de açúcar, tantas sacas de não sei o quê...’, porque feijão, essas coisas ninguém comprava, porque a gente plantava, farinha também, comprava só as coisas que eram mais necessárias, óleo, essas coisas, até óleo também comprava pouco, porque naquele tempo você aproveitava muito as banhas de bicho, a [...] banha de peixe, banha de porco, derretia as banhas e colocava numa vasilha, deixava lá, não estragava não, colocava dentro de vidro, aí quando você queria fritar alguma coisa você usava aquela banha, antigamente a gente usava mais isso que esses óleos que vendem hoje, de soja, quase não tinha naquela época, quando levavam a gente comprava às vezes uns, mas era mais a banha mesmo que a gente usava pra fritar, comprava não, comprava só mesmo o arroz, que pra banda de lá a gente não planta arroz, só planta o feijão, o arroz não, milho também a gente planta.

Comprava o arroz, o café, o açúcar, também pra lá a gente não planta essas coisas, lá pra onde a gente mora, comprava deles e trocava, deu por exemplo 10 mil, comprava lá pra encher a loja pra vender pros fregueses, ‘quanto é o quilo da borracha?’, ‘É tanto’, aí ia pesar as borrachas que tava tudo lá, que o papai ia recebendo de 15 em 15 dias, os fregueses vão fazer as compras, e eles compram, ‘quero isso, quero isso, quero isso’, pra dar pra 15 dias, o açúcar, o café, [...] fósforo, compravam as coisas que eram necessárias da época, querosene pra botar nas lamparinas, vendia também, ‘dá tanto’, anotava lá no caderno, ‘compadre você tá devendo tanto’, que era uns compadres, era tanto dos compadres, [...].

Pesava a borracha que ele trazia, ‘deu tanto sua borracha meu compadre, no valor de hoje do quilo, o quilo da borracha dá tanto, dá tanto em dinheiro, deu pra pagar, sobrou tanto’ ou ‘não deu, o senhor ficou devendo tanto’, aí deixava anotado no caderno pra outra quinzena, de 15 em 15 dias eles vinham, aí eles traziam o produto de novo, faziam mais compras e pagavam aquilo dali, às

⁷²POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 202.

vezes não dava e ia deixando, mas chegava o dia que pagavam tudo, nunca ficavam devendo não, porque às vezes comprava mais do que traziam, o produto, porque às vezes a pessoa adocece ou então aquele corte não deu bom na seringueira, não colheu bastante leite, e assim ia.”⁷³

Na narrativa notamos o sistema de funcionamento do barracão que é comumente conhecido na historiografia como aviamento, utilizado em larga escala durante muitos anos na Amazônia, como explica Patrícia Melo

A palavra é conhecida na Amazônia e significa vender a crédito. Funciona assim: se você não tem dinheiro na hora da compra, você pode aviar a mercadoria e, depois, vem fazer o pagamento que pode ser em dinheiro ou em outra mercadoria. No caso da economia da borracha, as mercadorias eram entregues antes, isto é, eram adiantadas e eram pagas com a produção da safra seguinte. O sistema de aviamento foi usado desde o período colonial em todo o país como uma forma de fazer funcionar a economia, em especial, quando existe pouco dinheiro em circulação e faltam bancos para emprestar os recursos necessários.⁷⁴

Na narrativa de Manoel André de Paes, vemos como este sistema exercia pressão nos trabalhadores dos seringais, a fim de obterem mantimentos essenciais ao seu cotidiano, como o açúcar, que Manoel traz como exemplo, ao falar sobre como era o seu trabalho no seringal, desde a hora em que acordava ainda na madrugada, para cortar seringa.

“- **Manoel André:** [...]. Quando nós se acordava 3 horas da madrugada, 4 horas, não ia mais não. Rapaz, eu sofri muito na minha vida, pra saber, e pelo, hoje em dia, por esse seringal aqui. Eu corria noite e dia, no mato, correndo, quando dava de 1 hora, pra dar conta da estrada, e não desse não, na [*áudio incompreensível: hora*] de trazer a borracha, pra ver se eu comprava um quilo de açúcar. Naquele tempo a coisa era séria.”⁷⁵

Em outro trecho de sua entrevista, Manoel segue e enfatiza as dificuldades do sistema de trabalho que experienciou, comparando com o momento presente, observando as facilidades encontradas nas experiências mais atuais de trabalho, além de trazer um relato sobre como funcionava esse sistema em outros seringais, numa passagem em que colabora com a soltura de um seringueiro devedor de outro seringal.

⁷³FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 8-9.

⁷⁴SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1, p. 30.

⁷⁵PAES, Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 6.

“- **Manoel André:** É, tudo, agora tem tudo rapaz, de primeiro a vida era cruel pro cara passar, a vida era feia mesmo, foi como eu digo, e se não trouxesse a borracha pro barracão não levava nada não, aí ele tinha que cortar, né? Tinha que cortar, arrumar o produto pra naquele ano ter dinheiro pra comprar as coisas.

- **Fabiane:** Já aconteceu de o senhor não conseguir?

- **Manoel André:** Não.

- **Fabiane:** Só conhecidos?

- **Manoel André:** É, outros não conseguia.

- **Fabiane:** E o que acontecia com eles?

- **Manoel André:** Não levava nada! Mas aí aprendia, porque aí um dia ou dois que ia lá e não trazia a borracha, o produto ou a mercadoria, de repente ele aprendia a cortar a seringa pra levar, que desse, pra não faltar. E outros o regatão levava, um dia eu cheguei em casa quase de noite, que eu chegava da estrada, eu cheguei e disse ‘Maria, quê que faz esse motor aí no porto?’, disse ‘tá esperando tu chegar, o [nome do seringueiro censurado] tá preso aí’ [risos].

- **Manoel André:** ‘O [nome do seringueiro censurado] tá preso aí porque o [nome do patrão censurado] vai levando, porque ele não pagou a conta’.

- **Manoel André:** [...] fui lá, eu disse ‘rapaz, arreia o leite aí, vai não, vai lá soltar o [nome do seringueiro censurado], paga ele, o [nome do patrão censurado]’, se o cara não tivesse o produto eles botavam no campo pra roçar, porque nesse tempo não criava bandido por isso, [...].

[...]

- **Manoel André:** [...] pois bem, o negócio do [nome do seringueiro censurado], aí eu fui primeiro do [nome do seringueiro censurado] que eu vou cuidar, do [nome do seringueiro censurado] aí eu fui lá, perguntei quanto que era que o [nome do seringueiro censurado] devia, o [nome do patrão censurado] disse e eu paguei e ele soltou ele, o [nome do seringueiro censurado] ficou em casa e não foi. Porque aí ele chegava lá, entrava na loja, tirava o terçado cego e mandava ir roçar canarana, com o [...], terçado cego [risos].”⁷⁶

No barracão, Manoel André também adquiria o amoníaco que utilizava na produção da borracha, e trazia sua produção de 15 em 15 dias, e depois passou a levar toda semana, como nos conta em sua narrativa

“- **Manoel André:** [...], o amoníaco ia com o leite [...]. Botava no leite, pro leite não coalhar, botava dentro da lata [...].

- **Manoel André:** Trazia pro barracão, nas quinzenas trazia pro barracão.

- **Manoel André:** Todo final de semana tinha aquele ajustar de conta com o patrão, toda semana, tinha que trazer aquele produto que ele fazia semana, era de quinze em quinze dias, aí depois a gente passou a fazer de semana.

- **Manoel André:** Era na base de 50 quilos de borracha, 70, 70 o cara fazia na semana.

- **Manoel André:** Eu cortava muito [risos].⁷⁷

Canuto Moisés nos conta em sua narrativa a rotina que assim como a de Manoel André, começava cedo, ainda durante a madrugada:

⁷⁶PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 17-18.

⁷⁷PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 7.

- “- **Anônimo 1**: O senhor saía que horas e voltava que horas pra cortar as seringueiras tudinho?
[...]
- **Anônimo 1**: O senhor ia de madrugada, né.
- **Canuto**: 12 e meia, sempre era hora, uma hora, três horas eu não ia mais, pra estrada.
- **Anônimo 1**: Meia noite, ele ia.
- **Canuto**: Já ia.
- **Anônimo 1**: Chegava [...] de manhã.
- **Canuto**: Aí eu chegava com o leite... 1 hora da tarde.
- **Anônimo 1**: Aí tinha que botar uma soda cáustica dentro, pra não coalhar, né?
- **Canuto**: Não coalhar, era, tinha que usar.
- **Anônimo 1**: [...] botar soda cáustica pra não coalhar, aí dava tempo de chegar [...], aí ia defumar.
- **Canuto**: É.”⁷⁸

Em relação a produção e entrega da borracha ao barracão, Canuto e Maria também comentam:

- “- **Fabiane**: E o senhor tirava muita seringa? Leite?
- **Canuto**: Tirava.
- **Maria***: Era um balde cheio.
- **Canuto**: Tirava 10 frascos de leite.
- **Maria**: Quando [*áudio incompreensível: um frasco quebrava*] ele só faltava chorar, quando [*áudio incompreensível: um deles*] arriava [*risos*].
- **Fabiane**: Que tamanho era um frasco?
- **Canuto**: O frasco é dois litros.
- **Fabiane**: A medida.
- **Canuto**: É.
[...]
- **Canuto**: Rapaz, eu fiz até 90 quilos por... não... 50 por semana.
[...]
- **Canuto**: Era, porque a gente fazia a entrega por semana, sabe? Levava 50, 40 e tantos, aí as duas semanas dava 90 quilos.
[...]
- **Maria***: Tinha semana que dava mais, tinha semana que dava menos.
- **Canuto**: Era, mas eu cheguei a fazer 1000 quilos de borracha por verão.
[...]
- **Canuto**: 6 meses.”⁷⁹

A venda da borracha somente poderia ser feita ao barracão daquele seringal, porém, em relação a outros produtos como a farinha, Manoel André comenta que essa podia ser vendida livremente, em contraste com a exclusividade que borracha possuía.

⁷⁸MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 39.

⁷⁹MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 8-9.

“- **Manoel André:** Não, aí a gente [*áudio incompreensível: vendia*] pra todo canto, se o patrão... naquele tempo não, porque era obrigado, naquele tempo era obrigado, se você vendesse, quando vendesse fora o produto que fosse tirado de dentro do seringal desse, vendesse um quilo fora, quando fosse naquele tempo o patrão botava pra fora.

[...]

- **Manoel André:** Tinha que ser tudo pro barracão, não tô dizendo que era tudo obrigado?

- **Fabiane:** Fazia borracha, mas era pro barracão.

- **Manoel André:** Era pro barracão.

- **Fabiane:** Fazia farinha, mas o senhor vendia pro barracão.

- **Manoel André:** É, a da despesa [*áudio incompreensível*] se o cara quisesse, o cara vendia pra eles, se ele não quisesse, o cara vendia pra qualquer um, a farinha.

- **Fabiane:** Ah, depois só né?

- **Manoel André:** É, agora a borracha não, a borracha se o cara tirasse um quilo de borracha pra fora, podia contar que se chegasse nos ouvidos dele, ele botava pra fora, e não era só um não, era em todo canto! A sujeição era essa, né? Se vendesse um produto fora, já era. [*Pausa*]

[...]

- **Manoel André:** [...], se o patrão não quisesse, nós vendia pra outro. Se não quisesse, o cara vendia, procurava por quem quisesse.”⁸⁰

A produção de farinha feita no seringal adentra também memórias de luta diária dos trabalhadores, assim como o trabalho na roça e no plantio do milho, que também servia como alimento para os animais, como vemos no trecho da entrevista de número 3 de Manoel André, feita em uma de suas visitas ao município de Lábrea:

“- **Fabiane:** O trabalho no seringal é um trabalho pesado, né?

- **Manoel André:** É.

- **Fabiane:** O senhor sofreu muito?

- **Manoel André:** Ah, lá eu sofri muito.

- **Fabiane:** Quais as memórias que o senhor tem que foram momentos difíceis?

- **Manoel André:** De negócio de trabalho, assim?

- **Fabiane:** De tudo, da sua vida lá.

- **Manoel André:** Ah, eu saía pra cortar era meia-noite, uma hora da madrugada, pra cortar seringa, farinha eu fazia muito lá, [...] era 70 alqueire de farinha, 400 alqueire de farinha nós fazia por época.

- **Fabiane:** Quanto é um alqueire?

- **Manoel André:** É 40 litros.

- **Fabiane:** Por época, vocês faziam 400 alqueires.

- **Manoel André:** Era, mas num... era todo [*áudio incompreensível: tempo*] não, tinha ano que dava mais pouco, né? Ano que dava mais pouco... mas quando tava nós tudo junto, dentro de casa, nós plantava 13 feixes de maniva por dia, na praia... pra plantar, pra poder nascer, pra poder dar... farinha.

- **Fabiane:** Maniva?

- **Manoel André:** É a maniva...

[...]

- **Manoel André:** ... que a gente corta pra planta dá a roça.

[...]

⁸⁰PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 15-16.

- **Manoel André:** A gente vai aonde tem, nos roçados, que a gente só tira nos roçados, a maniva, pra plantar na praia, nós tira... nós tirava 20 feixe, 25, que nós plantava por verão na praia, aí dava muito. [...].
- **Fabiane:** Então o sofrimento mesmo é dessa vida?
- **Manoel André:** É, aí era só a nossa vida, era assim. Milho nós plantava 800 palma, 1000, era assim, milho. [...].
- **Fabiane:** E vocês guardavam?
- **Manoel André:** Guardava.
- **Fabiane:** E durava quanto tempo?
- **Manoel André:** Dura anos, mas a gente plantava assim, pra gente... porque o povo comprava, pra dar pros bichos, galinha, porco, era assim. Comprava milho pra dar pros porcos comer.”⁸¹

Canuto e Maria trazem memórias sobre sua experiência com a produção de farinha no seringal de Santa Bárbara, como era feita manutenção dessa produção, o plantio de outros produtos como, por exemplo, o tabaco:

- “- **Fabiane:** O senhor fazia farinha também?
- **Canuto:** E muito.
- **Fabiane:** E como era?
- [...]
- **Canuto:** A gente fazia e empalhava nos paneiros, sabe? A gente... pegava o pariri, que é uma folha, aí botava e ia botando a farinha e socando assim, até botar 40 litros, fazia os paneiros já pra pegar só os 40 litros, aí quando acabar, empalhava. Aí tampava com a folha, aí amarrava com envira em cima, aí guardava, pronto, aquilo durava dois anos.
- **Fabiane:** Aí era pro uso de vocês?
- **Canuto:** Uso, é.
- **Fabiane:** Vendia também?
- **Canuto:** Vendia, se quisesse vender, vendia, se não quisesse...
- **Fabiane:** Vendia pro barracão ou pra quem quisesse?
- **Canuto:** Pra quem quisesse comprar [*risos*].
- **Anônima 1:** Isso aí podia vender [*risos*].
- **Anônima 2:** Acho que a farinha era a única que podia vender assim, né.
- **Anônimo 1:** Farinha, milho, se tivesse melancia, também.
- **Fabiane:** O que o senhor plantava lá?
- **Canuto:** Rapaz, nós... eu plantava milho, plantava tabaco, plantava feijão...
- **Fabiane:** Feijão?
- **Canuto:** Era.
- **Fabiane:** E o quê mais o senhor plantava?
- **Anônimo 1:** E a mandioca da roça.
- **Canuto:** E a roça, é.
- **Fabiane:** Mandioca?
- **Canuto:** É.
- **Anônimo 1:** Isso era uma coisa que antigamente, tinha muito e não tem mais, é o tabaco, plantava muito tabaco antigamente.
- **Canuto:** Era.
- **Anônimo 1:** Eles faziam o próprio tabaco em rolo.
- [...]
- **Canuto:** Era.
- **Anônima 1:** A mamãe plantava o tabaco... plantava tabaco era por causa da mamãe, [...].
- [...]
- **Fabiane:** Aí era a senhora que fazia o tabaco?

⁸¹PAES. Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 9-10.

- **Maria:** Às vezes quando a gente ia pra estrada, eu ficava pra mim fazer...
- **Anônima 1:** Nós que ajudava ela a fazer, plantar, colher.
- **Maria:** Colher, é.
- [...]
- **Maria:** Bota pra secar.
- **Fabiane:** Quem que ajudava ela?
- **Anônima 1:** Nós, os filhos dela.
- **Fabiane:** Ah, os filhos.
- **Canuto:** Agora eu, do tabaco, eu só fazia acochar com a corda, sabe?
- [...]
- **Fabiane:** E o senhor sabia fazer?
- **Canuto:** Sabia.⁸²

Ao longo dos anos, a relação dos seringueiros com a produção de outros produtos, plantações e demais atividades, foram se modificando, como observa Bárbara Weinstein, nem sempre os seringueiros puderam, ou lhes fora permitido, dedicar tempo a agricultura, visto que a estrutura do seringal, a partir de sua relação com o mercado, poderia não priorizar esse tipo de atividade, como vemos no trecho:

Com o correr dos anos, as dívidas cada vez maiores e a mobilidade limitada forçariam os seringueiros a gastar mais e mais tempo nos seringais, aniquilando suas outras atividades econômicas. Enquanto um seringueiro que extraía borracha intermitentemente, ou apenas alguns meses por ano, podia facilmente manter uma pequena roça de mandioca e de outros produtos, com a ajuda de sua família, um seringueiro que dedicava toda a estação seca à coleta da borracha acharia isso praticamente impossível. E se seu patrão fosse suficientemente poderoso, poderia simplesmente proibi-lo de se dedicar ao mesmo tempo à agricultura de subsistência.⁸³

Canuto e Maria nos contam suas memórias do trabalho na plantação, na roça, mostrando a importância da estrutura familiar para que isso pudesse acontecer:

- "- **Fabiane:** E o senhor ia pra praia lá também? Pra plantar...
- **Canuto:** Plantava.
- **Fabiane:** Mas era mais no período que o senhor não estava no seringal, lá na seringa?
- **Canuto:** Eu plantava, no tempo da seringa.
- **Fabiane:** Fazia os dois ao mesmo tempo.
- **Canuto:** Era.
- **Fabiane:** E como era isso, essa logística? Como o senhor dava conta de ir pra seringa...
- **Canuto:** Não, porque, quando era pra ir pra estrada, cortar, a gente tirava uns dias pra trabalhar, na praia, plantar, limpar, e tinha os dias certos, que a gente tirava na semana pra fazer trabalho, aí não cortava, às vezes um dia ou dois, que a gente tirava na semana, pra trabalhar no serviço de cultura.

⁸²MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 29-31.

⁸³WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920).** São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 46.

- **Maria***: Quando ele não podia ir, tinha os filhos que iam pra pra praia cuidar [...].
- **Maria**: [*áudio incompreensível: já tinha uns meninos*], rapaz né...
- **Canuto**: Essa daí se lembra [*risos*].
- **Fabiane**: A senhora também ia pra praia?
- **Maria**: Às vezes eu ia, às vezes eu não ia não [*risos*].
- [...]
- **Maria**: Os meninos eram muito pequenos, né. [...], mas eu... ele nunca me levou pra praia assim não, toda vida ele foi só às vezes, sozinho.
- [...]
- **Fabiane**: Só com os meninos.
- [...]
- **Maria**: Sempre fiquei em casa, cuidando dos meninos.”⁸⁴

Apesar de Maria não ter o hábito de ir para a estrada, ou para o plantio na praia, esta nos conta que trabalhava em outras produções, assim como da criação dos animais:

- “- **Fabiane**: E ir pra estrada, assim, não? A senhora nunca foi?
- **Maria**: Não.
- **Canuto**: Nunca.
- **Fabiane**: Só o plantio, o plantio a senhora ia.
- **Maria**: Era, [*áudio incompreensível: pra ajudar lá em casa mesmo*].
- **Fabiane**: Qual era o plantio que a senhora costumava ir?
- **Maria**: Feijão, tabaco, milho, era.
- **Fabiane**: E criar bicho, não?
- **Maria**: Galinha, criava galinha.
- **Anônimo 1**: Às vezes, [...] porco, tinha outro.
- **Maria**: Era, que nós criava porco também [...].
- **Canuto**: Em Santa Bárbara, nós criamos porco, também.”⁸⁵

Quando questionado sobre o seu dia-a-dia, sua relação com os patrões que passaram pelo seringal de Santa Bárbara, Manoel nos conta em sua narrativa uma relação profissional com os mesmos, focada principalmente nas questões do trabalho, inicia sua memória com as lembranças das relações de trabalho com Aristides

- “- **Manoel André**: [...] eu cortava seringa e levava a minha produção toda pra ele, que eu fazia.
- **Fabiane**: Aí o senhor trocava?
- **Manoel André**: Era, aí ele me vendia a mercadoria.
- **Fabiane**: Era bem tranquilo?
- **Manoel André**: É.
- **Fabiane**: Depois foi a Deusdina e o Mateus?
- **Manoel André**: Foi.
- **Fabiane**: E como era a relação entre vocês?
- **Manoel André**: Do mesmo jeito, com o Lino Duarte do mesmo jeito.
- [...]

⁸⁴MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 9-10.

⁸⁵MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 33.

- **Manoel André:** É, eu passava a semana cortando e quando era de... domingo, levava a borracha lá.
- [...]
- **Manoel André:** É, era assim, a relação era do mesmo jeitinho, aí quando saía um, entrava o outro, o cara já sabia o que era pra fazer, do mesmo jeito do outro.
- **Fabiane:** Não tinha briga?
- **Manoel André:** Tinha, tinha briga se o cara vendesse o produto, pra outro. Aí tinha briga, mas se não, não tinha não.
- [...]
- **Manoel André:** [...], eu nunca teimei com ele nem nada.
- **Fabiane:** Mas outros tiveram, né?
- **Manoel André:** Outros? É... outros tiveram.
- **Fabiane:** O senhor lembra de algum?
- **Manoel André:** Não, não lembro não. E era tudo coisado rapaz, que, era de primeira, e de primeira o cara cortava e ainda tinha mais, o corretor que ele botava pra correr na estrada, se o cara desse um risco subindo também, ele botava pra fora.⁸⁶

A relação de Manoel André com os patrões que passam pelo seringal de Santa Bárbara, levando em consideração as narrativas, sugeria ser bastante voltada para os setores dos trabalhos, quase estritamente profissional. A imagem do corretor surge nesse trecho, e será analisado com maior profundidade em um tópico posterior. Voltando ao trecho da narrativa de Maria Auxiliadora citado no início deste capítulo, ao narrar a passagem sobre os compadres nas relações entre seringalista e seringueiro, relembramos que esse elemento é um dos aspectos do relacionamento patrão-cliente, como comenta Weinstein

Embora, em sua maioria, os seringueiros trabalhassem isoladamente, a cada semana, ou a cada mês, entregavam sua borracha a um barracão das redondezas; tal tipo de trato permitia que o patrão desenvolvesse um tipo de ligação mais pessoal com seus aviados. Mesmo nos casos em que o comerciante local mantinha apenas raros contatos com seus clientes, havia certa possibilidade de desenvolver um relacionamento semi-paternalista. Se as estradas de um seringueiro fossem invadidas, o patrão assumia a atitude de protetor de seu cliente, embora também estivesse defendendo seus próprios interesses. Se o seringueiro precisasse de um determinado artigo, fosse roupa ou remédio, para si próprio ou para sua família, o patrão o encomendava especialmente. E ao nascer um filho do seringueiro, provavelmente o comerciante local seria convidado para seu padrinho. O compadrio e os favores pessoais ajudavam a consolidar as ligações do aviador com os seringueiros, mas esses elementos paternalistas constituíam apenas um dos aspectos do relacionamento patrão-cliente.⁸⁷

⁸⁶PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 33-34.

⁸⁷WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 208.

Atuando o patrão, por vezes, como um mediador, também podemos entrever um pouco da reverberação do comentário trazido por Willas Dias da Costa citando a análise de Thereza Cristina Cardoso Menezes acerca dessa relação de compadrio

É possível afirmar que residia no controle estrito do fluxo de trocas um eixo central deste processo de dominação, porém este sistema era também legitimado pela dominação tradicional manifesta na pessoalidade das relações (WEBER, 1964) e expressa na centralidade das relações diádicas (FOSTER, 1961), de compadrio e na ajuda emergencial aos ‘clientes’. O poder do patrão respaldava-se na assunção por este da posição-chave de mediador entre o isolamento do seringal e o acesso aos serviços essenciais acessíveis nos núcleos urbanos. Ao reiterar quotidianamente esta função diante de seus clientes, era lhe imputado o título de ‘bom patrão’, reproduzindo-se a crença na legitimidade ao sistema (MENEZES, 2011, p. 133).⁸⁸

No entanto, a partir da historiografia podemos perceber que devemos evitar uma análise que fique presa ao “bom *patrão* ou mal seringalista” como nos alerta Davi Avelino Leal em sua obra “*Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)*” ao falar sobre o cotidiano e conflito em seringais e castanhais no rio Madeira temos o seguinte trecho para refletir sobre a própria engrenagem do sistema de exploração capitalista sobre os trabalhadores extrativistas

A partir do controle dos meios de circulação dos bens, inicia-se o ataque aos regatões, os *patrões* seringalistas passavam a ter exclusividade nas trocas que efetuavam com os seringueiros. A troca, aparentemente mercantil entre o *patrão* e o *freguês*, escamoteia o fato de que, por meio da majoração do preço das mercadorias vendidas ao seringueiro, o *patrão* obtém parte de seu lucro. Embora genérica, essa análise desvela os procedimentos elaborados por um grupo social cujo objetivo é obter o lucro a partir da exploração e é por isso que se deve evitar uma perspectiva presa ao que seria o bom *patrão* ou mal seringalista. Tendo em vista que a violência podia ou não estar presente no seringal, a exploração da força de trabalho certamente fazia parte das engrenagens do sistema (TEIXEIRA, 1980).⁸⁹

Superada esta análise sobre o funcionamento próprio desse sistema, partimos a visualizar melhor a imagem desse seringal a partir de um dos documentos encontrados no arquivo pessoal da família Queiroz de Freitas, encontramos uma “Escritura Particular de Compra e Venda” de 1990, relativa ao seringal de Santa Bárbara, onde fora retirado o seguinte dado de que este teria: “[...] uma área de hum mil e oitenta hectares (1.080,0ha)

⁸⁸COSTA, Willas Dias da. **Os Patrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 71.

⁸⁹LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 217.

equivalente a um milhão e oitenta mil metros quadrados (1.080.000,00m²), [...].”⁹⁰. Levando em consideração o livro escrito por Juracy Queiroz de Freitas, já citado anteriormente, o seringal Santa Bárbara teria cerca de “vinte e duas pares de seringueiras”,⁹¹ e nosso primeiro entrevistado, Manoel André de Paes nos conta:

- “- **Fabiane**: [...] em quantas estradas de seringa o senhor trabalhava?
- **Manoel André**: Eu só trabalhava em duas estradas.
- **Fabiane**: Quantas seringueiras tinham nessas estradas?
- **Manoel André**: Ah, era mais de 150 [*áudio incomprensível: madeira*].
- **Fabiane**: Mais ou menos 150 em cada?
- **Manoel André**: É, é.”⁹²

Canuto Moisés, ao entrarmos em suas memórias sobre o processo de defumação, nos conta também a quantidade de estradas que trabalhava, assim como a quantidade de seringueiros que atuavam no seringal de Santa Bárbara:

- “- **Anônimo 1**: Aí quando chegava lá, ele ia defumar.
- **Fabiane**: Eram vários que tinham, desse de defumar?
- **Anônimo 1**: Todos tinham o seu.
- **Fabiane**: Cada um tinha o seu.
- **Canuto**: Tinha, era.
- **Anônimo 1**: Todos tinham o seu defumador, né?
- **Canuto**: Tinha.
- **Fabiane**: Eram mais ou menos quantos trabalhando lá?
- **Canuto**: Lá de Santa Bárbara, era parece que 14 seringueiros.
- **Fabiane**: E o senhor ficava com quantas estradas dessas aí?
- **Canuto**: Só duas.
- **Anônimo 1**: Duas estradas, mas com quanta madeira cada um?

⁹⁰Escritura particular de compra e venda, p. 3.

⁹¹FREITAS, Juracy Queiroz de. **Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara**. São Carlos: Editora Scienza, 2023, p. 28.

⁹²PAES. Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 14.

- **Canuto:** Rapaz, eu tinha... uma eu sei o tanto de seringueira, 250 seringueiras. E a outra eu nunca contei.
- **Fabiane:** Será que era mais? [*risos*].
- **Canuto:** Era mais pouco.”⁹³

Segundo Bárbara Weinstein, um seringueiro típico ficava responsável por duas estradas de seringueiras, nas quais este trabalhava em dias alternados.⁹⁴ Em relação ao tamanho do seringal de Santa Bárbara, não temos referências de outros trabalhos dessa região do rio Purus para que possamos avaliar ao certo, comparativamente, e classificar o tamanho desse seringal em relação a outros em nosso recorte temporal, podemos pensar a partir ainda do trabalho de Weinstein, acerca majoritariamente de propriedades do Pará, e em um outro recorte cronológico, para termos uma estimativa do que seria classificado um grande ou médio seringal, como vemos nos trechos:

Assim, tornou-se cada vez mais comum nos jornais paraenses se estampar em anúncios de seringais, tais como um colocado por Luíz Dias da Silva & Cia., em fevereiro de 1900, relativo a um barracão e 56 estradas no município de Anajás. Havia também anúncios de propriedades muito menores, bem como notícias de propriedades enormes, tais como a que foi posta à venda, no começo de 1900, por Pereira Jr. & Cia., uma das maiores casas aviadoras de Belém. O seringal dessa firma, no rio Juruá, no Amazonas, tinha, segundo a descrição publicada, “centenas de estradas *abertas* e potencial para muitas mais”.

[...]

Assim, parece que 30 a 40 contos seria, por volta do fim do século, um preço razoável a ser pago por um seringal de tamanho médio, com aproximadamente cinquenta estradas, mas não há cifra que se possa citar como norma.⁹⁵

Levando em consideração essa análise de Weinstein, poderíamos dizer que o seringal de Santa Bárbara seria uma propriedade de pequeno a médio porte. Voltando aos nossos entrevistados, em relação a sua rotina de trabalho, Manoel André nos conta detalhes sobre seu cotidiano, as suas refeições e o processo de colheita do látex e defumação:

⁹³MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 38.

⁹⁴WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 31.

⁹⁵WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 196.

“- **Fabiane:** O senhor acordava meia-noite, né? Pra sair.

- **Manoel André:** É, eu saía meia-noite, menos de meia-noite, até três horas da madrugada eu saía.

- **Fabiane:** Como era o seu café da manhã?

- **Manoel André:** Ah, eu bebia antes de ir, o café, antes de ir pra estrada, cafezinho comum mesmo e *[áudio incompreensível: ia me embora cortar]*.

[...]

- **Fabiane:** Ia só com o cafezinho?

- **Manoel André:** Só com o café.

- **Fabiane:** O senhor levava alguma comida lá pra...

- **Manoel André:** Agora a gente levava boia pra comer... *[áudio incompreensível: na estrada]*.

- **Fabiane:** E o que era essa boia, o que tinha?

- **Manoel André:** A boia comum que a gente produz em casa mesmo, peixe..., peixe nós levava pra boca da estrada pra comer, melancia, tempo de melancia, levava melancia, que era o tempo da melancia, né... no verão, era o tempo da seringa, no verão.

- **Fabiane:** Então, era mais um peixe e uma fruta que tivesse na época.

- **Manoel André:** É, nós levava pra comer.

- **Fabiane:** O senhor levava essa comida, o senhor estava na estrada.

- **Manoel André:** É.

- **Fabiane:** Aí o senhor cortando e aí voltava colhendo, né? E o senhor voltava pra defumar?

- **Manoel André:** Era, aí nós trazia o leite... nós trazia a borracha, né? Nós começamos fazendo borracha, a gente trazia o leite, despejava no defumador, tinha a casinha pra nós defumar, aí tinha a casinha, aí nós despejava dentro da bacia, botava uma bacia, dentro com nosso leite, assim, meio vergado, aí despejava o leite, aí pegava aquela borracha... tava enfiada num pau, isso aí ficava rodando...despejando o leite, até defumar aquele leite, a gente *[áudio incompreensível: levava]* ela, aí levava pra boca do buião, aí rodava na boca do buião, aí aquele leite grudava na borracha, aí quando *[áudio incompreensível: ela tirava, botava a outra pra rodar]*, até terminar todinha, aí quando terminava todinha, aí tirava ela, aí a gente fazia o outro [...], tirava ela do cavador, *[áudio incompreensível: numa vara]*, a gente *[áudio incompreensível: tirava uma vara, metia ela, furava, assim]*, como esse copo aqui *[gesticula com um copo de plástico que estava próximo dele]*, a gente metia a vara aqui, ela saía aqui do lado, aí ela ficava no meio da vara, aí a gente levava ela pra boca do buião e ficava *[áudio incompreensível: torcendo]* e botando leite, e ela crescendo.

- **Fabiane:** Pra fazer a defumação vocês utilizavam alguma planta, né?

[...]

- **Manoel André:** O coco de urucuri *[uricuri, ouricuri]*, nós apanhava nos pés, na Santa Bárbara tem muito, aí a gente apanha, em todo canto tem, a gente apanha o coco, aí faz o fogo, e bota dentro do buião, aí sai aquela fumaça pela boca. Aí o camarada molha com leite, aí leva pra aquela fumaça, aí a fumaça

vai grudando, aí [*áudio incompreensível: aquilo ali é*] a semana todinha, [*áudio incompreensível: depois que a gente*] vai pra dentro... levar pro patrão, [...].

- **Fabiane:** Dentro desse processo, a sua alimentação, como que ficava?

- **Manoel André:** A gente comia, assim... quando terminava de comer, ia fazer o trabalho.

- **Fabiane:** Mas era sempre assim, um peixinho, uma fruta? O que vocês comiam durante esse processo?

- **Manoel André:** Era o peixe, melancia, essas coisas assim, uma fruta, qualquer uma fruta, nós comia.

- **Fabiane:** E quem pescava esse peixe?

- **Manoel André:** A gente pegava o peixe lá.

- **Fabiane:** E quem preparava?

- **Manoel André:** A mulher, que a gente tinha. A mulher preparava e a gente almoçava, jantava.

- **Fabiane:** E já levava.

- **Manoel André:** É... não, a gente comia em casa mesmo, aí quando ia pro mato levava um pedaço. Comia em casa e ia pro mato e levava.”⁹⁶

A alimentação de Canuto Moisés e Maria, muito se assemelhava a descrita por Manoel André, com forte consumo do peixe, um dos alimentos mais comumente levados por Canuto durante suas idas para a estrada, como observamos no trecho da entrevista:

“- **Fabiane:** [...] o seu Canuto fazia comida pra levar pra estrada, né?

- **Maria:** Uhum.

- **Fabiane:** [...] quais os alimentos que eram consumidos nesse trabalho, o que o senhor levava pra comer, na estrada.

- **Maria:** Comida na latinha, tinha latinha pra levar a comida todo dia pra mata, né? Aí ele assava aquele peixe ou fritava, botava na latinha e levava, botava no bornózin [*bornózinho*].

- **Fabiane:** O que é bornó?

- **Maria:** [*gargalha*] carregava...

- **Canuto:** Era um saquinho que a gente...

- **Maria:** Era um saquinho, né?

- **Canuto:** ...tipo uma bolsa, né?

- **Fabiane:** E era de quê essa bolsa?

- **Maria:** De pano [...].

⁹⁶PAES, Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 14-17.

- **Canuto:** De pano.
- **Fabiane:** Quem fazia essas bolsas?
- **Maria:** ...paninho de rede, os pedaços de rede eu fazia aqueles bornó pra ele, [...] botava a latinha de comida dentro, quando fechava o corte, aí ia ali naquele cantinho, ia abria a lata, comia, aí ele voltava colhendo.
- **Fabiane:** Então era mais peixe mesmo?
- **Maria:** Era.
- **Canuto:** Era peixe.
- **Maria:** Só o que a gente comia era peixe no seringal, [...].⁹⁷

Sobre a rotina, Canuto Moisés e Maria Evangelista nos contam, abordando temáticas da entrega da borracha e o processo de aviação:

- “- **Fabiane:** Como era o dia a dia lá? O senhor lembra do seu dia a dia, como era?
- **Canuto:** Lembro.
- **Fabiane:** Acordava cedo? Conte um pouquinho.
- **Canuto:** Meia noite, doze e meia da noite eu saía pra estrada, vinha chegar meio dia, com o leite, aí ia defumar, [...].
- **Fabiane:** E era muito quente lá pra defumar? Como era?
- **Canuto:** Era, a gente botava numa bacia né, despejava em cima da borracha, aí passava [*áudio incompreensível*], a fumaça... [...].⁹⁸
- [...]
- **Fabiane:** É cansativa a rotina, né?
- **Canuto:** É...
- **Fabiane:** O senhor acordava meia noite, e ia rodar a estrada.
- **Canuto:** Era, até...
- **Maria:** Uma hora, duas horas da madrugada ele se levantava e ia até pescar pra poder deixar comida em casa, [*áudio incompreensível: pra poder ir pra estrada*].
- **Fabiane:** De noite?
- **Maria:** De noite, era, [*áudio incompreensível: nossos filhos eram tudo pequeno*].
- **Fabiane:** Como era isso?

⁹⁷MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 6 set. 2024, p. 6.

⁹⁸MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 2.

- **Canuto:** Tarrafeiar, aí chegava e...
- **Maria:** Ele fazia até comida, [*áudio incompreensível: pra levar pra estrada*].
- **Canuto:** ... ia me embora pra estrada.
- **Fabiane:** Aí ia, tirava a seringa, defumava.
- **Canuto:** Era.
- **Fabiane:** Aí o senhor ficava onde, longe do barracão?
- **Canuto:** Não, eu morava bem pertinho.
- **Maria:** Morava no campo, assim, perto... [...] era perto do barracão.
- **Fabiane:** O senhor fazia a rota e voltava de novo?
- **Canuto:** Era.
- **Fabiane:** E como era a entrega da borracha?
- **Canuto:** Era dia de domingo, uma semana né, cortava os 6 dias, se for cortar mesmo 5 dias, um dia não cortava, os 6 dias de trabalho, né, aí trazia a borracha, pro barracão, aí fazia a aviaçãozinha da semana, aí ia passar aquela semana sem aperrear o patrão, né, [*risos*] era.
- **Fabiane:** O que o senhor costumava comprar, aviar lá, no barracão?
- **Canuto:** Era aviaçãozinha da cozinha.
- **Maria:** Açúcar, sabão, pasta...
- **Canuto:** O querosene pra limpar a estrada, usava.
- [...]
- **Fabiane:** Aí o senhor chegava lá, trocava, aí o senhor voltava pra sua casa?
- **Canuto:** Voltava.”⁹⁹

A rotina de trabalho dos seringueiros apresentava algumas experiências de perigo vindo do próprio contato desses trabalhadores com a natureza, como são trazidas nas memórias de Canuto e Maria, o medo, ou o enfrentamento dele:

- “- **Fabiane:** Nem onça?
- **Canuto:** Onça eu vi, mas a onça tinha medo de mim [*risos*].
- **Maria:** A onça tinha medo dele, [*áudio incompreensível: diz ele*] [*gargalha*].
- **Canuto:** Ela olhava pra mim, aí saía de perto, saía esturrando, aí eu ficava em pé, só olhando, aí de lá mesmo ela já... [...]. Porque a onça, tem gente que ela enfrenta mesmo, né? Bota... mas comigo não, graças a Deus, ela... ela me viu, né? Mas de lá mesmo ela dava só o sinal, né? Que saía esturrando, [...]. Mas de lá mesmo ela... mas quer dizer que ela vinha, assim, pra querer me enfrentar, não.
- **Fabiane:** Isso era de noite?
- **Canuto:** Não, era de dia.
- **Fabiane:** De dia??

⁹⁹MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 2-3.

- **Canuto:** Era, de noite também aconteceu. Em Santa Bárbara, eu ia na estrada, aí quando dá fê, lá vem a onça, eu tinha saído tinha duas horas, [...], pra estrada, aí lá vinha ‘*irrr, irrr*’ [*imita barulho da onça*], e eu andava com uma espingardinha deste tamanho, aí tinha um poço d’água assim, aí tinha um pau em pé assim, [...], aí eu fiquei, encostei as costas no pau, e botei a lamparina na mão, e a espingarda do outro lado, aí quando ela veio chegando assim, perto, aí ela calou-se de uma vez, num miou, não fez mais nada, [...], se ela vier, ela vai pisar na água, e eu vou ver, mas ela não veio não, arrudiu a água, e foi embora, e eu também segui a minha viagem, pra frente. Aí no outro dia, amanheceu, ela esturrou na minha frente assim, eu digo, agora de dia se quiser vir... mas, ela só deu esse esturro e ‘*fuulsh*’, acabou a conversa, aí eu fui embora, pro meu serviço [*risos*].”¹⁰⁰

Canuto Moisés nos conta que durante esses enfrentamentos ele tinha uma companhia, que diminuía a solidão do trabalho nas estradas de seringueiras e servia para alertar sobre possíveis perigos vindos da natureza:

- “- **Fabiane:** Vocês tinham algum animalzinho de estimação?
- **Canuto:** Tínhamos cachorro.
- **Fabiane:** Um cachorro só?
- **Maria:** Cachorro, gato.
- **Canuto:** Só um cachorro, ele andava mais eu na estrada.
- **Fabiane:** Ele ia com o senhor pra estrada?
- **Canuto:** Ia.
- **Fabiane:** E como era isso? Ele ficava solto, correndo?
- **Canuto:** Era, ele era solto, agora se um bicho de noite, acontecer uma onça, né? E ele viu ou sentiu, aí ele latiu, e eu tava trepado na escada, cortando uma seringueira, aí eu vi que era uma coisa errada, aí eu desci da escada, e ele ficava encostadinho em mim, e eu dizia ‘pega! pega!’, aí eu entrava no mato, batia assim com a faca, pra ver se ele ia, mas ele não ia não.
- **Maria:** [...] com medo.
- **Canuto:** Ele pulava pra cima, mas não saía dos meus pés, e o bicho... eu não via o bicho, não. Mas calculei que era uma onça, ela saiu rodando, assim, sabe? E o cachorro rodando, e eu alumiava e... até que o bicho foi embora, e não era outro bicho não, era uma onça, porque era o que ele respeitava também, o cachorro, né?
- **Fabiane:** Nem o cachorro não quis ir lá, né?
- **Canuto:** É.”¹⁰¹

A utilização da escada durante o processo da coleta do látex, não era incomum, porém, acidentes poderiam ocorrer como nos conta Canuto Moisés em uma de suas experiências na utilização dessa técnica de coleta:

- “- **Fabiane:** E o que o senhor estava fazendo, assim, cortando lá em cima?
- **Canuto:** Cortando, que a gente subia na escada, feito os degraus, cortado, assim, né? A gente subia pra cortar lá em cima que dava mais leite.
- **Fabiane:** Ah é? E tem um nome essa técnica, assim, de subir?

¹⁰⁰MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 7-8.

¹⁰¹MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 34-35.

- **Canuto:** Tem, a escada né, a gente sobe e cortava a seringueira, o pauzinho assim.
- **Fabiane:** E pode cortar assim?
- **Canuto:** Aí a gente sobe e vai cortando a seringueira lá em cima.
- **Fabiane:** E o senhor fazia isso em todas ou só em algumas?
- **Canuto:** Em muitas delas, né? Tinha delas que eu cortava no chão mesmo, né? Mas o que dava mais leite em cima, eu botava a escada e ia cortar lá em cima, aí enchia a tigela. Aí embaixo às vezes dava pelo meio mais pouco, né? Eu ia onde dava pra encher a tigela, eu ia...
- [...]
- **Canuto:** Ia subindo *[risos]*.
- **Anônimo 1:** A escada era só um palmo.
- **Fabiane:** Só um palmo?
- **Anônimo 1:** Só um palmo, aí ele faz um corte, assim, ele faz um corte em forma de... faz um corte aqui e outro aqui, ele enfia ela ali, escora ela na madeira... é só um pau, não é duas escadinhas bonitinhas não.
- **Canuto:** É, só...
- **Anônimo 1:** É só uma madeira.
- **Fabiane:** É só um encaixezinho do pé.
- **Canuto:** É, *[áudio incompreensível: pra cima]*.
- **Anônimo 1:** Se o cara não for bom, ele não sobe não.
- **Canuto:** *[gargalha]*.
- **Fabiane:** O senhor já caiu alguma vez, da escada?
- **Canuto:** Rapaz... já.
- **Fabiane:** Já?
- **Canuto:** Já cai com *[áudio incompreensível: encerado]* de leite nas costas, aí subi, já tinha cortado, né, aí nós vinha colhendo, aí subi na escada, quando estiquei a mão pra pegar a tigela, a escada quebrou, aí eu caí de costa no chão, aí o paneiro que eu carregava o leite arrancou das minhas costas, caiu pra lá e eu fiquei de perna aberta no chão *[risos]*.
- **Maria:** *[risos]*.
- [...]
- **Canuto:** Aí eu fui, ajeitei a escada, botei um pedacinho encostando na seringueira, botei outro pedaço em cima, aí subi por esse pedaço, aí tirei a tigela e colhi *[risos]*.
- **Fabiane:** Ainda foi de novo.
- **Canuto:** Fui de novo *[risos]*.
- **Anônimo 1:** O encerado era um saco.
- **Canuto:** Era, desse tamanho.
- **Anônimo 1:** Assim como fazia o sapato, de seringa, fazia o encerado, aí ele fazia ali a forma também, aí jogava o leite e fazia, ele ficava impermeável, podia botar uma bagagem, uma roupa, [...] revestia com látex, aí virava uma mochila impermeável, aí amarrava ali, trazia o leite ali, dentro desse encerado, que era um saco, só que era um saco revestido por fora de borracha, né? *[áudio incompreensível: não molhava]*.
- **Fabiane:** E nessa queda não derramou, não?
- **Canuto:** Derramou não.
- **Anônimo 1:** Ele amarrava com *[áudio incompreensível: fita]*.
- **Anônimo 1:** Ele amarrava, [...], resistente, aguenta.
- **Canuto:** Era, era *[risos]*.¹⁰²

Canuto Moisés e Maria, trazem na memória as experiências das dificuldades do trabalho na coleta do látex, assim como as tristezas com a perda de sua produção durante alguma intempérie provida da natureza, como as chuvas:

¹⁰²MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 35-37.

“- **Fabiane:** O senhor chegou a perder alguma coisa assim? De semana.
 - **Canuto:** E muito.
 - **Maria:** E muito, já [*risos*].
 - **Canuto:** Teve dia... teve semana, aconteceu de eu ir 3 dias, voltando só molhado, aí cortava um pedaço da estrada, aí a chuva caía, eu voltava só jogando fora e botando as tigelas no [áudio incompreensível: toldo], que a gente monta uns [...] assim, né? Aí pegava o balde, seco, e vinha me embora pra casa. Três dias na semana! Aconteceu... [*pausa*], aí pronto, a gente não ganhava nada [*risos*].
 - **Fabiane:** E aí não podia pegar nada também? Como era?
 - **Maria:** Era.
 - **Canuto:** Não.
 - **Maria:** [áudio incompreensível: só] o sernambi mesmo, não era? Que às vezes ficava na tigela, [...].
 - **Canuto:** Não, mas gente jogava era...
 - **Maria:** [áudio incompreensível: com a água].
 - **Canuto:** Enchia a tigela...
 - **Maria:** De água, né?
 - **Canuto:** D'água, nera [*não era*]... aí só era ir pegando e jogando fora... e botando a tigela no canto dela. Aí no outro dia de novo...”¹⁰³

O trabalho nas plantações também possuía suas dificuldades como nos contam os entrevistados Canuto e Maria, sobre as lagartas que atacavam suas plantações de tabaco:

“- **Maria:** É mana, tabaco, plantar tabaco [*risos*], [longa pausa], e a lagarta que dava, [...] aquelas lagartas desse tamanho...
 [...]
 - **Fabiane:** Lagarta de tabaco?
 - **Anônimo 1:** Ela comia a folha, quer dizer, prejuízo, né?
 - **Canuto:** Era, numa folha de tabaco.
 [...]
 - **Maria:** Tinha que catar, quebrar os zóio [*olhos*].
 - **Fabiane:** Aí matava a lagarta?
 - **Canuto:** Matava.
 [...]
 - **Maria:** Fazia matar mesmo.
 - **Anônima 1:** Se não ela acabava com a plantação do tabaco dela [*risos*].”¹⁰⁴

Maria e Canuto narram suas experiências com a criação de animais, como porcos, no seringal de Santa Bárbara, lembrando das dificuldades advindas de grandes alagações que ocorriam, que causava a morte dos animais e tornava esse nicho de trabalho bastante difícil de manter nesse local:

“- **Maria:** Era, que nós criava porco também, [...] deu alagação, aí [...] morreu...

¹⁰³MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 16-17.

¹⁰⁴MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 31-32.

- **Canuto:** Em Santa Bárbara, nós criamos porco, também.
- **Maria:** Alagou, aí morreu os porcos.
- **Fabiane:** Ainda lá?
- **Maria:** Sim, em Santa Bárbara, ainda.
- **Anônimo 1:** Às vezes dá uma alagação grande, né, que...
- **Maria:** Deu uma alagação grande não foi? Aí morreu os porcos, os porcos que nós criava, [*áudio incompreensível: Canuto acho*] que se lembra. Nós fazia chiqueiro, mas... a comida era pouco, né? Aí os bichos morreram de fome [*risos*] também, [...].
- **Canuto:** Mas eles morreram assim, sabe? Porque quando desalagou, eles andavam [*áudio incompreensível: trambecando*], assim, aí os morcegos chupando eles andando, e os morcegos chupando, aí enfraqueceu bem que eles morreram assim.
- **Maria:** De fraco, né [*risos*].
- **Fabiane:** E isso foi mais ou menos quando? Já faz tempo?
- **Canuto:** Já, vish.
- **Fabiane:** Ainda era o seu Mateus lá?
- **Canuto:** Era.
- **Maria:** Ainda era do seu Mateus lá.
- **Canuto:** Eles criavam muito também, né? Mas acabou.
- **Fabiane:** Tinha boi?
- **Canuto:** Tinha.
- **Maria:** Tinha boi, tinha porco.
- **Fabiane:** Tinha galinha?
- **Maria:** Galinha, pato, era.
- **Fabiane:** Tinha muito bicho.
- **Canuto:** Tinha.
- **Maria:** Era.”¹⁰⁵

O processo de declínio da borracha atingiu também os seringueiros, que sofreram com a perda de perspectiva de venda de seus produtos vindos da extração do látex, como nos conta Canuto Moisés em sua narrativa:

“- **Canuto:** [...] aí foi deixado, o pessoal deixaram de cortar, que eu fui um, que deixei de cortar com 64 anos, aí deixei até as tigelas no mato, [*áudio incompreensível: foi*], que eu não fui mais atrás, aí acabou-se. O derradeiro verão que eu trabalhei, eu andava caçando pra ver se a gente achava alguém que comprasse a minha borracha, mas por dinheiro não tinha quem comprasse ela, pra pagar em dinheiro, só se fosse mercadoria, aí pronto, eu abandonei também. Aí foi assim, aí foi caindo, foi caindo, aí a seringa que eles plantaram, a outra, aí era seringa fraca, e elas foram morrendo, aí foi se acabando, agora eles estão pelejando pro pessoal cortar de novo e agora tá dando muito dinheiro, né? O quilo de borracha, aí... aí peleja... os antigos como eu e muitos, não tinha mais força de trabalhar, né? E os novos não querem nada com isso, aí acabou-se, a seringa daqui, mas acabou-se assim, acabou a falta de coragem [*risos*].”¹⁰⁶

O relato de Canuto Moisés nos transporta diretamente para a observação do impacto do declínio da economia da borracha na Amazônia nas vidas desses

¹⁰⁵MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 33-34.

¹⁰⁶MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 6 set. 2024, p. 6.

trabalhadores, em especial ao que se refere a desmobilização e o abandono forçado do ofício de seringueiro. Vemos na narrativa a frustração com o desaparecimento da atividade que estruturou a vida desse trabalhador, assim como de sua família e colegas de profissão, acometidos pela obsolescência repentina, demonstrando a sensibilidade ao fim abrupto de um trabalho que apesar de sacrificante, ainda era marcado pelo sentimento de identidade e pertencimento a uma função e estrato da sociedade que marcou por muitos anos a história da Amazônia.

A memória de Canuto sobre a falta de compradores de borracha que pudessem pagá-lo com dinheiro, demonstra a desvalorização da produção desse produto e a própria ausência de jovens que tivessem interesse em continuar o trabalho de extração do látex revelam um processo de declínio não somente econômico, mas que impacta e desestrutura socialmente essa localidade. O próprio abandono dos instrumentos de trabalho do seringueiro no mato, como no caso de Canuto que abandonou suas tigelas, é marca efetiva de desistência da execução de uma atividade que já não consegue trazer o sustento para esse trabalhador, e as flutuações que o mercado econômico muitas vezes se apresenta alheio as vidas dos seringueiros, sendo uma memória que nos permite entender esse período não apenas pelo viés econômico, mas como uma experiência de muitos trabalhadores que sofreram com tais mudanças abruptas.

3.2 Rios que movem mercados: memórias dos regatões

Em relação aos regatões, que já são tradicionalmente conhecidos na História da Amazônia, eles surgem na memória representados pelo regatão J. A. Leite que é citado em diversos momentos da entrevista de Maria Auxiliadora e Maria Emília, o que marca boa parte das questões das trocas econômicas em suas narrativas

“- **Maria Auxiliadora:** Aí meu pai comprava assim, [...] nos regatões, que chamavam regatão, que era o J. Leite. O J. Leite, naquela época não tinha recreio nem tinha o aeroporto ainda, pra gente vir aqui pra Manaus a gente passava quase um mês, porque ele vinha encostando em tudo quanto era de porto, vendendo coisa e colhendo borracha, castanha, quando era na época da castanha, sorva, quando era época da sorva, pra trazer aqui pra Manaus pra vender pras fábricas.”¹⁰⁷

¹⁰⁷FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 9.

Assim como na Entrevista 1, no seguinte trecho da Entrevista 2, Maria Auxiliadora compartilha memórias com Maria Emília, que também seguem marcadas pelas trocas comerciais que ocorriam no seringal de Santa Bárbara, onde contam sobre como Mateus Soares de Freitas conhecia o barulho dos motores que estavam chegando

“- **Maria Emília:** Eu lembro muito dos regatões que saiam aqui de Manaus com os barcos cheios de mercadoria.

- **Maria Auxiliadora:** Quando chegava lá, ia embora seco.

- **Maria Emília:** Quando aquele barco, ouvia o barulho do motor, o papai já sabia qual era a embarcação.

- **Maria Auxiliadora:** “Vem chegando fulano de tal”.

- **Maria Emília:** Primeiro que ele conhecia pelo barulho do motor, eu lembro desse motor... Kelvin, [...] e o papai dizia, esse aí é o Kelvin, porque ele conhecia o barulho do motor, até a marca do motor ele conhecia. E também eles botavam o anúncio no rádio, que os comerciantes, os regatões iam sair de Manaus, dia tal...

- **Maria Auxiliadora:** Eles já tinham [saído] faz quantos dias, gastava um mês minha irmã, pra chegar.

- **Maria Emília:** ...já sabiam que dia o regatão ia chegar lá, então ali tinha tipo uma troca, o papai entregava borracha, castanha, sorva, alguma coisa, [...]”¹⁰⁸

Em várias partes das entrevistas feitas, as memórias com os regatões ressurgem, trazendo essas questões sobre as trocas pelos produtos e por vezes, as monetárias, quando estas existiam, visto que nem sempre elas ocorriam. Segundo Willas Dias da Costa

Os regatões eram considerados como comerciantes dos rios que levavam em suas canoas por todos os rios, lagos, furos e lugares, mercadorias estrangeiras e nacionais, e as vendiam a dinheiro, ou na forma de permutas. Esse aprofundamento das atividades comerciais estava pautado pelo uso do dinheiro ou no caso dos seringais em trocas.¹⁰⁹

No caso das memórias trazidas nessas entrevistas, os regatões são recordados já como barcos, e não mais canoas. Na historiografia, lembrados por suas disputas de poder, o comércio de seringalistas e regatões “representava uma tensão no Purus que permaneceu como elemento central enquanto durou o poder do patrão calcado no sistema de aviamento”.¹¹⁰

¹⁰⁸FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 1-2.

¹⁰⁹COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 49.

¹¹⁰COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 50.

Mário Ypiranga Monteiro comenta em “*O Regatão: Notícia Histórica*” que os seringalistas e os pequenos comerciantes de beira-rio eram os mais acirrados inimigos do regatão.¹¹¹ Isso aconteceu pelo fato de que, além de comerciantes, os regatões também funcionavam como compradores de castanhas e borracha, o que desencadeava alguns conflitos, como vemos no comentário de Patrícia Melo

Os regatões também atuavam como pequenos compradores de borracha e vendedores de mercadorias aos trabalhadores dos seringais e à população em geral.

Quando os seringueiros procuravam outros compradores que não o dono do seringal para sua borracha eram os regatões que eles achavam. Muitos seringalistas tinham grande preocupação com essa presença porque eles acabavam ‘desviando’ a produção de borracha da propriedade! Claro que o dono do seringal não gostava nada da história, e isso rendeu bons conflitos entre esses personagens. Mas não foi possível barrar sua atuação, e os regatões tiveram papel importante nessa cadeia de comércio.¹¹²

As memórias trazidas nas entrevistas mostram como é marcante a experiência da passagem dos regatões no seringal, comerciantes que foram com o processo do tempo, assim como com as mudanças nas dinâmicas econômicas e sociais se modificando e adaptando-se a fim de dar continuidade as suas permanências nesses locais. Muitos dos regatões acabaram transferindo-se para alguma sede de município do Rio Purus e adaptando seus negócios para o comércio tradicional em terra firme, como vemos ocorrer com alguns antigos regatões que atualmente são comerciantes na cidade de Lábrea. Nas memórias narradas por Manoel André de Paes, os regatões, comerciantes dos rios, surgem a partir de sua fala sobre o processo de aviamento, e como aquilo que produziam e não era vendido ao barracão, podia ser vendido a eles, com exceção da borracha.

“- **Manoel André:** [...] comerciante era direto passando no rio, comerciante era direto.

[...]

- **Manoel André:** Muito gente, muito regatão tinha no rio. Aí foi indo, foi indo, coisando, se acabando, se acabando, agora acabou-se o regatão.

[...]

- **Manoel André:** Mas sabe como que acabou-se o regatão? Por causa dos bandidos, que começaram a ser bandidos, aí começava a vender, como eu tô

¹¹¹MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O regatão: notícia histórica**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1958, p. 84.

¹¹²SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1, p. 32.

dizendo, começava a vender fora e foi começando bandido, bandido, hoje em dia não tem, se o cara faltar um quilo de açúcar aqui, se não for comprar na Lábrea não tem onde comprar, porque quando eles arrumavam dinheiro eles já iam pra outra, pra outro regatão, deixava aquele que ele tava devendo e já ia comprar no outro, comprar no outro, com o dinheiro, e os regatão foi se acabando, foi se acabando, até que se acabou de uma vez.”¹¹³

Tendo em vista as memórias dos entrevistados, sabemos que não era hábito comum, sendo uma prática desautorizada, que os próprios seringueiros tratassem com os regatões acerca das produções de borracha e sua comercialização, porém, este fato ainda assim ocorria, como podemos notar na narrativa de Canuto e Maria, ao falar sobre algumas práticas de outros seringueiros:

“- **Fabiane:** Eu tenho uma dúvida, quando o senhor produzia, por exemplo, a borracha, o senhor podia vender para outras pessoas...

- **Canuto:** Não.

- **Fabiane:** Ah, o regatão passou... vou vender aqui a borracha...

- **Canuto:** Não, se fosse do patrão, era só pra ele.

- **Fabiane:** E pra fora, o senhor podia vender alguma coisa?

- **Canuto:** Não, a gente não vendia, o freguês honesto mesmo, não vendia, a produção não, só o patrão.

- **Maria:** [áudio incompreensível: *nem o sernambi*] ele não vendia...

- **Anônima:** Mas tinha uns que vendiam [risos].

- **Maria:** ... sernambi que [áudio incompreensível: enrolava] assim na bacia, sabe?

- **Anônimo:** Sernambi era sobra.

- **Fabiane:** Só pro patrão.

- **Canuto:** Era.

- **Anônimo:** Patrão que aviava, era o que ele vendia.

- **Canuto:** É.

- **Anônimo:** O patrão da localidade era o que eles vendiam.

- **Fabiane:** O que acontece se vendesse para alguém de fora?

[silêncio]

- **Fabiane:** Ou ninguém vendia pra fora?

- **Canuto:** [áudio incompreensível: *vendia*] pros outros regatão.

¹¹³PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 16-17.

- **Anônima:** Tinha alguns que vendiam, né pai?
- **Maria:** Era, pro regatão.
- **Fabiane:** Aí o que acontecia?
- **Canuto:** Nada [*risos*].
- **Fabiane:** Só vendia mesmo? [*risos*].
- **Canuto:** Vendia escondido, né? Pro outro, né? Aí... o patrão não ia atrás de quem tinha comprado não.
- **Fabiane:** Nem sabia?
- **Canuto:** Nem sabia, é.”¹¹⁴

A venda da borracha a regatões ou outros proprietários sem o consentimento do patrão habitual daquele seringal é considerado pela historiografia como uma forma de resistência dos seringueiros frente ao sistema imposto, essa situação, que não era particular do seringal de Santa Bárbara, visto que acontecia em outros seringais, era entendido como uma “violação da relação patrão-cliente que os aviadores consideravam muito comum”.¹¹⁵

3.3 Para além do rótulo: tipos da historiografia dos seringais

A fim de contemplar um trabalho com História Oral sem deixar de lado a historiografia, pensando nesse panorama geral onde o historiador vê as narrativas advindas da memória, sem perder de vista a humanização dos eventos históricos, tentando dar um passo além dos já conhecidos seringais genéricos de trabalhadores sem nomes da história oficial, faço o movimento de trazer alguns trechos das narrativas coletadas nas entrevista e reflexões feitas sobre as mesmas, também pensando no que comenta Alessandro Portelli sobre a História Oral

A história oral, em essência, é uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico, global, visto de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça. A história oral, então, junta a história vinda de cima e a história vinda de baixo em um mesmo texto – em uma mesa de negociação – criando um diálogo igualitário entre a consciência que os historiadores têm dos padrões

¹¹⁴MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 25-26.

¹¹⁵WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993, p. 37.

espaciais e temporais mais amplos e a narrativa pessoal, mais pontualmente focada, do narrador local.¹¹⁶

Sendo assim, vemos dentro dessas entrevistas algumas das categorias genéricas da historiografia aparecendo, comumente conhecidos como “tipos”,¹¹⁷ e vamos tentar trazer vida a elas a partir desses relatos, para entendermos melhor as questões do mundo do trabalho e sociabilidades desses sujeitos diversos dentro dessas memórias.

“- **Maria Auxiliadora:** [...], eu nunca vi tanta fartura na minha vida como quando eu era criança, meu pai [...], pescava muito bicho, ele não era só patrão não, o que a gente comia, consumia, tudo ele que pescava, ele pescava, ele fazia farinha, a gente fazia farinha que ainda vendia era pra freguês, ele fazia de tudo, não era só viver dentro do barracão não, sendo mandão não, ele fazia de tudo.”¹¹⁸

Maria Auxiliadora continua sua narrativa contando sobre o período da farinhada e como durante esse tempo o trabalho era dividido com outros trabalhadores que moravam no seringal de Santa Bárbara na área que ela denomina como campo, isso ocorria principalmente quando havia uma sobrecarga de trabalho e era necessário que outros trabalhadores viessem dar suporte a produção, visto que o trabalho na farinhada era cansativo para ser feito somente por uma pessoa que ficava tirando e mexendo a farinha o dia todo na “beira do fogo”.

Em sua memória, ela comenta que nesses períodos eles chegavam a fazer 40-60 alqueires¹¹⁹ de farinha e enchiam um cômodo com essas produções, entre elas ela cita o jerimum, que também era colhido por eles na praia, e que servia de alimento no período do inverno para os porcos que eram criados. Sobre essas criações de animais, ela comenta que criavam muitos porcos e que também criaram bois, mas que pararam aos poucos de criar esses animais devido ao fato deles “mexerem nas praias”.

Em geral, a literatura dominante destaca como funções principais da categoria “patrão” em um seringal genérico as de: gerenciamento, organização do trabalho, fornecimento de recursos, negociação com comerciantes, manutenção das instalações e

¹¹⁶PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 150.

¹¹⁷REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1956, p. 113.

¹¹⁸FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 5.

¹¹⁹Segundo o “Dicio, Dicionário Online de Português”, alqueire é “Medida de capacidade para secos, sobretudo cereais, no Brasil, corresponde entre 12,5 e 13,8 litros”. Link: [Alqueire - Dicio, Dicionário Online de Português](#)

supervisão das atividades. Incomum seria ver o tipo “patrão” em funções como as que são trazidas no relato captado pela entrevista. Porém, levando em consideração o recorte cronológico escolhido, sabemos que as dinâmicas dos seringais acabaram mudando para se adaptar as novas realidades que encontravam.

Um exemplo dessas mudanças ocorridas nos tipos comumente descritos na historiografia é o caso do corretor, que observando o que indica o “Regulamento do Seringal” de Octávio Reis, feita por Samuel Benchimol, aparece com o nome de “fiscais de campo”,¹²⁰ sendo suas funções, sintetizadas por Davi Avelino Leal, as seguintes:

- a) O fiscal do seringal, que pelo nome bem indica a confiança que merece, vivendo em contínuo contato com o produtor, é preciso ser um homem sério e de bem, trabalhador e honesto, tratando a todos com honestidade com imparcialidade em todos os seus atos para assim poder merecer a confiança que a casa lhe deposita;
- b) Tem o dever de fiscalizar todas as estradas e ver se estão trabalhadas de acordo com o regulamento de corte em vigor, e quando não estejam, chamar o dono da referida estrada mal trabalhada e ensinar-lhe, se preciso for, a forma de trabalhar bem e de acordo com o regulamento, avisando a casa dessa anormalidade. Fazer o mesmo pela segunda vez e suspender o produtor de seus trabalhos em caso de reincidência pela terceira vez, e neste caso deverá valorizar os prejuízos causados para que sejam cobrados pela casa. Havendo qualquer dúvida neste seu ato, irá ali o gerente do depósito que verificará a estrada em questão e fará valer ou não a multa aplicada;
- c) É dever do fiscal ensinar ao extrator a forma de corte e quando preciso, ajudá-lo a melhorar a estrada, caso essa tenha menos de 150 árvores para que se verifique o aumento do leite;
- d) Avisar ao depósito de qualquer anormalidade que note pelos centros, quer seja com extratores ou com empregados;
- e) Cumprir e fazer cumprir fielmente este regulamento, e com especialidade o regulamento do corte, que deve com calma ensinar aos que não tenham ainda bastante prática.¹²¹

Nas memórias do seringal de Santa Bárbara, e levando em consideração a mudança de recorte espacial e temporal apresentado no regulamento trazido por Samuel Benchimol, vemos algumas diferenças na execução dessa função de “fiscal de campo”, também conhecido como “corretor”. Iniciemos pela narrativa de Manoel André a cerca dessa temática, falando sobre a forma correta de serem feitos os cortes na seringueira, e o que ocorria se não fosse seguida a técnica na prática do trabalho

¹²⁰LEAL, Davi Avelino. **Entre barracões, varadouros e tapiris**: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio Madeira (1880 – 1930). Manaus, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007, p. 105.

¹²¹LEAL, Davi Avelino. **Entre barracões, varadouros e tapiris**: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio Madeira (1880 – 1930). Manaus, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007, p. 105-106.

“- **Manoel André:** [...]. E era tudo coisado rapaz, que, era de primeira, e de primeira o cara cortava e ainda tinha mais, o corretor que ele botava pra correr a estrada, se o cara desse um risco subindo também, ele botava pra fora.

[...]

- **Manoel André:** [...] a bandeira era aqui assim na seringueira na época, né, bandeira, aí o cara vai cortando, vai riscando assim, [...] se o cara desse um risco só pra baixo assim, o cara desse um risco, desse primeiro que ele deu aqui, pra cá [*gesticula*], aí tava cortando subindo na seringueira, aí não podia. Aí só tinha que cortar baixando, [...].

- **Fabiane:** Estraga a seringueira?

- **Manoel André:** Não... não estraga não, faz é dar mais, é, faz é dar mais, aí eles não querem que corte, o patrão não queria que cortasse subindo, só baixando na seringueira.

- **Fabiane:** Por que será que era assim?

- **Manoel André:** Não sei [*risos*], só cortava baixando, subindo se visse, o patrão fosse correr...

- **Fabiane:** E eles faziam isso?

- **Manoel André:** O patrão não, que não era o patrão que ia correr, quem ia correr era uma pessoa que eles botavam, da confiança deles. O finado Mateus nem botava, nem corria e nem botava ninguém pra correr. Seu finado Mateus era o maior corretor que tinha, porque ele só fazia dizer que ia, mas não ia lá, aí o caro não fazia, porque a bandeira era aqui óh, a bandeira era aqui, aí o cara tinha que chegar na seringueira, não cortar pra cá, cortar pra cá [*gesticula*]. Se desse um risco aqui, subindo, aí se chegasse lá o corretor, e dissesse óh...

[...]

- **Manoel André:** [...], aí eles botava pra fora.

[...]

- **Manoel André:** [...], aí o cara cortava só baixando.

[...]

- **Manoel André:** E cortar subindo já viu, aí o [*áudio incompreensível: finado Aristides*] não ia, aí o que ainda andou se coisando aqui foi ele.

- **Fabiane:** O Aristides não ia também não?

- **Manoel André:** Correr? Não. Finado Aristides botava gente pra correr.

- **Fabiane:** Iam outras pessoas...

- **Manoel André:** É, outra pessoa.

- **Fabiane:** O senhor lembra quem era que ia?

- **Manoel André:** Me lembro.

- **Fabiane:** Quem era que ia?

- **Manoel André:** Ah, já morreu, era o Sebastião Pinheiro.

- **Fabiane:** Aí ele ia verificar se estava...

- **Manoel André:** É, e aquele ali tinha um [*áudio incompreensível: vício*] que era, só de um tamanho só, não tinha que aumentar de jeito nenhum, é tudo de um tamanho só, só com um palmo de risco e uma polegada, se tivesse mais... era assim.

[...]

- **Fabiane:** O Mateus não tinha essa verificação, ele dizia que ia lá, mas não ia.

- **Manoel André:** O seu Mateus não ia porque aí não tinha quem... findasse o verão e não ia, porque ficava esperando ele ir e ele não ia. Era o maior corretor que eu digo por isso, porque o cara não cortava, porque tava... na hora, um dia ele ia lá, se o cara cortasse [*áudio incompreensível: descendo*], do dia que o cara cortasse, ele dizia, quando o cara ia fazer a quinzena dele, ele dizia ‘Rapaz, essa semana eu não fui não, mas nessa eu vou’. Podia ir descansado que ele não ia [*risos*], mas também o cara cortava subindo, não [*risos*], de jeito nenhum [*risos*].”¹²²

¹²²PAES, Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 34-36.

Desde o período que é comumente conhecido como “crise da borracha”, as pesquisas sobre seringais apontam para o potencial visto no extrativismo de outros recursos, especialmente da castanha, que é bastante abundante na região do rio Purus e que também era objeto de coleta no seringal de Santa Bárbara,

“- **Maria Auxiliadora**: [...] tinha um paiol que era bem na beira [*do barranco*], o paiol é uma casa de madeira, [...] cercava e assoalhava, coberto de lumenol, que é como chamavam o zinco antigamente, [...] que era só de botar castanha, quando era da época da castanha, a castanha é sempre agora na época do inverno, janeiro, fevereiro, março, até maio, eles colhem as castanhas, cai os ouriços, eles quebram e tiram as castanhas, aí eles medem as latas e colocam lá no paiol, que depois eles vendem pro povo que passa lá comprando as castanhas, era um paiol que chamavam, só de guardar castanhas, às vezes guardava alguma borracha, mas era mais castanha, [...]”.¹²³

Esses recursos serviam, em geral, para sustentar, suprir ou complementar as trocas econômicas nesse novo cenário econômico em que se encontravam os trabalhadores desses seringais. Esses elementos do extrativismo tomaram maior importância com os anos, visto que se tornou “um dos mais importantes produtos comercializados pelos padrões remanescentes dos antigos seringais”¹²⁴ e vemos isso também nos relatos trazidos nas entrevistas feitas nessa pesquisa, como citado no trecho a seguir sobre o esforço dedicado a essa atividade:

“- **Maria Emília**: [...] Então era uma vida assim, muito sacrificante, porque no verão tinha toda uma parte da borracha, e no inverno também eu lembro que o papai entrava com coisa pra dentro dos igapós, pra entrar pra outros rios, afluentezinhos, pra pegar castanha!

- **Maria Auxiliadora**: Passava de 10-15 dias viajando, dentro dos igarapés, tirando produto da castanha pra trazer.”¹²⁵

Esse interesse por outros recursos, além da borracha, é também visto em outros trabalhos que abordam a temática, demonstrando o interesse que alguns padrões tinham em adquirir não somente propriedades com seringueiras, mas que estas também tivessem castanheiras, a fim de conseguirem obter uma maior variedade de produção, como vemos em “*Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)*” de Davi

¹²³FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 13.

¹²⁴COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 72.

¹²⁵FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 2-3.

Avelino Leal, os conflitos territoriais envolvendo a possibilidade de acesso a esses recursos eram intensos e constantes, o que demonstra sua importância no cenário local, levando em consideração as questões econômicas, vemos “Num período de retração econômica da borracha, os castanhais tornaram-se alvos, tanto do interesse do Estado quanto do desejo dos comerciantes locais”.¹²⁶

Além disso, apesar das literaturas clássicas sobre o seringal optarem por dar destaque ao papel do homem no gerenciamento e trabalho nesse local, podemos notar que as mulheres estão presentes em diversos momentos, tomando parte do mundo do trabalho em conjunto com os homens.

“- **Maria Auxiliadora:** A gente fazia farinha com nosso pai, nosso pai tinha praia grande, colhia mandioca, a gente ia tirar mandioca de molho, ia pra casa de farinha cevar com a minha mãe, tirar goma, e era muito, muito bacana... e assim foi a minha infância [...].”¹²⁷

Como vemos em pesquisas como a de Agda Lima Brito, intitulada de “*‘Eu trabalhei também’: as trabalhadoras nos seringais do Amazonas (1940-1950)*”, a presença do trabalho feminino nos seringais possibilitou uma maior flexibilidade em relação à dedicação à agricultura e ao corte da seringa simultaneamente, a partir da divisão de tarefas, as “[...] mulheres foram aos poucos se tornando peças fundamentais para assistência de suas famílias nos seringais.”¹²⁸

Maria Auxiliadora traz com riqueza de detalhes os processos que eram feitos com os produtos coletados na natureza, o tratamento dado a esses recursos e sua utilização no cotidiano do seringal, vemos as mulheres em ação, juntamente com os outros trabalhadores, mostrando a variedades de atividades exercidas pelos mesmos

“- **Maria Auxiliadora:** Eu me lembrei que eu cansei de ir juntar andiroba e tirar cacau no mato, cansei de ir com o Pará, com a comadre Dalgiza, e mariscava de caníço, e tirava cacau, tanto cacau, eu juntava muito, muita andiroba, que a mamãe pegava e tirava o óleo, tirava tudinho, dava um trabalhão danado, quebra, desse tamanhinho assim a fruta da andiroba, aí você abre no meio, raspa aquela massa, vai juntando tudinho a massa, pega um pedaço de alumínio, dobra ele tipo uma bica, coloca ele meio assim [*gesticula*], um lado mais alto da massa e aqui [*gesticula*] bota uma vasilha, aí o óleo vai

¹²⁶LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 178.

¹²⁷FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 2.

¹²⁸BRITO, A. L. **‘Eu trabalhei também’: as trabalhadoras nos seringais do Amazonas (1940-1950)**. In: Anais do Encontro Internacional - XVIII Encontro de História Anpuh - Rio: História e Parcerias, v. 1. Niterói: Anpuh Rio 2018, 2018, p. 7.

escorrendo pra dentro dessa vasilha, depois você bota nas garrafas o óleo da andiroba, esse óleo a mamãe fazia sabão pra lavar roupa, pra fazer tudo dentro de casa, lavar louça, só não pra tomar banho, pra tomar banho comprava sabão mesmo, porque naquela época não existia nem sabonete, depois que começou a aparecer sabonete, depois de a gente tudo adulta já, 18-20 anos, que começou a aparecer shampoo, as coisas, porque não tinha, a gente lavava com sabonete, com sabão, e os cabelos eram lindos [...].”¹²⁹

Ainda sobre as diversas atividades exercidas narradas por essas mulheres do seringal de Santa Bárbara, mesclando as sociabilidades, o brincar, viver a infância nesse ambiente que se mistura com o trabalhar, visto que muito cedo as mulheres que viviam nos seringais já adquiriam uma rotina de trabalho:

“- **Maria Emília:** ... era tão grande o espaço até o rio que tinha um campo de futebol na frente, tinha uma área grande, [...].

- **Maria Auxiliadora:** [...] eu roçava de enxada o terreiro, ficava só na areia, a gente brincava à vontade.

- **Maria Emília:** Quando alagava ficava uma ilhazinha, a água entrava na frente do barracão, não alagava direto porque tinha uma parte mais alta, baixava, aí que era o barracão, alagava aquela parte ali, a gente brincava muito ali, a água entrava, a gente brincava de canoa, ficava lá inventando de pescar mandi velho, piaba velha.

- **Maria Auxiliadora:** Eu gostava de ir pro igapó, com a Dalgiza pegar mandi.

[...]

- **Maria Auxiliadora:** Colhia andiroba, mamãe tirava o óleo da andiroba, fazia sabão.

[...]

- **Maria Auxiliadora:** Não comprava quase sabão não, comprava sabão só pra passar na gente, naquele tempo até sabonete era difícil [risos].

- **Maria Emília:** [...] eu me lembro demais que a gente ia pra praia plantar com o papai, ia a praia do tabuleiro, a gente brincava nas goiabeiras...

[...]

- **Maria Emília:** ... se perdia na mata, e também a casa de farinha, nossa! A casa de farinha é uma visão que eu tenho inesquecível.

[...]

- **Maria Emília:** Eu lembro que tirava mandioca, descascando mandioca...”¹³⁰

¹²⁹FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 1.

¹³⁰FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 15-16.

Apesar do seringal de Santa Bárbara estar localizado em uma área de abrangência da cidade de Canutama, a memória de Maria Auxiliadora é marcada pelos longos períodos que passava na cidade de Lábrea, cuidando dos irmãos, o que nos faz pensar sobre as dinâmicas familiares que eram alteradas para que o trabalho no seringal não fosse afetado com o afastamento de um de seus membros por um longo período, como nesse caso sua mãe, Deusdina, em que Auxiliadora conta um pouco sobre essa experiência nesse trecho específico

“- **Maria Auxiliadora:** Toda criança dá um pouco de trabalho, [...] tem que estar alimentando direito, tem que estar olhando pra não cair, eu como era a mais velha sempre eu fui a babá de quase todos, por isso que eles dizem que eu dava cascudo neles, porque quando a mamãe viajava pro interior, que eu ficava só com eles, eu tinha meus 14-16 anos, eles não queriam me obedecer eu dava cascudo [risos], que era assim que a mamãe fazia comigo, foi assim que eu aprendi [...]”

Os que estudavam ficavam em Lábrea, a mamãe ia pro seringal, passava mais tempo lá com o papai que com a gente, ficava lá, aí vinha de 15 em 15 dias, ficava uma semana com a gente e voltava de novo, e a gente ficava lá... a cidade era muito pequena nessa época, era tão pequena que o motor de luz [...], ligava 18:00 horas e 21:00 horas apagava, a cidade ficava no escuro, aí a gente ficava com a lamparina, ou então com o lampião, ou com o farol aceso dentro de casa pra dormir, dormia sempre com o farol, mamãe tinha um farolzinho, pendurava aquela luzinha acesa pra clarear um pouco pra gente dormir... a gente ficava conversando no terreiro, brincando de roda, a gente era tudo criança nessa época, [...]”¹³¹

Nas memórias relatadas por Maria Auxiliadora e Maria Emília, vemos um afastamento de alguns dos padrões de comportamento tipificados na historiografia em termos das mulheres patroas de seringais, como o foco de atividades baseadas no lar, eventos sociais e nos luxos das antigas elites da borracha, nesse recorte, em geral já enfraquecida. Esse e outros trechos narrados sobre Deusdina, nos fazem repensar como as relações dentro dos seringais acabam se modificando ao longo dos anos, adaptando-se às crises, dando espaço para outras diversas atividades que vão além das domésticas e de cunho social dessas mulheres, levando em consideração informações trazidas em pesquisas que nos mostram outros recortes temporais, como o de Mônica Maria Lopes Lage, intitulado de “*Mulheres e seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)*”, nós podemos observar e refletir sobre algumas das concessões

¹³¹FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 7-8.

feitas por uma mulher patroa para a manutenção do funcionamento de um seringal, visto sua importância, nesse caso, no gerenciamento do mesmo.

Levando em consideração que as memórias captadas nas entrevistas vêm de experiências de mulheres no seringal, isso nos estimula e incentiva a pensarmos esses espaços como permeados pelo trabalho e sociabilidades das mesmas, estimulando ainda mais os debates acerca desse tema ainda tão fértil, assim como o olhar atento aos seringais de forma mais capilarizada, lembrando Michelle Perrot, penso que de fato “[...] o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando nas suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história”.¹³²

Observando a citação acima, podemos imaginar que cabe também reencontrar os trabalhadores dos seringais em ação, inovando, dotados de vida, criando o movimento da história, movimento esse que fora por vezes apagado, silenciado, ignorado pela história oficial. A utilização da História Oral para alcançar esses homens e mulheres da Amazônia tem sido de grande valia, principalmente em relação a essas experiências de vida cotidiana desses indivíduos, que em muito ainda conversa com os costumes dessas comunidades e impacta suas realidades atuais.

3.4 Além da borracha: os tesouros do seringal

Muitas das memórias trazidas à tona por Maria Auxiliadora e Maria Emília demonstram um fato que reverbera de forma bastante fixa em suas narrativas, apesar do duro trabalho nos seringais, e as questões relacionadas aos perigosos do trabalho nas florestas e igapós, as narradoras sempre voltam a ressaltar como existia fartura nesse ambiente

“- **Maria Emília:** [...] nossa infância, eu acho que foi muito rica, [...] essa parte que a gente viveu, vivenciou lá no seringal, uma coisa maravilhosa sabe, a gente pensando hoje, ainda ontem eu tava pensando, meu Deus, se eu tiver que retornar pra uma vida de novo na terra, sei lá [*risos*], eu espero... eu quero que Deus tenha compaixão de todos nós, e que coloque a gente num lugar bom pra viver, porque a vida é muito pior pra muita gente né, então a gente ainda teve o privilégio de ter um lugar bom pra viver, pra tirar o sustento, com dignidade,

¹³²PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 1ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 172.

e nunca faltou nada lá pra nós, nós sempre tivemos, nunca faltou, era abundância às vezes de peixe, de caça, de tudo.

- **Maria Auxiliadora:** Era muita abundância mesmo, porque meu pai, ele tanto caçava como pescava, e quando ele ia, ele trazia, trazia a canoa cheia de bicho, porque naquela época era livre você matar pra alimento né, porque tinha muito bicho na época, hoje em dia que tá mais escasso, tudo, tudo tá mais escasso hoje em dia, porque nós mesmos, os homens, que tão destruindo tudo o que Deus deixou, não vai chegar a destruir, porque eles não tem mais poder que Deus né, mas vê os rios, os rios antigamente eram muito fartos, hoje em dia já não são mais, a poluição tá acabando com tudo, destruindo, os rios estão secando, os peixes estão morrendo.

Eles pegam muito nas desovas os peixes, como que vai aumentar se eles pegam os peixes ovados? É por isso que o IBAMA bota muitas regras e às vezes os pescadores não querem cumprir, e daí não cumprem, não cumprem mesmo, pelo interior não cumprem não, e aí já pensou quantos peixes ovados pega e come, quantos mil peixes tem ali? Porque dentro de uma sardinha tem mil peixes ou mais, porque é muita ovinha, um bolãozinho assim [*gesticula*], aqueles carocinhos bem miudinhos, cada carocinho daquele é um peixinho.

Nessa época não tinha ainda, tinha muita fartura, que o IBAMA não proibia nada dessas coisas, então era muito liberto, você pegava o que queria, não pra estragar, pra comer [...]. Era muita fartura, era proibido a pesca com paneiro, com muitas coisas, mas naquela época nem precisava, porque você pegava tudo com muita fartura, depois que foi aparecendo pesca de paneiro, com malhadeira, que naquela época nem tinha, era só tarrafa, o caniço ou então o cacuri.”¹³³

Ao adentrar no tema sobre as proibições e regras encontradas no uso dos recursos naturais, além de citar as fugas desse controle por parte dos pescadores como exemplo, devemos lembrar que as discussões acerca do controle do uso dos recursos naturais, são comuns nas legislações e discursos em várias épocas da história do Amazonas, como vemos no trecho de “*Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)*” de Davi Avelino Leal,

Além de castanhais e seringais, os códigos de posturas, elaborados a partir do último quarto do século XIX, limitam, em vários municípios, os lagos de pesca, as aves que podem ser abatidas, a caça e coleta de outros produtos extraídos da floresta. Mais do que um discurso de proteção à natureza, o que está em jogo, nesses códigos, é o controle sobre os recursos e sobre as pessoas que entram em conflito com as suas formas específicas de uso desses mesmos recursos desenvolvidas pelos que se chama, hoje, de ‘povos tradicionais’ (seringueiros, castanheiros, pescadores e povos indígenas).¹³⁴

Uma característica que a narradora Maria Auxiliadora apresenta é a desenvoltura para detalhar o funcionamento dos itens utilizados no seringal de Santa Bárbara, sabendo

¹³³FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 4-5.

¹³⁴LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 184.

que aquilo provavelmente não faz parte do dia a dia de quem a entrevistava, naturalmente ela incorporava explicações sobre termos ou objetos em sua fala, vemos um dos exemplos em sua fala sobre o cacuri

“- **Maria Auxiliadora:** Cacuri é... um lago pequeno assim, eles colocam numa ponta lá [*gesticula*], deixa uns 4 metros, aí lá eles põem uns paus, porque eles fazem tipo uma boca, o peixe entra, mas não sai, e do lado de cá também, a água fica correndo, o peixe passando, o peixe entra naquele buraco, ele não sai dali de dentro, e aí quando passa um dia ou dois a pessoa vai lá, tá cheio de peixe [...], porque era muita fartura naquela época.”¹³⁵

Esses movimentos feitos pelo narrador são peculiares ao trabalho com as fontes orais e de um trabalho chamado de “cocriação” por Alessandro Portelli, é de fato uma troca entre historiador e narrador, em que ambos adaptam seus focos para melhor atender um ao outro, como vemos na explicação, essa troca não vai somente em uma direção, tendo o narrador também seus próprios direcionamentos

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador que saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista.¹³⁶

As memórias narradas sobre a fartura trazem à tona a imagem do tabuleiro de tartarugas do seringal de Santa Bárbara, que sempre aparece como um local de vivências de experiências únicas aos seus moradores, seja no âmbito do trabalho ou sociabilidade, mesmo nas brincadeiras de criança, quando em conversas casuais que tive com os irmãos de Maria Auxiliadora, estes contam sobre os ataques de gaivotas que sofriam na praia do tabuleiro em suas aventuras de infância, acompanhando sua mãe, Deusdina Queiroz de Freitas, na colocação das bandeiras que demarcam a praia, esse local sempre ressurge e é traço marcante das histórias que envolvem Santa Bárbara, como vemos no seguinte trecho

“- **Maria Emília:** Quando era época da... [tartaruga] que a mamãe não deixava coletar ovos de tartaruga e tracajá na praia, ela usava aquela chama, ela vinha

¹³⁵FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 5.

¹³⁶PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 10.

aqui em Manaus, todo ano a mamãe vinha aqui em Manaus, pegar uma licença do IBDF, naquela época era IBDF, ela pegava a licença, eram 4 tabuleiros no Purus que eles liberavam com autorização do governo mesmo, pro dono fiscalizar, a mamãe tinha autorização para fiscalizar, era tanto que ela fiscalizava com unhas e dentes aquilo ali, usava arma mesmo pra defender...

[...]

- **Maria Emília:** É porque a praia era demarcada, as pontas, era uma bandeira que eles colocavam, eles colocavam uma bandeira numa ponta de praia e outra bandeira na outra, mas...

- **Maria Auxiliadora:** E o chama no meio, só que o barco que viesse as praias, tinha que passar pelo outro lado do barranco, bem lento, pra não fazer zoadá por causa das tartarugas que estavam lá, e os tracajás, tudo na beira da praia, só aguardando anoitecer pra ele subirem pra ir botar [os ovos] lá em cima.

- **Maria Emília:** Na verdade, eu chamava, a gente chamava de chama né, é um cercadinho que eles fazem de madeira...

- **Maria Auxiliadora:** De uns 2 metros quadrados, mais ou menos.

- **Maria Emília:** ... aí coloca um capitari lá dentro, que é o macho.

- **Maria Auxiliadora:** Que é pra chamar as tartarugas.

- **Maria Emília:** Ele põe um macho ali dentro, ele fica preso ali dentro, dentro da água...

- **Maria Auxiliadora:** Enquanto passar o período da praia ele fica preso ali, depois solta.

- **Maria Emília:** ... ele fica lá porque ele fica chamando os outros, aí eles vão tudo colocar os ovinhos ali, naquela área...

- **Maria Auxiliadora:** Na praia.

- **Maria Emília:** ... é ciência da natureza.”¹³⁷

Segundo nos apresenta Sebastião A. Ferrarini em sua obra “*Quelônios: Animais em Extinção*”, em tempos remotos, as praias boas para desova eram mais facilmente encontradas pelos quelônios, porém, com o aumento da caça desenfreada desses animais, fora necessário a criação das chamadas “praias de tabuleiro”, que como comenta o autor, “Esta se caracteriza pelo seu aspecto tranquilo. Estas praias têm dono. A licença é *tirada* em Manaus. O dono de um tabuleiro deve zelar para que sua praia produza o máximo. Neste local é proibido circular. Deve-se manter o caráter selvagem.”.¹³⁸ Essas praias possuíam uma série de precauções e procedimentos que deveriam ser tomados a fim de mantê-las o mais próximo do natural e resguardadas para a desova com mais tranquilidade desses animais.

¹³⁷FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 5-6.

¹³⁸FERRARINI, Sebastião Antonio. **Quelônios: animais em extinção**. Manaus: 1980, p. 30.

Na obra de Ferrarini também podemos encontrar a explicação para o motivo de que as praias de tabuleiro fossem tão frequentadas por aves como as gaivotas dos relatos casuais que tive acesso, afinal, esses pequenos santuários preservados e cuidados acabam por transmitir a outros animais também que aquela praia é propícia a postura de ovos. Em visita de campo que fiz ao seringal de Santa Bárbara em agosto de 2023, pude conhecer a praia do tabuleiro, com suas tão características bandeiras de demarcação em uma ponta e outra do local, que servem para sinalizar a população em geral que aquela praia é um tabuleiro.



Figura 17 – Praia do Tabuleiro de Santa Bárbara (2023)

Fonte: Fotografia do arquivo pessoal de Fabiane Q. de F. Rebelo.

Vale ressaltar que a atividade de coleta dos ovos de tartaruga era prática comum em várias regiões do Amazonas, até mesmo vemos no período colonial, nas áreas com grande quantidade desses recursos, assim como onde haviam pirarucu e peixe-boi, sendo criados os pesqueiros reais, que por um longo tempo promoveu a pesca em larga escala, prática que acabou resultando na ameaça de extinção dessas espécies, porém, a atividade em si de retirada dos ovos remete a um período muito mais longínquo, como vemos no seguinte trecho da pesquisa de Davi Avelino Leal

Outra atividade comum, era a retirada dos ovos de tartaruga nas praias. No tempo da vazante, quando então surgem grandes praias de areias, as tartarugas saem da água para desovar. Os índios aproveitavam os ovos para fabricação da manteiga. De acordo com Veríssimo (1970), estudioso da pesca na região, e

autor de importante monografia sobre o tema no final do século XIX, os índios construíam barreiras, espécies de viveiros, para colocar dentro as tartarugas apanhadas nas praias.¹³⁹

Ao longo dos anos, a tartaruga foi se tornando ainda mais uma mercadoria de grande valor e ultrapassou o consumo racional e tradicional, como comenta ainda Davi Avelino, chega a tornar-se até mesmo um símbolo de *status* como vemos no seguinte trecho

Alimento comum à culinária indígena, a tartaruga foi apropriada à mesa portuguesa, ao ponto de ser considerada, conforme indica Pinto, “a vaca cotidiana da alimentação portuguesa”. Mais do que isso, a tartaruga havia se tornado um símbolo de *status*, seu consumo era sinal de prestígio, extensivo àquele que dava de presente a um amigo da capital, mostrando influência e esperando favores.¹⁴⁰

Até os dias atuais ainda podemos observar esse costume de presentear alguém com quelônios no interior do Amazonas. Ao continuarem suas narrativas sobre a praia do tabuleiro de Santa Bárbara, Maria Auxiliadora e Maria Emília, vão nos desvelando algumas das funções exercidas tanto por Mateus Soares de Freitas, quanto por Deusdina Queiroz de Freitas, que eram respectivamente “patrão” e “patroa” no seringal, quanto alguns dos demais trabalhadores do local, que tinham entre outras funções, as de seringueiros, mas havia uma certa rotatividade na função de vigia das praias, visto que necessita de dedicação e atenção durante o dia inteiro e o período da noite, por meses, a fim de que assim pudessem ter momentos de pausas sem deixar a praia desguarnecida.

“- **Maria Auxiliadora:** [...] o papai que, tinha umas duas ou três pessoas que pagavam, eram 3 meses de praia, né? Era junho, julho e agosto, até meados de setembro também, porque tinha que colher já fim de setembro pra novembro, que colher os bichinhos que eles começavam a sair da cova e descer, ainda tinha o trabalho de colher tudinho num saco, levar pro igarapé, botava lá pro igarapé porque lá se salva mais, porque se eles descem direto pro rio fica assim de peixe grande só comendo os bichinhos, desse tamanhinho [*gesticula*], comem tudinho, é por isso que você pega tracajá que ele tá com as beiras comidas, foi algum peixe que deu uma abocachada ali e tirou um pedaço do bichinho. Todo esse trabalho tinha, a mamãe pagava, ela pagava duas ou três pessoas, porque ficava um de dia e outro de noite vigiando a praia.

- **Maria Emília:** Tinha um... [*espaço*]

- **Maria Auxiliadora:** Fazia uma casinha lá em cima na praia...

¹³⁹LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 187-188.

¹⁴⁰LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 189-190.

- **Maria Emília:** ...do outro lado do rio...

- **Maria Auxiliadora:** ... coberta de palha, ficava lá a noite todinha vigiando, focava, via se tinha alguém que vinha de canoa pra mexer na chama.

- **Maria Emília:** ... se aparecesse alguém, eles iam lá, mas porque o rio Purus é estreito, então do outro lado vê tudo com binóculo, papai ia às vezes, passava a noite todinha pra lá vigiando, quando era época da desova das tartarugas, principalmente das tartarugas, o papai ficava direto, ele passava a noite vigiando, e de dia e de noite também, era um negócio bonito, entendeu?”¹⁴¹

A “chama” citada nas entrevistas se refere a um lugar, geralmente próximo ao meio da praia, onde é construído um cercado, ou curral, em que ficam o capitari e as tartarugas, chamadas de chamás, podem ser construídos um ou mais desses currais, levando em consideração os devidos cuidados, propósitos e os prós e contras de tê-los ou não na praia, como vemos na obra de Sebastião A. Ferrarini

Na praia de tabuleiro, existe um lugar apropriado, um cercado onde estão cativos um macho de tartaruga, o capitari, e algumas fêmeas. O dono do tabuleiro em fins de julho já está aprontando o curral para colocar estas *chamas*. Observa-se a importância do capitari pelo fato de as tartarugas desovarem somente nas cercanias do curral. O capitari e mais algumas fêmeas servem de chamariz. O curral situa-se dentro d’água, mas bem na beira. Durante o dia as tartarugas assoalham somente ao redor do curral. Pode-se colocar um ou mais currais. A vantagem de colocarem-se dois currais é que as covas não ficam tão amontoadas e umas não prejudicam as outras. Por outro lado, dá mais trabalho ao vigia. Os animais do curral são trocados mais ou menos de 10 em 10 dias. Isto se deve ao fato de, depois de um tempo, eles se tornarem preguiçosos e não atraírem tantos outros quelônios. Mexe-se também no curral de acordo com o movimento das águas que geralmente estão baixando. Portanto, a troca dos animais dentro do curral mantém sempre grande vitalidade e atrativo aos demais bichos.¹⁴²

Por diversas vezes essa “ciência da natureza” entrara em disputa nos tempos atuais, como vemos no estudo de Ítalo Klinger Rodrigues do Nascimento que tem como título “*Mosaico de Unidade de Conservação de Canutama-AM: um espaço de exclusão e de reconhecimento de direitos de comunidades tradicionais*”, quando observamos o capítulo 4, mais especificamente o tópico “A ‘chama’ dos tabuleiros, conhecimentos tradicionais e efetividade das normas socioambientais” em que o autor aborda o caso da ação da destruição dos currais das “chamas” em todas as praias, entre Lábrea e Canutama, que foram avistados por servidores do estado durante uma viagem em 2009. Após

¹⁴¹FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 6.

¹⁴²FERRARINI, Sebastião Antonio. **Quelônios: animais em extinção**. Manaus: 1980, p. 45-46.

descobrirem que eram uma prática comum na região, que tinha como objetivo proteger as tartarugas, houve um pronunciamento de pedido de desculpas.

Vemos ainda na pesquisa de Ítalo Klinger a questão de que “Ao longo do rio Purus em Canutama, algumas comunidades ou famílias assumiram a prática de ‘guardar os tabuleiros’.”.¹⁴³ Levando em consideração esse hábito da utilização das “chamas” como uma sugestão exemplo de conhecimento tradicional, acionando o conceito de Juliana Santilli, o autor também traz leis e normas ao debate, como a Medida Provisória nº 2.186/01 que traz o conceito de conhecimento tradicional e a Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, II, sobre as garantias do pleno exercício dos direitos culturais e a proteção dos “[...] ‘modos de criar, fazer e viver’ dos diferentes grupos da sociedade brasileira”.¹⁴⁴

Agora que entendemos melhor sobre as “chamas” da praia de tabuleiro, iremos abordar a temática do vigia das praias, que Maria Auxiliadora e Maria Emília trazem em suas narrativas através da figura de seu pai, Mateus Soares de Freitas, que também exercia a função de “patrão” no seringal de Santa Bárbara. Segundo Sebastião A. Ferrarini, o vigia da praia de tabuleiro

É o prático entendido nas normas que regem o tabuleiro e versado na ciência dos quelônios. Fica constantemente percorrendo a praia para prevenir incautos ou pilantras de invasões. Normalmente, durante o dia, assenta-se na margem oposta e munido de binóculo observa o comportamento dos animais assoalhando. Deste posto também observa melhor a penetração de predadores. Pela manhã bem cedo, percorre a região próxima ao curral para realizar o emplantamento das covas surgidas durante a noite. Dependendo da movimentação na praia durante o dia sabe, mais ou menos, quantas tartarugas irão desovar durante a noite. Pela noite, arma sua rede nas oiranas já nos limites exteriores da praia. Tomadas todas as providências, realiza passeios noturnos para observar o comportamento dos animais. Locomovendo-se lentamente ou se arrastando pelo chão pode ver bem de perto a desova.¹⁴⁵

Nossas Marias entrevistadas também revelam que não somente o “patrão” Mateus exercia a função de vigia na praia, assim como a “patroa” Deusdina, havia outros trabalhadores do seringal que compartilhavam esse trabalho com eles de proteção da praia. Na narrativa, nos são levantados os números de mais dois ou três trabalhadores nessa função. Para isso, Maria Auxiliadora traz o nome de Manoel André de Paes, já

¹⁴³NASCIMENTO, Ítalo Klinger Rodrigues do. **Mosaico de Unidades de Conservação de Canutama-AM: um espaço de exclusão e de reconhecimentos de direitos de comunidades tradicionais**. Manaus: Universidade do Estado Amazonas, 2013, p. 101.

¹⁴⁴*Ibidem*, p. 101.

¹⁴⁵FERRARINI, Sebastião Antonio. **Quelônios: animais em extinção**. Manaus: 1980, p. 46.

havendo citado o mesmo em outro trecho da entrevista que irei trazer agora, em que a mesma comentar sobre os antigos fregueses do barracão, e o fato de que com a queda das terras, hoje em dia o barracão não existe mais, fora levado pelo barranco, cita em sua narrativa

“ – **Maria Auxiliadora:** Agora tá diferente, o barracão não existe mais, a terra vai caindo e levou o barracão, tem só uns fregueses bem pra trás, que tinha muita goiabeira, tinha pé de seringa, no campo grande, tinha um campo grande que era assim, e hoje em dia não tem mais, já caiu tudinho, o barranco levou, eles vão desmatando e a terra vai caindo, o barranco vai caindo, de vez em quando eles estão botando as casas mais pra trás, uma das casas de um freguês antigo de lá, o Manoel André, ele mora lá mais de 50 anos, a casa dele ele já mudou umas quatro, cinco vezes, porque quando pensa que não o barranco tá na beira da casa dele, aí ele arranca e muda pra outro canto, porque se não o barranco leva, cai [...].”¹⁴⁶

Sendo assim, ao falar da praia de tabuleiro, da função de vigia da praia, Maria Auxiliadora fala novamente sobre Manoel André, que além de seringueiro, também exercia essa função, como vemos no seguinte trecho da entrevista

“ – **Maria Auxiliadora:** E esse Manoel André que eu falei que ele mora lá a mais de 50 anos, ele é um dos que mamãe pagava pra vigiar, até hoje ele vigia a praia, porque ele vive lá, até hoje ele vigia a praia, ele com os filhos dele que vigiam lá, ele era um dos que passavam 3 meses sem cortar seringa, só vigiando a praia, a gente tinha que pagar, ele não trabalhava na seringa, tinha que pagar ele pra ele poder vigiar, porque ele tinha família.”¹⁴⁷

Sabemos, através das leituras de pesquisas como a de Ítalo Klinger R. do Nascimento, que “Ao longo do rio Purus em Canutama, algumas comunidades ou famílias assumiram a prática de ‘guardar os tabuleiros’.”,¹⁴⁸ e a relação de importância desses animais com o âmbito cultural e social desses locais. As riquezas do seringal de Santa Bárbara vão muito além dos já citados acima, levamos em consideração o conhecimento de nossos entrevistados revelados através de suas memórias e narrativas de vida que perpassam os mundos do trabalho no seringal de Santa Bárbara.

¹⁴⁶FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 13.

¹⁴⁷FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 7.

¹⁴⁸NASCIMENTO, Ítalo Klinger Rodrigues do. **Mosaico de Unidades de Conservação de Canutama-AM: um espaço de exclusão e de reconhecimentos de direitos de comunidades tradicionais**. Manaus: Universidade do Estado Amazonas, 2013, p. 100.

CAPÍTULO 3

4. SOCIABILIDADES

O seringal, sendo um ambiente observado na literatura clássica mais pela sua vertente relativa à parte econômica, no relato de Maria Auxiliadora e Maria Emília pode ser visto de algumas outras perspectivas, daquilo que é relativo ao imaginário, das passagens de diversão na infância que suas moradoras tinham, sociabilizando e experienciando esse ambiente que as cercava

“- **Maria Emília:** A gente ia de noite pra casa de um dos moradores de lá pra ouvir histórias que eles contavam, a gente amava ouvir de noite as histórias, aquelas histórias que eles contavam pras crianças, mas algumas eram aterrorizantes [*risos*] [...].

- **Maria Auxiliadora:** ... saci-pererê, aquele que andava com o pé ao contrário, curupira, era tanta história...

- **Maria Emília:** ... aquele macaco que grita de noite também, guariba, aí quando terminava as historinhas tudinho era uma alegria, a gente gostava de ouvir aquela presepada.

- **Maria Auxiliadora:** Não tinha televisão, não tinha luz elétrica, não tinha nada.

- **Maria Emília:** Quando terminava que a gente ia voltar pro barracão na escuridão...

- **Maria Auxiliadora:** Com medo [*risos*].

- **Maria Emília:** Mano, era uma pegando na outra, outra arrastando a outra [*risos*].

- **Maria Auxiliadora:** Corria, caía [*risos*].

- **Maria Emília:** Caía no chão de noite, na escuridão, no meio dos matos, que era muita seringueira que tinha, era um caminho só, a gente tinha que chegar até o barracão, pense num terror que era a gente chegar no barracão, viva! [*gargalha*]

Não fosse o curupira, era uma que ia matar a outra ali no sufoco [*risos*].”¹⁴⁹

Apesar do seringal ser um ambiente de trabalho, a experiência de vida de nossos entrevistados contempla muitas outras perspectivas, próprias das relações humanas, religiosas, do imaginário que cercava suas vidas, das colaborações dentro da própria comunidade. Adentremos agora nos trechos das entrevistas que tratam dos festejos que ocorriam em Santa Bárbara.

¹⁴⁹FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de, REBELO, Maria Emília Queiroz de Freitas. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 1.

4.1 Religiosidade e festejos

Ao falar sobre sua rotina, horário que saía de sua casa para iniciar a coleta do látex até a entrega dos produtos produzidos no barracão, Manoel André comenta sobre os festejos que ocorriam em Santa Bárbara, que também faziam parte da vida em comunidade e modificavam seus horários de saída de coleta do látex: “É. Dia de sábado, que tinha aquela folia de festa essas coisas assim, às vezes, aí nós saía mais cedo, né? Mas outro dia mesmo era 1 hora da madrugada”.¹⁵⁰

Manoel André nos conta que durante toda sua vida havia festas em Santa Bárbara, sendo que ele também as fazia, e como estes festejos acabavam reunindo muitos regatões, comerciantes, no porto deste seringal:

“- **Fabiane:** E aqui tinha festa?

- **Manoel André:** Tinha, toda vida tinha, e era eu que fazia. Fazia festa aqui que juntava regatão desde aqui até encima daquela sumaúma um pouco de motor amarrado aí no porto, tinha muito, muito comerciante, [...]”.¹⁵¹

Procuramos saber mais sobre as festas organizadas por Manoel André, momentos que faziam, e fazem até os dias atuais, parte da vida da comunidade de Santa Bárbara, envolvendo todos em prol de um momento de religiosidade:

“- **Fabiane:** Conte um pouco sobre as festas que o senhor fazia.

- **Manoel André:** Ah [*risos*], todos os anos no dia daquela santa que festejava, tinha festa, de ano em ano que eu fazia.

- **Fabiane:** Como era o nome da santa?

- **Anônima 1:** Nossa Senhora das Graças, todo ano ainda tem.

- **Manoel André:** Ela tá dentro daquela capela ali [*pausa*]. Rapaz, lutaram muito aí, isso aí fui eu que mandei fazer, essa capela aí, [...].

[...]

- **Manoel André:** [...], pois é, todo ano a gente fazia a festa, tinha a festa, tinha o jantar, tinha o leilão.

- **Fabiane:** Leilão, de quê?

¹⁵⁰PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 6.

¹⁵¹PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 20.

- **Manoel André:** O cara bota, faz bolo, faz carne assada, faz boia, faz tudo e bota no leilão e o povo fica arrematando, tirando.
- **Fabiane:** Tinha muita festa assim, todo ano.
- **Manoel André:** Todo ano tinha.”¹⁵²

Em nossa terceira rodada de entrevistas com Manoel André, que aconteceu na cidade de Lábrea, nosso entrevistado pode aprofundar melhor suas memórias sobre os festejos e o início de um deles, o de Nossa Senhora das Graças:

“- **Fabiane:** A outra dúvida que apareceu é que o senhor fazia um festejo, né? Como é o nome?

- **Manoel André:** Nossa senhora das Graças.

- **Fabiane:** O senhor se lembra como começou esse festejo? Quando o senhor chegou em Santa Bárbara já tinha esse festejo?

- **Manoel André:** Não.

- **Fabiane:** E quem começou?

- **Manoel André:** Começou porque quando eu nasci, quando eu fiquei grande, fiquei assim na idade de... desses anos mesmo que eu cheguei, 9 anos, aí pra onde eu ia eu via fantasma na minha vista, alma, essas coisas assim, as alma pegaram pra me perseguir. Aí eu ia tarrafeiar, aquilo vai sair né, eu ia tarrafeiar mais o papai, né? [*áudio incompreensível*] da canoa, aí no que eu via elas, querendo me agarrar na popa da canoa, era nós tarrafeando pela praia e elas por trás, atrás de mim, eu via os vultos, direitinho. Quando era de noite, eu ia dormir, aí quando dava fé eles estavam na beira da minha rede, aí eu me assombrava, corria, lá pra onde tava a mamãe e atrapalhava o sono deles, né?

Aí ela foi e fez uma promessa, que se eu ficasse bom, deixasse de ver essas coisas, aí eu fosse... desse pra eu cortar seringa, [*áudio incompreensível: desse tempo*] trabalhava de seringa, né? Eu cortasse seringa, o primeiro de que eu cortava seringa, ela ia vender, tirar o dinheiro pra mandar buscar, Nossa Senhora das Graças, pra mim.

Aí assim ela fez, essa promessa, aí eu deixei, eu não... foi indo, foi indo, foi indo... eu deixei de ver já, num via mais, aí eu fiquei grande, me casei, quando eu tive filho também. Aí eu trabalhei, fiz ainda a borracha, ela tirou, vendeu, aí trouxe a santa, aí eu fiquei festejando o dia de todos os santos, que ninguém não sabia, que dia era, dia de Nossa Senhora das Graças, aí foi indo, foi indo, foi indo... aí lá o padre, sei que o padre foi e achou, dia 29 de novembro, dia de Nossa Senhora das Graças, aí nós mudemos, tiremos o dia de todos os santos e fiquemos festejando todos os anos.

- **Fabiane:** Nossa, não sabia seu Manel André, [...], não sabia essa história, aí o senhor parou de ver?

- **Manoel André:** Foi, o [*áudio incompreensível: padre*] [...], num via de jeito nenhum, fiquei bom, cortava, num via mais negócio de alma, de jeito nenhum. Aí um dia eu fui rapá [*raspar*] a estrada que eu cortava, no lado grande, um

¹⁵²PAES. Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo.** Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 21.

lago que tem detrás da Santa Bárbara, um lago grande, tu ouviu falar do lago grande?

- **Fabiane:** Eu vi no mapa, [...].

- **Manoel André:** Pois é, aí eu fiquei... não via mais alma, aí eu fui rapei [*raspei*] a estrada dia de finado... é...

- **Fabiane:** O senhor limpou a estrada?

- **Manoel André:** Foi, eu fui... a gente fazia madeira pra cortar, aí quando a... encostava naquele canto, a gente rapava [*raspava*] de novo, o sujo da seringueira, pra poder a gente cortar de novo, a seringueira. Aí quando chegava de novo... parava um dia, aí ia rapá [*raspar*], [...] começar a cortar de novo. Aí eu fui e rapei [*raspei*] no Dia de Finados, rapaz, aí não prestou não.

- **Fabiane:** O que aconteceu?

- **Manoel André:** Cara, aí quando eu fui cortar a estrada... eu cortei e não vi nada, aí não vi nada, de jeito nenhum, quando foi... comi e tudo, aí quando terminei de comer, aí não fui mais não, era pra onde eu ia tinha gente, pra onde eu ia tinha aquele montoeiro de gente, rapaz, e eu não via, só ouvia a voz, aqueles toque, toque mais [*áudio incompreensível*] do mundo.

Até que eu fui indo, fui indo, fui indo, até que... ficou pra detrás de mim, e eu corri, fui bater em casa, a casa ficava na beira do lago, cheguei lá, [*áudio incompreensível*] em mim, aí eu contei pra ela, ‘eu não disse que tu não fosse rapá a estrada dia de finado?!’ [*risos*], aí eu digo ‘agora eu não vou mais não’, sei que aí a menina veio mais eu, uma irmã minha, veio mais eu, sei que eu colhi a estrada, aí não vi mais, foi só porque rapei dia de finados, elas vieram me aperrear de novo, não foi?

- **Fabiane:** E como o senhor resolveu isso?

- **Manoel André:** Aí eu não vi mais, aí eu não rapei, continuei e não vi mais, aí elas só vieram coisar, elas vieram pra... dizer que não era pra eu trabalhar dia de finados.

- **Fabiane:** Aí o senhor não trabalhou mais?

- **Manoel André:** Aí eu não trabalhei mais não, Dia de Finados, né.

[*pausa*]

Isso aí aconteceu muito na minha vida, eu ver essas coisas, aí depois que eu [*áudio incompreensível*] vi mais não.”¹⁵³

Os festejos abriam espaço na memória de Manoel André abordar as temáticas ligadas as questões sociais e de relacionamentos que envolviam a vida no seringal, como observamos no trecho seguinte de sua entrevista:

“- **Fabiane:** E dava pra descansar um pouquinho, da vida? Se divertir...

- **Manoel André:** Ah eu, eu nunca dancei não, tem muita coisa que o povo fala, que eu falo, que eles diz que não acredita, quando eu digo, me casei, a mulher morreu, mas nunca eu saí da minha casa pra ir jogar uma piega com mulher,

¹⁵³PAES. Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 6-9.

nunca procurei uma mulher, eu deixei ela me procurar, mas procurar não, eu lá vou mexer com uma mulher sem ela me dar cabimento, de jeito nenhum!

- **Fabiane:** E aqui não dava briga não essas coisas?

- **Manoel André:** E aí eu peguei um [*áudio incompreensível: imã*], eu tinha um [*áudio incompreensível: imã*], que mulher casada pra vim, atrás de mim é, eu não ia as festas não!

- **Fabiane:** Não ia?

- **Manoel André:** Não, só porque quando chegava lá, às vezes vinha mulher casada atrás de mim e eu num queria de jeito nenhum! Eu tinha medo do marido delas [*risos e pausa*].

Um dia eu quase morro, [...], porque de primeiro as meninas ia erriçada também já, [...] de primeiro a gente, esse pessoal, assim como aqui, nesse seringal, e na Nova Vista, em todo canto, tirava um pau assim, dessa largura, aí lascava ele em banda, em quatro, aí metia o pote dentro né, metia o pote de beber água né, metia dentro do pau e botava dentro de casa, o pote, enfiava assim, na terra, [*áudio incompreensível: aonde dava sombra*], aí botava o pote pra gente beber água, e a gente só bebia água ali [*pausa*].

Aí eu fui numa festa, aí houve uma festa do outro lado do rio, e lá eu não era muito chegado a ir, né? Não gostava de andar, que eu nunca gostei de andar em festa, aí tinha uma... e eu já não ia devido uma mulher que tava lá e eu sabia que se eu fosse ela ia me procurar lá e o marido dela tava, e eu disse ‘não vou de jeito nenhum’, aí eu não fui, aí o Herculano era casado já com [...] a irmã minha, um primo meu [...].

[...]

- **Manoel André:** [...] Aí eu disse assim pra mamãe, ‘eu não vou não, pra festa não’, ‘tu vai ficar aqui só, rapaz?!’, eu digo, ‘não, eu vou lá pra barraca do Herculano’, era o que tava casado com a minha irmã. Ficava assim, como daqui pra barraca do [*áudio incompreensível*], no fim dessa pista, desse trapiche aí, aí eu fui... aí eu fiquei, tava alagando... [*pausa*], tava alagando, aí eu digo, eu vou... eu não vou maninha, eu vou ficar aqui, não, ela pelejou muito, sei que então eu vou, eu vou, eu vou dormir lá no Herculano, aí eu fui... quando cheguei lá eles já tinham ido tudo pra festa, só tava a casa [*pausa*], nesse tempo eu usava um chapéu de massa, chapéu de massa era um chapéu bonito que tinha, a gente botava na cabeça.

[...]

- **Manoel André:** [...], aí eu fui, quando cheguei lá, aí quando cheguei lá... pois a mulher quando viu, quando notou que disseram lá, ou ela me procurou lá e não me viu, tinha uma mulher que eu já disse que já não queria ir por causa dela, aí a mulher tinha um menino pequeno assim, maior que esse menina [*gesticula para uma das crianças que brincavam na área da entrevista*], de peito mesmo ainda, aí lá ela pegou a... judiar já do menino pra... pra ela... porque mulher é... [*risos*], aí pegou a judiar do menino, sei que aí pediu, ‘fulano...’, que era o marido dela, ‘...vai me deixar lá na barraca de fulano, que lá... esse menino só tá chorando’, e era ela que tava cutucando pro menino chorar, ela ia, aí o marido dela... faça ideia que naquele tempo os maridos eram acordados, mas sei que pro fim lá o marido foi, chegou lá, ‘mas mulher tu vai ficar lá só?’, ‘não, eu vou lá pra casa do seu Herculano, que era só chorando aqui’, sei que o marido dela foi, mas... por lá eu acho que ele já tinha desconfiado, sei que ele levou!

Lá levou um irmão da... um irmão dela mesmo, parece, pequeno assim, era do tamanho desse menino da [*áudio incompreensível*], mas ele era grande já assim, lá o menino ficou lá, junto com ela, ele mandou eu acho, o menino ficou, ela atou a rede, o marido dela atou a rede, aí ela se deitou, com o menino, com

a menina, lá fora, e eu lá dentro do quarto, né? Eu já tava dentro do quarto, eu já tinha arrumado, eu já tinha ido pra lá dormir que eu não ia pra festa, pra festa eu não ia de jeito nenhum [*pausa*].

E deixa que o papai ainda tava com o... bebendo uma garrafa de cachaça com o marido dela, já a garrafa tava escondida dentro do quarto, de trás de uma mala, que nos outros tempos tinha umas malas grandes, o pessoal usava umas malas grandes, assim, pra botar roupa dentro, as coisas... desse que aí eles já tavam bebendo uma garrafa de cachaça lá, cheguei, ‘e aí, pô’, fui no banheiro lá pra trás, aí haja... ela foi, pelejou até que a menina dormiu, aí quando dei fê ela chegou onde eu tava, eu digo ‘rapaz, tu sai daqui’ [*risos*], ‘sai que teu marido tá aí e parece que eles tão bebendo uma garrafa de cachaça, tá por aqui, tá escondido que eles já vieram aqui e voltaram, vai, vai, vai, vai embora!’, e desse que eu já tinha tirado o chapéu e jogado por cima do mosqueteiro, mas rapaz, parece que eu tava... num demorou, quando eu fechei a boca, que eu me aquietei, mandando ela sair e ela não queria sair, quando dei fê, lá vem, de lá pra cá, foca, focando com a lanterna e apagou, e eu digo ‘sai, sai que lá vem eles aí!’, e ela não queria sair, [...], o recurso que tinha era eu descer pelo pau do pote, aí... [*risos*], porque não podia sair pela porta lá, porque eles viam de lá pra cá, a casa era grande, [*áudio incompreensível: assim, arrudiava**], aí pra outra casa era uma distância quase como daqui até aquela casa [*gesticula*], aí eles não me pegaram porque era longe pra chegar onde eu tava, no quarto. Aí eu, se eu ir por aqui eu topava com eles, aí ‘páh’, eu desci pelo pau do pote, quando eu desci pelo pau do pote, a blusa entrou dentro daquelas ferpas [*farpas*] que ficou, aí enganchou, [...] eu desci, quando eu desci que cheguei debaixo da casa, o papai entrou dentro do quarto, caçando a garrafa de cachaça, aí pegou o rimo do mosqueteiro, pegou na rede, disse ‘cadê o Manel que tava aqui e não tá? Tá só o chapéu dele’, e eu debaixo da tarrafa já [*risos*], escondido.

Até que eles beberam a cachaça deles e saíram, pronto, passei a noite todinha levando ferrada de formiga! Que onde eu ia tinha, porque tava alagando, aí tinha formiga por todo canto, mas não subi mais dentro de casa, com medo dela, com medo da mulher [*risos*] e do marido dela, que ela conversasse comigo.”¹⁵⁴

O festejo de Nossa Senhora das Graças também surge nas entrevistas de Canuto Moisés e Maria Evangelista, abrangendo as questões das brigas que podiam acontecer durante os festejos e a forma como no barracão não há muitas lembranças de festejos, mas de eventos mais relacionados a batismos e casamentos, como vemos no trecho:

“- **Fabiane:** Lá em Santa Bárbara tinha festejo de alguma coisa?

- **Canuto:** Tinha.

- **Fabiane:** O senhor lembra de algum?

- **Canuto:** Me lembro, que era do Manoel André, o festejo, [*áudio incompreensível: glória a Deus*].

- **Fabiane:** Como era, o senhor pode me contar um pouquinho?

¹⁵⁴PAES, Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 21-24.

- **Canuto:** Não, é porque quando tinha um festejo, naquele [...] no meio dos outros né, tomando sempre uma bebida né, quando era de noite ia pra festa, na casa dele, aí quando era de manhã a gente vinha embora pra casa.

- **Maria:** Aí eles brigavam... *[risos]*.

- **Canuto:** Mas era os outros que brigavam, não era eu não *[risos]*.

[...]

- **Fabiane:** Ah, vinha gente de fora?

- **Maria:** Era.

- **Canuto:** Vinha, e muita gente.

- **Maria:** Era, muito animado.

- **Fabiane:** E tinha nome esse festejo?

- **Maria:** Nossa Senhora...

- **Canuto:** De todos os Santos.

- **Maria:** De todos os Santos.

- **Fabiane:** E era na casa do Manel André?

- **Canuto:** Era.

- **Fabiane:** E no barracão não tinha festa assim, não?

- **Canuto:** Tinha.

- **Maria:** Não.

- **Canuto:** Às vezes acontecia, não era? Festa lá.

- **Maria:** Barracão tinha festa não. *[pausa]*

Barracão era só assim de...

- **Canuto:** Não, festejo não tinha não.

- **Maria:** ...quando vinha padre, né, faziam casamento, faziam batismo, que tinha né.

- **Fabiane:** Aí era no barracão?

- **Maria:** Era no barracão.

- **Fabiane:** E vocês chegaram a ver alguém casando lá?

- **Maria:** Eu vi... batizando, *[áudio incompreensível]* se batizaram lá.”¹⁵⁵

Os laços formados no seringal de Santa Bárbara também se estendiam a outras localidades vizinhas, tanto no âmbito do trabalho quanto nas relações de sociabilidade. A experiência desses trabalhadores era marcada não apenas pelas atividades de trabalho, da

¹⁵⁵MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo.** Lábrea, 7 ago. 2023, p. 4-5.

coleta do látex, mas também por vínculos afetivos e amorosos, que ajudavam a reduzir as distâncias entre as comunidades.

As relações de afeto e amor, como vemos nos trechos das entrevistas aparecendo nas formas de casamentos, namoros, amizades entre outras expressões de convivência íntima, constituíam importantes mecanismos de coesão social e apoio mútuo no cotidiano amazônico, além disso, as teias criadas nos mostram cada vez mais a riqueza e complexidade das sociabilidades apresentadas nos seringais, vemos no trecho da entrevista de Manoel André, uma pequena amostra desses acontecimentos que traziam dinamismo a vida social dos seringais:

“- **Fabiane:** [...] Sua mulher... Maria do Carmo Viana?

- **Manoel André:** É.

- **Fabiane:** Que era do Carmo, ela nasceu lá no caso.

- **Manoel André:** Foi, nasceu no Carmo.

- **Fabiane:** E o senhor sabe de onde era a família dela? Se eram amazonenses.

- **Manoel André:** Eram amazonenses.

- **Fabiane:** Como ela era? [...].

- **Manoel André:** [...] Era morena... era morena, a mãe dela.

- **Fabiane:** A família dela era daqui mesmo?

- **Manoel André:** Era, era daqui mesmo, nascida no Carmo mesmo.

- **Fabiane:** Todo mundo? O pai dela, a mãe dela?

- **Manoel André:** É, tudo foi nascido no Carmo, ali no...

- **Fabiane:** Ali perto, né?

- **Manoel André:** No Carmo fica ali pertinho de Santa Bárbara, do outro lado. Que é o São Jerônimo, abaixo do São Jerônimo é o Carmo, foi onde ela nasceu, se criou lá, a mãe da Maria.

- **Fabiane:** [...] Como vocês se conheceram? [...].

- **Manoel André:** Ah, [*risos*], foi... conheci ela porque eu tava na Santa Bárbara e ela morava no Carmo, aí no Carmo foi que nós se conhecemos.

- **Fabiane:** O senhor foi lá então?

- **Manoel André:** Não, um dia ela escreveu, pra mim, mas eu... o nome dela é Maria do Carmo Viana, aí só chamava ela de Preta.

[...]

- **Manoel André:** Sim, que o pessoal tem [*áudio incompreensível: um modo*] de botar apelido no povo.

[*pausa*]

Aí quando foi um dia, foi que eu... [áudio incompreensível: dizia], falava pro pessoal, que eu sou casado, eu fui solteiro, fui casado, mas nunca me [áudio incompreensível: sai] pra mulher nenhuma, [...] aí pra [áudio incompreensível: nós se] conhecer, foi assim... eu tinha muito medo de [áudio incompreensível: puxar namoro] pra mulher, porque tinha medo delas me darem esculhambação, e eu não... não ia né? Aí ela foi e escreveu pra mim, aí ela foi e escreveu, [áudio incompreensível: botou], aí ela não escreveu como chamavam ela, pessoal só ia chamava ela de Preta, Preta. Era bonita minha mulher, não era porque era minha mulher, não, mas ela não era feia era com nojo, o povo perseguia ela direto [risos]. Aí eu... [áudio incompreensível: ela] escreveu pra mim, 'Maria do Carmo Viana', [áudio incompreensível: num bilhete], aí eu... lá tinha muita menina, aí eu fui e apresentei pra outra lá, uma prima dela, [áudio incompreensível: magra], a outra era [áudio incompreensível: Magra] que chamavam, 'quem é essa menina que tá aqui escrito? Eu não conheço esse nome por aqui', aí ela disse 'ah! Isso não é a Preta?', aí eu digo 'ah, e o nome dela é desse jeito?', ela disse 'é!', aí foi que eu fui conhecer... aí eu fiquei namorando com ela mesmo assim, mas por nome de Preta, Preta. [...] Mas o nome dela era Maria do Carmo Viana.

- **Fabiane:** A dona Maria do Carmo Viana, ela sabia escrever?

- **Manoel André:** Não.

- **Fabiane:** Alguém escreveu pra ela?

- **Manoel André:** Foi, outra que escreveu pra ela.

- **Fabiane:** E entregou pro senhor?

- **Manoel André:** Foi.

[...]

- **Manoel André:** [...] Aí ficamo namorando, namorando, até que eu me casei, outra coisa que eu digo, que eu nunca fui atrás de uma mulher sem ela [áudio incompreensível] pra mim, [...], sim, porque tem gente que se enxire [enxere], [...], eu nunca fui atrás, [...], aí... [pausa], ela... eu fui, foi indo, foi indo, aí eu me casei com ela, mas aí que eu disse, me juntava, eu não me juntava, de jeito nenhum! [...] Só... se eu tivesse que possuir mulher, era casado, hoje em dia o cara não se casa mais, só é junto, só junto, só junto, até que um dia eu fui, [...], me casei com ela em agosto, viemos casar na Lábrea, saímos da Santa Bárbara e viemos casar aqui.¹⁵⁶

O trecho da entrevista de Manoel André nos evidencia que, além do trabalho extrativista da borracha e outros recursos, os seringais da Amazônia, assim como o de Santa Bárbara, também eram espaços marcados por relações de sociabilidade e afetividade, muitas vezes esquecido nas análises históricas. Esses laços amorosos e familiares trazidos por Manoel André revelam e escancaram fortemente como a dinâmica de vida e convivência nos seringais transcendiam as amarras do âmbito do trabalho, onde os sujeitos criavam teias sociais complexas até mesmo entre comunidades vizinhas, no nosso caso, o Carmo e São Jerônimo.

¹⁵⁶PAES. Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 17-19.

Nesse sentindo, reforçamos que o seringal não poderia ser visto somente como um espaço de exploração econômica, mas para além disso, um território de experiências compartilhadas socialmente e que nos apresentam uma face que a muito fora oculta ou pouco visada pela historiografia. O uso dos bilhetes, a apresentação das formas de cortejo, o uso de apelidos, como no caso de Maria do Carmo, que era conhecida como “Preta”, demonstram práticas culturais que foram moldadas pelos códigos sociais da época. Também observamos alguns dos valores trazidos pelo entrevistado, como a valorização do casamento de maneira formal, a crítica as uniões atuais, o que marca as diferenças temporais na narrativa. Acessamos assim, uma dimensão subjetiva dessa experiência de vida, que ultrapassa a dureza da labuta, mas tece vínculos cotidianos e se emaranha nos mesmos, trazendo dinamismo e profundidade para as páginas da história.

4.2 Nadando nas memórias do seringal de Santa Bárbara: uma imersão nos sabores das águas do rio Purus, terra da fartura, do barracão à praia do tabuleiro

O ambiente da casa, do barracão, na narrativa de Maria Auxiliadora é o que a fazem adentrar nas memórias culinárias dos tantos sabores que envolviam o dia a dia desse local, umas das atividades exercidas por ela dentro do barracão aparece ao descrevê-lo assim

“- **Maria Auxiliadora:** [...] tinha um barracão grande lá, um barracão de mais ou menos uns 10-12 metros, ele tinha uma varanda grande na frente, tinha uma sala bem grande, que quando o padre ia [...], fazia lá as novenas, batizado, essas coisas que o padre faz no interior, e aí um pedaço assim de uns 4 metros era a loja, papai comprava mercadoria e botava lá pra vender pros fregueses, trocar pelas borrachas, e pra trás tinha um quarto de um lado e outro do outro, dois quartos grandes, mais ou menos 4 por 5, 5 por 5 metros, não sei bem a metragem não, e tinha uma sala assim, no meio, que era onde a gente passava pra ir pra cozinha, e a cozinha já era um pedaço suposto, emendado.

Aí tinha a sala de janta, com a bilha, uns potes de barro grande que tinha, pra botar água pra gente beber, a gente bebia daquela água ali, chega ficava geladinha, parecia que era água de geladeira, aqueles potes de barro bem grandão, bonito, aí tinha a parede e tinha a cozinha atrás, tinha um fogão, que era de lenha, que naquela época ninguém tinha fogão a gás, nem geladeira e nem nada, depois de grande, mocinha, que meu pai comprou a primeira geladeira nossa, sabe como? A querosene [*risos*], pra ti ter uma ideia, a geladeirazinha a querosene foi a primeira geladeira que nós possuímos.”¹⁵⁷

¹⁵⁷FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 3.

Após a entrevista, pedi que Maria Auxiliadora e Maria Emília me ajudassem a produzir um desenho do barracão do seringal de Santa Bárbara para que eu pudesse ter uma ideia da utilização dos espaços desse local. Poucas vezes tive oportunidade de adentrar nas memórias envolvendo a logística de uso dos ambientes de um barracão pela voz de um morador, sendo assim, durante a produção do croqui, captei mais algumas informações do cotidiano desse local. Com o croqui em mãos, utilizei o software de modelagem 3D Sketchup para produzir uma planta baixa do barracão, sem escala, porém colaborando assim para entendermos a distribuição dos ambientes internos.

Vale ressaltar que a planta baixa produzida é baseada em memórias das narradoras, o que implica em considerarmos as possíveis flutuações presentes, cabe aqui analisarmos em si o significado presente nessa narrativa. Maria Auxiliadora participa em muitos momentos do fluxo interno do barracão, sendo local importante em suas memórias sobre o Seringal de Santa Bárbara.

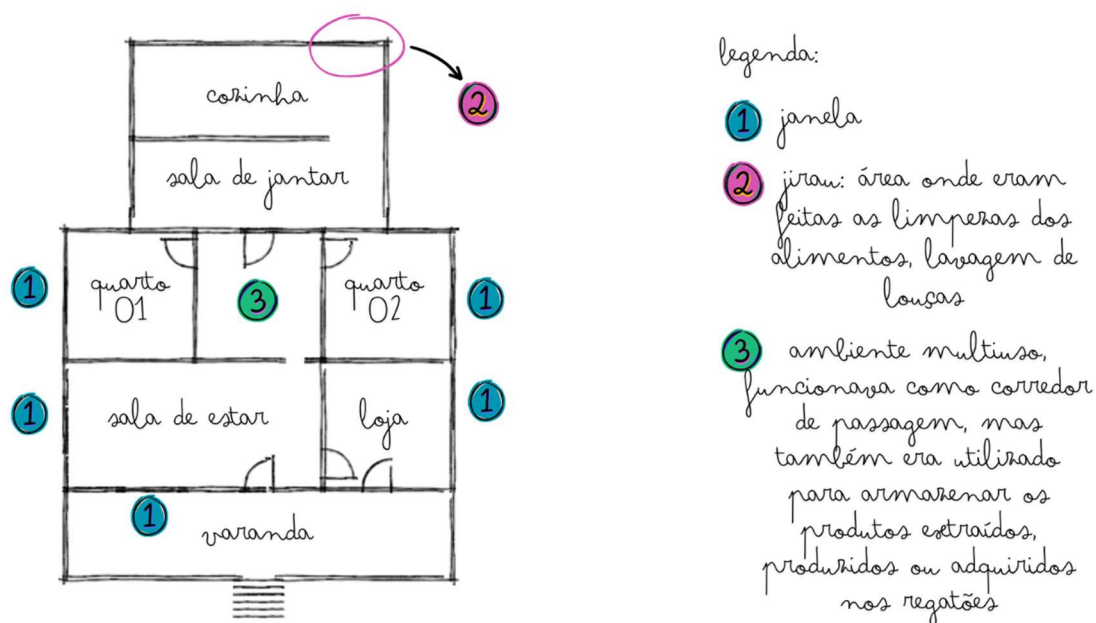


Figura 18 – Planta baixa do Seringal de Santa Bárbara

Fonte: Planta baixa produzida por Fabiane Q. de F. Rebelo, em 2024, por meio do software de modelagem 3D Sketchup e edição de imagem na plataforma de design gráfico Canva.

A casa, objeto de estudos sobre suas múltiplas dimensões, tem suas raízes em um tempo, espaço, lógicas sociais e organizacionais como nos informa Maria Assunção Gato

em “*Casas: Espaços Vividos, Espaços Representados*”,¹⁵⁸ e o barracão, além de ser ambiente da atividade doméstica, agrega em seus espaços as questões econômicas e do trabalho, em que a casa se torna também o local das reuniões de negócio, do comércio, das vendas e espaço de religiosidade, como vimos no trecho da entrevista de Maria Auxiliadora. Esse espaço, longe de ser reservado apenas a vida privada, está sempre em diálogo com a esfera pública, além disso, a partir da casa, ou nesse caso mais específico, do barracão, podemos refletir sobre como ele “[...] enquanto espaço demonstrativo dos hábitos de consumo, comportamentos e gostos põe em relevo as relações privilegiadas que estabelece com a cultura material.”¹⁵⁹



**Figura 19 – Relógio de parede que ficava na sala de estar do barracão
(Moldura reformada, fotografia de 2023)**

Fonte: Fotografia do arquivo pessoal de Fabiane Q. de F. Rebelo.

A partir da pesquisa de Jair Antonio de Oliveira Junior, que tem como título “*Arquitetura Ribeirinha sobre as Águas da Amazônia: O Habitat em Ambientes Complexos*”, vemos que a casa ribeirinha comum é formada em geral por quatro ambientes, sendo eles: sala, cozinha com jirau e dois dormitórios.¹⁶⁰ Ao observarmos a descrição do barracão notamos que esse contém outros cômodos, como a loja, um ambiente de passagem e armazenamento e uma sala de jantar. Cabe aqui ressaltar que

¹⁵⁸GATO, Maria Assunção. **Casas: Espaços vividos, espaços representados**. Estudo Prévio (Revista do Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa), nº 3, 2013, p. 1.

¹⁵⁹*Ibidem*, p. 1.

¹⁶⁰OLIVEIRA JUNIOR, Jair Antonio. **Arquitetura Ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitar em ambientes complexos**. São Paulo, 2009, p. 121.

Maria Emília conta que em geral era mais costumeiro que eles optassem por sentar-se no chão da cozinha para fazerem as refeições e não na mesa que ficava na sala de jantar, sendo essa mais utilizada por Mateus Soares de Freitas e onde ocorriam algumas das reuniões de negócio. Ao questionar Maria Auxiliadora sobre a conservação de alimentos antes da chegada da geladeira à querosene, esta explica

“- **Maria Auxiliadora:** Antes a gente salgava, quando comprava peixe, comprava não, que ninguém não comprava, pegava peixe demais, salgava, tinha uma gamela muito grande, feita de madeira, bem grande, que era onde o meu pai fazia açaí, botava carne às vezes, quando tinha muita carne salgava e botava ali, cobria pros bichos não sentarem, e ficava lá, secava, a gente botava no sol pra secar, pra prevenir na época que dava menos peixe, aí você tinha peixe seco, [...] pacu, tudo escalava, eles chamavam escalar, escalava e secava. Mas dificilmente a gente fazia isso, porque todo dia pescava, todo dia tinha peixe fresco, sardinha, pacu, matrinxã, naquela época tinha muito peixe, hoje em dia os rios já estão escassos, [...] mas na época era muita fartura, bastava você descer ali, dava duas ou três tarrafeadas já pegava o almoço, peixe fresquinho se batendo, uma delícia [...], minha mãe fazia mixira de carne de porco, daquela época peixe-boi tinha com fartura que também o pessoal matava e fazia mixira [...].

Mixira é você tirar a carne mucíça todinha do peixe, de tartaruga fazia também, e aí você cozinha ela no óleo, aqueles pedacinhos tipo bife, cozido no óleo, mais grosso que bife, bem grosso, cozinha no óleo, depois você enlata ele com aquela banha, a banha dele mesmo, que você derrete e frita ela, cozinha ela, fica frita e molezinha ao mesmo tempo, só no óleo que ela cozinhou e você bota naquela lata e tampa, umas latas que vinham assim grande, que a gente comprava com bolacha papaguara, porque no interior naquela época não tinha pão, o papai comprava bolacha, vendia pra quem queria [...], nós os filhos consumíamos e tapioca, bejú, macaxeira, batata, essas coisas que a gente comia nos lanches e no café da manhã, e aí minha mãe fazia aquelas latas, ela aproveitava pra botar as mixiras, tampa, veda bem, e toda vez que vocês querem tirar pra fazer almoço, você pega, destampa e tira com uma colher limpa, não pode meter colher de boca, essas coisas que qualquer comida azeda, né? Você não pode ficar metendo colher de boca, aí você tira direitinho ali o tanto de pedaços que você quer com um pouco de banha e esquentar, fica tipo assim um assado de panela, uma delícia, mas é gostoso que só!

Hoje em dia ninguém vê mais essas coisas não, não existe mais, mas antigamente existia, assim conservava a carne pra anos, passa é anos dentro da vasilha e não estraga, é tipo conserva em lata, só que a conserva é desfiada e lá não, é os pedaços grandes assim que fazem, os pedaços grandes de carne, [...] fazia de carne de porco, [...] qualquer tipo de carne dá pra fazer, [...] e é assim, a gente vivia assim, era uma vida muito boa quando a gente morava no interior, barracão muito grande, tinha umas casas no campo, de alguns fregueses e outros moravam mais distantes, [...] aí tinha uma casinha que era a escola, ficava do lado do barracão, de um lado era a casa de farinha grande e do outro lado era uma escola, era uma casa que faziam de escola.”¹⁶¹

Ao narrar suas memórias sobre as salgas e mixiras, Maria Auxiliadora nos apresenta algumas das técnicas de conservação de alimentos que as populações

¹⁶¹FREITAS, Maria Auxiliadora Queiroz de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Manaus, 4 jun. 2022, p. 3-4.

amazônicas utilizavam, a forma como eram feitas e seu posterior uso. Sobre essa temática Patrícia Melo comenta

As populações da Amazônia criaram muitas técnicas de conservação de alimentos. Algumas são conhecidas desde a chegada dos europeus na região. Nas propriedades se faziam salgas de peixes, isto é, os peixes eram abertos, salgados e colocados para secar. Assim, eles duravam mais e podiam ser vendidos em vários lugares. [...] As mixiras eram uma forma de conservar as carnes (peixe e caça) permitindo sua comercialização. Depois de preparados, as carnes eram colocadas em potes e mergulhadas em gordura, criando uma espécie de conserva.¹⁶²

Práticas culinárias, que também são sociais e econômicas, trazem uma pequena amostra daquilo que entendemos como práticas tradicionais das populações amazônicas que aparecem nas narrativas da Maria Auxiliadora e perpassam as suas memórias do viver e experienciar o seringal de Santa Bárbara no rio Purus, vemos também que essas práticas possuem suas bases nos modos de vida dos povos indígenas, como vemos no trecho de “*Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)*” de Davi Avelino Leal, ao falar acerca do controle sobre o uso dos recursos naturais

A pesca e a salga do peixe, por exemplo, fazem parte do modo de vida de etnias que, vivendo às margens dos principais rios e lagos da região, sempre utilizaram desses territórios como forma de reprodução física e cultural. Os produtos da pesca não servem apenas para a alimentação, pois fornecem matéria-prima para a economia doméstica e industrial (VERÍSSIMO, 1970). A roça indígena e a extração de essências, resinas e cascas, configuram-se no que se pode chamar de utilização de sistemas agroflorestais, complementam as práticas ‘tradicionais’ de utilização dos recursos.¹⁶³

Ao longo dos anos a área relativa ao Rio Purus, desde as primeiras expedições financiadas pelo governo provincial, fora alvo de cobiça por suas riquezas naturais, de futuras pretensões e ocupações. Como visto no seguinte trecho citado que fora trazido por Willas Dias da Costa em sua tese de doutorado

Segundo Silva Coutinho (1863), o rio Purus era abundante em seringa, salsa, óleo, cacau, castanha etc. e que seus terrenos se prestam perfeitamente ao cultivo de café, algodão, cana, mandioca, arroz, milho, feijão e outros gêneros. Logo, todo o interesse nesta região era devido, sobretudo, às grandes áreas de seringais que ali se deparavam, e essa grande diversidade de seringais e castanhais, como também de outras espécies de interesse comercial, se dava pela existência de extensos ambientes de várzea, ou seja, o Purus encontra-se

¹⁶²SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1, p. 14.

¹⁶³LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020, p. 186.

localizado em uma área que constantemente está sendo renovada pela deposição de materiais (argila e areias), fazendo com que o solo da região apresente uma ótima fertilidade e abundância de espécies, tanto de origem animal quanto vegetal.¹⁶⁴

Esse interesse nos recursos disponíveis nessa região não se perdeu com o tempo, mas tornaram-se fruto de controle do Estado, mudaram com o passar dos anos, por um tempo focado no extrativismo da borracha, depois da castanha, assim como da madeira entre tantos outros, como cita Willas Costa

Podemos exemplificar o potencial da região com a existência de cacau nativo que é vendido para compradores estrangeiros que o consideram de grande qualidade para fabricação de chocolates finos. O feijão de praia que plantado na várzea tem safra de muitas toneladas, [...]¹⁶⁵

Assim, ao observarmos os trechos narrativos das práticas culinárias que surgem nas memórias de Maria Auxiliadora, encontramos vestígios dos modos de vida tradicionais que estão presentes na vida das populações amazônicas ribeirinhas, em especial no contexto do seringal de Santa Bárbara, que fica às margens do rio Purus. Essas práticas citadas por Maria Auxiliadora, como a pesca, a salga dos alimentos, o cultivo das roças e o extrativismo, revelam um pouco sobre o cotidiano desses trabalhadores, demonstrando como a riqueza encontrada as margens do Purus vai muito além do material, mas está entrelaçada a riqueza imaterial dos conhecimentos de saberes tradicionais que moldam a relação com a alimentação e o ambiente.

4.3 A saúde no seringal de Santa Bárbara

A saúde no estado do Amazonas até os dias atuais é foco de atenção, o acesso a unidades de saúde pública, remédios e pronto atendimento aos doentes é algo difícil de ser visto em nossas comunidades rurais. Frequentemente durante a pesquisa, nos deparamos com a dura realidade das dificuldades de locomoção, grande parte dos municípios do Amazonas só possuem acesso por meio fluvial, através de barcos, e que podem levar dias em deslocamento até que se chegue, por exemplo, a um hospital.

¹⁶⁴COSTA, Willas Dias da. **Os Padrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017, p. 32.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 178.

Mesmo com a possibilidade de locomoção fluvial, apesar de demorada, sazonalmente essas comunidades são atingidas pelo isolamento durante a seca ou a cheia dos rios, dificuldade que também se apresentou durante nosso processo de pesquisa, onde a seca impediu a visita a atual comunidade de Santa Bárbara. Essas experiências de pesquisa ilustram um pouco da tamanha dificuldade de acesso a esses locais, e o próprio acesso à saúde pelas comunidades, mostrando até os dias atuais as desigualdades presentes nesse âmbito.

Manoel André, marcado por suas experiências no trato com a saúde, nos conta sua memória sobre o tema da saúde no seringal de Santa Bárbara e relembra as muitas dificuldades que se apresentavam e a forma como eram, por vezes, superada por meio da atitude dos próprios moradores da região.

“- **Manoel André:** Eu só queria, que eu tô cansado de dizer com o pessoal aqui, eu só queira quando eu morresse, falar o que eu fiz de bondade nesse município de Lábrea e Canutama.

[...]

- **Manoel André:** Não sabe o que eu faço aqui, que gente chegava aqui levando vela na mão, só chegava até onde eu tava tinha vez, [...].

[...]

- **Manoel André:** Quando eu lutei com gente no Lago Grande ali, [...] de vez em quando chegava um, doente de malária e coisa. Eu fretava motor, quando, quando eu não... [...], tá aí a... percure [*procure*] aí um, por isso que eu digo, quanta vida... eu já dei ao povo de Canutama e Lábrea, de chegar aqui morrendo e daqui saia bom. Porque eu tinha remédio também, bom.

- **Anônima:** Funcionava desse jeito né, Manel? Chegava aqui, tinha que dar um jeito.

- **Manoel André:** É, chegava aqui, eu dava remédio, eu tinha remédio, quando eu não tinha, o Moá tinha ali, aí quando eu não tinha o remédio, às vezes o Moá tinha, aí daqui a pessoa ficava boa, voltava. E quando nós não... eu tinha remédio aqui, o Moá tinha ali, o Zé Lazário tinha, morava ali acima daquelas sumaúmas ali, lá ele tinha muito remédio também.

A coisa que nós fazia muito era [...], negócio pra reza nós tinha, mal de reza pra eu curar, eu curava muita gente, chegava morrendo, eu curava, [...] saia bom, graças a Deus. E quando era mal de reza, pro remédio curar fazia [*áudio incompreensível: dos dois jeitos*], essa [*áudio incompreensível: Ana Musa*] aí, que hoje em dia tá pesando 70 quilos, [*áudio incompreensível: deve ser, não sei quanto é*], ela era da grossura dessa vara, lá quando ela era pequenininha pegou meningite, tava vai, vai, morre e não morre.

Digo aqui não tem os remédios não, e nem tem reza, isso aqui tem que ir pra Lábrea com ela, que aqui eu não dou jeito, de jeito nenhum. E lá vinha o... esse Gabriel vinha subindo aí, [...], aí embarcou, ia subindo pra Lábrea no 25, rebocando uma alvarenga, que andava bem devagarzinho, e lá eu mandei o Ronaldo subir com ela, o Ronaldo subiu e aí... eu fui cortar uma estrada que

vai, vai lá pro Lago Grande, [*áudio incompreensível: extremo*] quase do Lago Grande lá, aí de longe, de lá eu escutava a pancada do motor.

[...]

Pois é, aí eu tratava de gente doente também, eu fui criado junto com médico. Onde eu morava era médico direto, doutora e médico e tudo. E hoje em dia qualquer uma pessoa... e hoje em dia que tá fácil, qualquer uma pessoa... bota uma pessoa boa, tendo um remédio, porque ele não vai se consultar com médico, médico não passa por aqui, a gente não toma um remédio, é só o cara prestar atenção, que o cara faz o mesmo trabalho que o médico faz, só não faz é operar.

Mas a pessoa que tem juízo, ela faz a mesma coisa que o médico faz, de negócio de dar remédio pra pessoa, porque a gente sabendo do remédio que o médico passa pra pessoa, a pessoa fica boa, qualquer remédio o cara já passa pro outro que tá doente, aí ele fica bom sem precisar ir ao médico, né?

Sei que isso é um dote que eu... já veio desde novo, o pessoal aí vê, quê que eu faço aí, um tempo desses... um dia desses, tá aí a Maria, a menina [...], chegou um homem que morava ali, com a mulher, ‘Seu Manel, vá lá em casa que minha mulher... vá ali do outro lado, que a minha mulher tá com uma dor aí e não quer passar’.

Mandou [*áudio incompreensível: o senhor*] ir lá dar uma rezada nela, aí eu fui, quando eu cheguei lá, disse rapaz, a mulher com o bucho que era uma coisa medonha, tava grávida, aí eu... ela tava deitada na cama a mulher, [...] canoa grande, aí sei que ela... ela tava deitada, [...] com a dor, sei que meti a mão assim, por aqui, meti... topei na barriga dela, que eu topei na barriga dela, disse ‘você não tem nada de dor de mulher aí, tu vai é descansar desse menino, rapaz!’, ‘ah, não é tempo não!’, eu digo ‘não é tempo, ôh que não é tempo que não, pode ir pro médico, que eu aqui não dou jeito não’.

‘Mas será?’, e eu [*áudio incompreensível: esperava*], se avexou, eu digo ‘não, não tem jeito, pode levar aí ela que ela vai ter esse menino, ou vai ter esse menino ou vão cortar pra tirar, porque ela vai ter’, aí diz ‘rapaz, o [*áudio incompreensível: combustível*] que eu tinha foi esse que nós viemos, no motor dele, que o motor dele [*áudio incompreensível: queimava diesel*], e não dá pra ir’, eu digo ‘não, não era pra ir nesse motor, não, freta aí essa voadeira aí. Freta a voadeira e leva ela mais de quê depressa pra lá!’.

Aí os [*áudio incompreensível: meninos*] tinham uma voadeira aí, faz poucos anos aí, faz uns 8 anos né, [...] Ou mais, já tá com mais, o menino já tá um maceta, [...] aí eu fiz essa doidice [*risos*], que eu não sei como. Aí eu fui, aí quando cheguei, ele disse que não tinha, eu digo ‘tu nem tinha [*áudio incompreensível: gasolina*]’, ‘não eu não tinha, não tinha gasolina nesse tempo na terra lá de baixo’, hoje em dia ele tá rico, hoje em dia ele não se aperreia mais [*áudio incompreensível: por coisa pouca*] não.

Aí eu digo ‘eu tenho lá do outro lado, [*áudio incompreensível: eu tenho óleo diesel*], tenho gasolina’. Aí tinha uma pessoa, um conhecido meu lá, eu digo ‘fulano, vai lá do outro lado, pega todo [...] gasolina lá, e dois litros de [*áudio incompreensível: óleo dois tempos*] e traz aqui’. Aí ele foi, eu arrumei tudinho, ajeitei [*áudio incompreensível: a mulher*] do outro lado, ‘ah, ela está se vendo com dor!’, eu digo ‘pega essas duas pastilhas aqui, ela toma essa aqui, aí quando chegar pela Boca do Passiá vocês dão essa outra e leva ela pra lá’, e assim fizeram, embarcaram ela na voadeira, queriam que eu fosse, e eu digo, ‘rapaz, eu não vou não, leva que quando chegar lá, ou vão tirar ou ela vai ter o menino’.

[*áudio incompreensível: orei por ela*], quando chegou lá que o médico viu, disse ‘rapaz, eu vou dar uma injeção nela, se ela... se ela aguentar, aí ela... mas eu não garanto a vida, a vida de um eu garanto, mas a do outro eu não garanto

não. Ou menino ou ela, eu não vou garantir a vida dos dois não’. Sei que ele deu a injeção, sei que por lá na hora ela teve o menino, nem morreu ela e nem morreu o menino, hoje tá um maceta, o menino, e ela tava com medo.”¹⁶⁶

Esse trecho da memória de Manoel André veio a tona durante outra rodada de entrevistas feitas, o que mostra como essa experiência fora marcante para ele e sua comunidade, ter salvado a vida da mãe e seu bebê que confiaram em sua sabedoria em um momento de grande aflição. Segue a transcrição do trecho do evento contado após um ano da primeira rodada de entrevistas com Manoel André:

– **Fabiane:** [...] O senhor falou que deu muita vida pras pessoas lá, cuidou das pessoas.

– **Manoel André:** Vixe Maria! Cuidei, dei e tô dando ainda! [...], porque tem muita gente viva agradeça a eu.

– **Fabiane:** O senhor contou muitas coisas que o senhor fez lá, algumas coisas o senhor contou, e o senhor contou sobre a reza.

– **Manoel André:** É, eu já contei sobre uma mulher, não, essa eu não contei não.

– **Fabiane:** A grávida? [...].

– **Manoel André:** Duma mulher que chegou pra eu rezar nela.

– **Fabiane:** Acho que não, pode contar, essa o senhor não contou não.

– **Manoel André:** Conte não. [...] Eu fazia tanta, porque de primeiro eu rezava muito em menino e em mulher, eu não sei como era eu não, eu era uma pessoa que cuidava bem de gente, cuidava e cuido, agora não porque eu já tô mais coisado, e já abandonei, pois bem, um dia chegou uma mulher lá em casa, chegou não, chegou o marido, chegaram lá do São Jerônimo, que é lá da frente, né? Pedindo pra eu ir rezar nela, que ela tava doente, sofrendo, tava doente, tava barriguda, e a dor de mulher tava aperreando muito ela, que a mulher tem [*áudio incompreensível: disso*], dor de mulher, né?

Aí eu fui, quando cheguei lá, disse ‘rapaz...’, ela tava esticada dentro duma canoa, solada de tábua e quase aos gritos, gritando que tava com a dor, [...], sei que eu meti a mão assim, pelo colarinho do vestido dela assim, [...], botei a mão na barriga dela, Ave Maria, o menino tava em tempo de rasgar a barriga dela, ela com o buchão, aí eu digo ‘rapaz, essa mulher não tem nada de... reza aqui não, pra rezar não, essa mulher quer é descansar e ter esse menino’, porque tem mulher que espera descansar num tempo e não descansa, aí vai indo, vai indo, num descansa, já vai descansar quase com... às vezes com 20, 30... um mês quase [...] que tá sentindo dor, porque na força da dor, às vezes a... aí eu digo ‘tu pega essa mulher, e leve pra Lábrea que aqui eu não dou jeito, não’.

Quando eu não dava jeito lá, eu dizia logo, quando o povo chegava com a pessoa doente, eu já... que eu via que eu curava, eu curava, e quando eu via que eu não curava, eu enviava pra cá, aí eu mandava... aí eu digo ‘tu pega ela e leva pra Lábrea, porque aqui ela vai ter esse menino de qualquer maneira, ou ela

¹⁶⁶PAES, Manoel André de. **Entrevista 1 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 29-33.

vai ter esse menino ou ela... ou o menino vai morrer, entendeu?’, aí ‘rapaz, eu não tenho, o diesel que eu tenho foi esse que eu vim pra cá, e só dá pra nós [áudio incompreensível: baixar]’, eu digo ‘eu tenho gasolina em casa, que dentro da minha casa não... é difícil faltar, eu tenho a gasolina e tenho óleo dois tempo, o menino tinha uma voadeira aí, tu pega a voadeira do menino e pega essa mulher’, isso tá fazendo uns 8 anos, que eu fiz isso, ‘pega esse mulher e leva direto pra Lábrea’, sei que ajeitei ele, levei... fui ainda pra saída dele, aí eu digo tu... aí queria que eu acompanhasse ela, eu digo ‘não, pega outra mulher e vai, porque eu não posso ir não, e pega essa pastilha, duas pastilha, tu dá uma agora aqui e dá outra na Boca do Passiá’, que é aqui perto né, pra chegar na Lábrea, ‘e leva ela, vê se chega com ela na Lábrea’, aí assim ele fez, aí [áudio incompreensível: aboletou] ela, pedi a voadeira do menino, e ele embarcou ela e tirou, aí eu dei a pastilha, eu que dei com a minha mão a pastilha, lá no porto da Santa Bárbara, e aí ele saiu. Chegou aqui na Lábrea, aí que desembarcaram, levaram pro hospital, que chegou lá o [áudio incompreensível: médico] disse, ‘rapaz, a mulher tá meia ruim, ela... mas eu vou dar uma injeção, se ela aguentar essa injeção... ela talvez não vá aguentar a injeção, ou vai morrer ela ou vai morrer o menino, mas vou dar a injeção, se ela aguentar a injeção... ela vai ter vida, mas tá meio perigoso o parto dela’, sei que aí o médico foi... assim o marido dela contou [risos], aí ele foi e deu a injeção nela.

- **Fabiane:** Mas ela conseguiu chegar em Lábrea.

- **Manoel André:** Conseguiu sim chegar, ela tomou injeção já dentro do hospital. [...] Aí... pois bem, aí ela chegou, mandei [...] pra cá, pra ver se ela alcançava a cidade, quando chegou, aí o médico disse pra ele, que não garantia a vida, garantia a vida de um, ou do menino ou dela, aí ele foi e deu a injeção, aí a mulher... pois escapou, teve o menino, escapou ela e escapou o menino, hoje ele está rapazinho assim.

- **Fabiane:** Agora se ela tivesse ficado, né seu Manel André?

- **Manoel André:** Se ela tivesse ficado, ela tinha morrido, [...] por isso que eu digo que eu dei muito vida pra gente, [...].

[pausa]

- **Fabiane:** Com quem que o senhor aprendeu a rezar?

- **Manoel André:** Com a minha mãe, [...], a minha mãe era uma parteira, ela rezava muito, que aprendeu com o meu avô que era do Ceará, eu vou saber ainda, eu vou saber, foi... de Canindé, ele morava em Canindé no Ceará, [...], vê falar no Ceará, Canindé, no Ceará... agora que eu me lembrei, ele morava em Canindé, no Ceará.

- **Fabiane:** Ele sempre falava disso, né?

- **Manoel André:** Meu avô? Era... ele sempre falava.

- **Fabiane:** Aí ele ensinou ela, já.

- **Manoel André:** Foi.

- **Fabiane:** E ela ensinou o senhor.

- **Manoel André:** Foi.”¹⁶⁷

¹⁶⁷PAES. Manoel André de. **Entrevista 3 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 3 set. 2024, p. 23-25.

As memórias de Manoel André são preenchidas pelas experiências de colaboração junto a comunidade, as dificuldades que se apresentavam eram superadas da melhor forma possível frente as circunstâncias, porém, nem sempre era possível alcançar um resultado feliz, doenças como a malária e a hepatite atingiam em cheio o seringal de Santa Bárbara como vemos no trecho trazido por nosso entrevistado:

“- **Manoel André:** E o finado João Bezerra, que eu me esqueci de contar, o caso que eu fiz... o finado João Bezerra, que era irmão do Pedro Bezerra. [...], e quem tava lutando com ele era o finado Mateus e o Moá.

[...]

- **Manoel André:** Moá, sim, que era parente também, do pessoal. Pois bem, eu não me esqueci de contar do finado João Bezerra? João Bezerra que tava fazendo uma casa grande aí, e ele doente. Aí quem tava com o dinheiro dele era o... o finado Mateus e o menino, era quem tava dando remédio pra ele, porque nesse tempo, eu não fazia mais trabalho não, fazia não. Eu não lutava mais com negócio de remédio, nesse tempo aí era ele e o Moá, aí eu tava fazendo uma casa, grande, ali, e todo dia eu passava pela [áudio incompreensível: casa], [...], aí tinha o finado Tió, era parente dele, do finado Mateus ou era da Deusdina, era um homem bem grandão, rosto dele bem grandão, [...], aí via, ah, mas só via era o rebuliço deles lutando contra o [...], primeiro eles pegaram um... cataram um porco aí, [...] tava tendo febre de malária, aí só via o... [...]. Aí eu passava pela casa, mas [...] ele tava com uma casa, que [áudio incompreensível: eu] não gostava de subir na casa, [...] Antônio Bezerra, era casado com uma irmã minha, o finado João Bezerra, aí eu ia passando, e todo dia eu passava e ele, dando remédio pra ele, aí quando foi um dia e eu ia passando, aí o [áudio incompreensível: Moá tava lutando por ele], aí aí, aí luta pra aqui, luta pra acolá, aí eu ia passando, aí eu subi, era o marido da minha irmã, aí eu subi, na casa, [...], que eu olhei, o seu Mateus tava [...], ‘João! Ei, João!’, [...], ‘João!’, aí ele vomitou, quando ele vomitou botou lombriga pela boca, aí ele vomitou. Eu digo, olha, eu vou dizer uma coisa pra vocês, aí eles disseram, olha, era [áudio incompreensível: ataque] de verme, eu vou dizer uma coisa pra vocês, finado João não tá com verme, não tá com nada, ele tá com hepatite, pode mandar, pode cuidar de levar ele pra Lábrea... e já fazia tempo, já fazia uma semana ou mais que eles lutavam com ele. Aí eu digo, pode mandar ir pra Lábrea porque é hepatite mesmo! Será? Eu digo, será não, é! Pode mandar.

Aí lá vem o finado... o Dió, que era um comprador de madeira, que era primo da Deusdina, aí ele apontou aí, aí eu disse lá vem o Dió aí! Chama ele! Pra ver se ele leva ele, aí... era um comprador de madeira, né, ele comprava madeira daqui mesmo da Santa Bárbara, aí lá vem, lá vem o motor, [...], chamou ele, ele encostou, aí o seu Mateus falou pra ele, e ele com o ‘Fé em Deus’ no porto, o motor, um 22 que ele tinha, o finado Mateus, tinha um motor bom [áudio incompreensível: aí no porto], aí chamou, ele disse, ‘ah, não posso levar de jeito nenhum, porque olhe, ele tá doente, e olhe esse motor como tá, vem carregado de ferro, de tudo! Não dá não, Mateus, pra levar ele, não, rapaz, não tá aí o motor?’, foi que aí que ele disse, ajeitei aí então, aí a gente saiu, [áudio incompreensível: saiu o Dió], saiu porque ele não pode levar, porque não podia mesmo! O motor ia carregado de material, de argola, cabo, tudo.

Aí ele saiu, aí ele [áudio incompreensível: adiantou/ajeitou] o motor, mandou o Paulo ir, naquele tempo o Paulo era o motorista do ‘Fé em Deus’, [áudio incompreensível: que tava no porto], aí ataram uma rede lá, logo na saída do

motor ele levou uma queda da rede, eu digo, ‘vai acabar de morrer’, lá ele caiu, sei que se fosse [...], aí saíram com ele, chegou na Lábrea não teve mais jeito, [...] chegou lá ainda parece que oito horas da noite, quando foi umas dez horas da noite ele morreu. Ele tava botando o figo [*figado*] já pela boca!

[...]

- **Anônima:** Tava numa situação já, das últimas horas né, Manel?

- **Manoel André:** Se eu tivesse... eu tivesse ido a mais tempo na casa dele, talvez ele tivesse escapado, mas eu não subia na casa. E nem me chamavam também, aí eu não fui, que era eles que tavam lutando com ele, né? Era um... ele jogava bem bola. [*pausa*]¹⁶⁸

O trecho da narrativa de Manoel André revela aspectos tanto de sua vida cotidiana como das redes de apoio que se criavam dentro do seringal, denunciando ao mesmo tempo a precariedade do acesso médico nesses locais como a fala de luta desses trabalhadores e moradores de comunidades rurais. A memória trazida sobre João Bezerra, revela muito mais que a doença e morte na experiência de um enredo pessoal, mas traz uma amostra da realidade das condições de saúde encontradas em nossa região amazônica, assim como a importância das relações de parentescos construídas, o peso da ausência de um diagnóstico médico rápido e preciso, as aplicações de tentativas de melhora a partir da sabedoria local, do conhecimento da medicina natural, assim como mostra o esforço coletivo empreendido para salvar a vida de um dos membros da comunidade, apesar das fragilidades encontradas. Fragilidades encontradas em outros trechos narrativos, como o da Maria Evangelista, “a gente fazia seja lá o que for”, demonstrando a vulnerabilidade em que muitos dos moradores dos seringais se encontravam quando o assunto era saúde:

“- **Fabiane:** E quando ficava doente, como era?

- **Maria:** A gente fazia seja lá o que for, [...], chá, era... aí graças a Deus né, um chazinho curava, [...] outras vezes vinha aqui pra Lábrea né, o seu Mateus trazia, quando era muito grave, seu Mateus trazia aqui pra Lábrea, [...].”¹⁶⁹

O trecho da entrevista de Maria Evangelista apresenta uma visão sobre as estratégias populares utilizadas no seringal de Santa Bárbara para os cuidados com a saúde, a presença na narrativa do remédio caseiro “chazinho” nos mostra o envolvimento

¹⁶⁸PAES, Manoel André de. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Comunidade Santa Bárbara, 3 ago. 2023, p. 3-5.

¹⁶⁹MOISÉS, Canuto Gomes; ROCHA, Maria Evangelista da. **Entrevista 2 concedida a Fabiane Rebelo**. Lábrea, 7 ago. 2023, p. 6.

de Maria, e provavelmente da comunidade, com os saberes tradicionais e práticas de cura e melhoria que geralmente são passadas de forma oral no meio social ou familiar, demonstrando também o conhecimento das plantas medicinais da região, saberes, em geral, herdados de anos de trocas culturais com os povos indígenas.

Lábrea surge na narrativa como ponto de assistência médica mais estruturada, onde é possível buscar apoio médico, e a imagem do patrão, Mateus, que colabora no transporte dos enfermos para a cidade evidencia mais uma vez a importância das redes de solidariedade dentro dessa comunidade, sem deixar de levar em conta que a figura do patrão carregar historicamente o aspecto de intermediário entre os seringueiros e o mundo fora do seringal, influenciando o acesso a recursos como alimentos, medicamentos e demais itens de primeira necessidade, característico do sistema de aviação, mas isso também denuncia a escassez de presença do Estado nessas localidades no período abordado, onde indivíduos locais acabavam tomando funções que deveriam ser desempenhadas pela presença pública e institucionalizada.

CONCLUSÃO

A análise das memórias, o próprio resgate das histórias contadas por nossos entrevistados, Maria Auxiliadora, Manoel André, Canuto e Maria, permitiu que pudéssemos alcançar nossos objetivos de pesquisa, a fim de observarmos o funcionamento do mundo do trabalho e as redes de sociabilidade que atuavam no seringal de Santa Bárbara entre os anos 1940-1980, recorte nascido da própria vivência dos entrevistados.

A utilização da história oral para esse trabalho de pesquisa foi imprescindível para atingirmos experiências que por muitos anos foram silenciadas da historiografia, as vozes de homens e mulheres trabalhadores dos seringais amazônicos agora ganham destaque e ressoam quebrando paradigmas historiográficos, as narrativas são fonte histórica viva utilizadas nessa pesquisa sobre o seringal de Santa Bárbara, localizado no rio Purus, Amazonas.

A oportunidade que tivemos de ter acesso a experiência de vida de Maria Auxiliadora, Manoel André, Canuto e Maria colaborou para que pudéssemos observar as movimentações dentro do seringal de Santa Bárbara durante o período abordado, o que nos ajudou a refletir sobre o processo histórico de figuras como os patrões dos seringais, os seringueiros e as mulheres e crianças nesses ambientes. Trouxeram à tona a importância das questões de sociabilidade e como isso modifica o cotidiano dos seringais, ao mesmo tempo que fortalece uniões entre localidades próximas, e a própria força dos trabalhadores na criação de tradições e festejos.

Essas experiências individuais revelam aspectos importantes da vida social da comunidade, refletem situações econômicas globais e expõem o âmbito mais simbólico das muitas relações nascidas nesse ambiente próprio do mundo do trabalho. A diversidade de atividade que os sujeitos aqui entrevistados exercem nos mostra uma das principais mudanças ocorridas dentro dos espaços dos seringais durante o correr dos anos. O olhar atento a essas modificações pode ajudar a historiografia amazonense a fortalecer a importância de análise dos mais diversos seringais existentes na Amazônia, a fim de obter um panorama mais completo sobre a região.

Nossa pesquisa deixa entrever como os sujeitos não permanecem presos em seus tipos, congelados numa construção historiográfica, nem tão pouco amarrados a conceitos acadêmicos clássicos. Notamos trabalhadores como os seringueiros flutuando entre as

funções de aviador, patrões em atividades laborais, mulheres em posição de liderança no seringal, entre tantas outras vivências e experiências que fogem das páginas da história oficial. A memória desses trabalhadores não pode mais ser negligenciada, são parte de nossa história, são ferramentas de resistências, fonte de identificação, cultural e social, revelando as formas de adaptação desses sujeitos a suas realidades e seus conhecimentos mais tradicionais.

Reconhecemos as limitações e especificidades dessa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, com poucas, mas profundas entrevistas com nossos narradores, além do processo de imersão no local pesquisado, com visitas *in loco*, a fim de podermos nos aproximar cada vez mais da experiência do viver em Santa Bárbara, de conhecer o rio Purus, mesmo que nos dias atuais, isso enriqueceu nosso olhar acadêmico sobre os desafios enfrentados por essa população, verificando frente a frente dificuldades como as de locomoção e comunicação durante essa jornada de pesquisa. A falta de documentação oficial sobre o local deixou-nos o desafio de buscar cobrir lacunas históricas sobre o seringal de Santa Bárbara, onde os jornais da época muito colaboraram para que pudéssemos analisar esse panorama e iluminar nossa pesquisa.

Longe de ser um ponto final na história do seringal de Santa Bárbara, acreditamos que essa pesquisa irá incentivar muitos outros pesquisadores a mergulhar ainda mais nessa temática, colaborando para ampliarmos cada vez mais nosso olhar sobre a comunidade atual dessa localidade, que muito tem a compartilhar com o mundo acadêmico sobre nossa história enquanto sociedade. Assim como Santa Bárbara, muitas outras comunidades, seringais, antigos seringais e demais arranjos sociais necessitam do olhar acadêmico atento, somente assim poderemos de fato entender e analisar profundamente nossa região, não ficando presos apenas aos eixos econômicos de grande porte da Amazônia.

Assim, ao escutarmos essas vozes que ecoam das margens do rio Purus, nossa pesquisa reafirma que a história da Amazônia não pode ser escrita apenas a partir dos grandes centros, mas também do simples, dos silêncios, dos gestos mais cotidianos daqueles que habitam os interiores da floresta. Reconhecer a memória de Maria Auxiliadora, Manoel André, Canuto e Maria Evangelista é reafirmar na história esse patrimônio imaterial que resiste ao esquecimento e nos convida diariamente a repensar nossa Amazônia e o próprio Brasil.

Encerrar está pesquisa é, antes de tudo, reconhecer que a memória viva dos seringais permanece como resistência. As vozes de Santa Bárbara nos recordam que, para além da borracha e dos ditos “ciclos” econômicos, existiram pessoas, afetos e lutas que moldaram a vida nesses locais nascidos para o mundo do trabalho. Trazer uma escuta atenta a esta pesquisa é ato de justiça histórica e um convite para que continuemos narrando a nossa história, a história da Amazônia, a partir de dentro, reafirmando que a história também se constrói no balanço das redes, no trabalho silencioso das matas e na força de mulheres e homens que fazem diferença, atuantes em várias frentes na complexidade da sociedade.

REFERÊNCIAS

1 – Periódicos:

A Capital. Manaus, 14 de abril de 1918.

Correio do Norte. Manaus, 15 de março de 1911.

Diario Official. Manaus, 22 de maio de 1896.

Jornal do Commercio. Manaus, 25 de agosto de 1905.

Jornal do Commercio. Manaus, 17 de setembro de 1907

Jornal do Commercio. Manaus, 19 de novembro de 1907.

Jornal do Commercio. Manaus, 02 de fevereiro de 1911.

Jornal do Commercio. Manaus, 19 de agosto de 1911.

Jornal do Commercio. Manaus, 19 de maio de 1912.

Jornal do Commercio. Manaus, 18 de julho de 1914.

Jornal do Commercio. Manaus, 29 de outubro de 1914.

Jornal do Commercio. Manaus, 25 de julho de 1922.

Jornal do Commercio. Manaus, 26 de agosto de 1927.

Jornal do Commercio. Manaus, 25 de março de 1949.

O Correio do Purus. Lábrea, 28 de dezembro de 1908.

O Correio do Purus. Lábrea, 30 de maio de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 10 de junho de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 30 de junho de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 30 de julho de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 11 de novembro de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 26 de dezembro de 1909.

O Correio do Purus. Lábrea, 01 de janeiro de 1910.

O Correio do Purus. Lábrea, 18 de janeiro de 1910.

O Correio do Purus. Lábrea, 8 de março de 1910.

O Correio do Purus. Lábrea, 27 de dezembro de 1910.

O Correio do Purus. Lábrea, 05 de janeiro de 1911.

O Correio do Purus. Lábrea, 29 de março de 1914.

Quo Vadis?. Manaus, 03 de abril de 1903.

2 – Bibliografia:

ASSOCIAÇÃO DE ÁGUAS AMAZÔNICAS. **Bacia do rio Purus**. Disponível em: <https://pt.aguasamazonicas.org/bacia/bacias-principais/purus>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BENCHIMOL, Samuel. **Manáos-do-Amazonas: Memória empresarial**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Universidade do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, 1994.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

BITTENCOURT, Antonio C. R. **O Município de Lábrea: notícia sobre a sua origem e desenvolvimento sobre o Rio Purus**. Typographia da Livraria Palais Royal, Manaus, 1918.

BOSI, Ecléa. ***O tempo vivo da memória – ensaios de psicologia social***. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, A. L. **'Eu trabalhei também': as trabalhadoras nos seringais do Amazonas (1940-1950)**. In: Anais do Encontro Internacional - XVIII Encontro de História Anpuh - Rio: História e Parcerias, v. 1. Niterói: Anpuh Rio 2018, 2018.

CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. **O Eldorado dos Deserdados: indígenas, escravos, migrantes, regatões e o avanço rumo ao oeste amazônico no século XIX**. Tese (Doutorado) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Willas Dias da. **Os Patrões do Purus: Elites Fundiárias, Poder e Novas Dinâmicas Territoriais no Sul do Amazonas**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2017.

CUNHA. Euclides da. **O rio Purus**. SPVEA – Coleção Pedro Teixeira. SPVEA, Rio de Janeiro, 1960.

FAMILYSEARCH. **Registro de batismo: Guaramiranga**. FamilySearch, 2024. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9P94-2C8?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A668C-LZHT&action=view&cc=2175764>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FERRARINI, Sebastião Antonio. **Quelônios: animais em extinção**. Manaus: 1980.

FERRARINI, Sebastião. **Canutama - conquista e povoamento do purus**. Edições Governo do Estado do Amazonas. Fundação Cultural do Amazonas/SEDUC, 1980.

FERRARINI, Sebastião. **Lábrea: 1881 Ontem – Hoje 1981**. Pref. de Robério Braga. Manaus, Imprensa Oficial, 1981.

FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja. **Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais**. Campinas, São Paulo: 2001.

FREITAS, Juracy Queiroz de. **Memórias da Vida Amazônica – Uma História de Amor com Santa Bárbara**. São Carlos: Editora Scienza, 2023.

GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009.

GATO, Maria Assunção. **Casas: Espaços vividos, espaços representados**. Estudo Prévio (Revista do Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa), nº 3, 2013.

GOOGLE MAPS. **Assahytuba**. Google, 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/ddxoYNfc3guwsVUF7>

GOOGLE MAPS. **Rio Ituxi**. Google, 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/Qqp38S3weLqvWT8f9>

GOOGLE MAPS. **Ser. do Carmo**. Google, 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/rTbaJd2w7RdSwjYDA>

GOOGLE MAPS. **Seringal de Santa Bárbara**. Google, 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/N4gpPxhpyYW5BK8WA>

GOOGLE MAPS. **Seringal de Santa Bárbara**. Google, 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/H8ivSNf2BidGh1yA8>. Acesso em: 10/06/2024.

IBGE, 2024. **Canutama**. Disponível em: [IBGE | Cidades@ | Amazonas | Canutama | Panorama](#). Acesso em: 06/12/2024.

IBGE, 2024. **Glossário**. Disponível em: [glossario_pnadc_mensal.pdf](#). Acesso em: 06/12/2024.

IBGE, 2024. **Mapa Canutama**. Disponível em: [A0_1300904_MM.pdf](#). Acesso em: 06/12/2024.

LAGE, M. M. L. **Mulheres e Seringal: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)**. Manaus: 2010.

LEAL, Davi Avelino. **Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio Madeira (1880 – 1930)**. Manaus, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

LEAL, Davi Avelino. **Mundos do trabalho e conflitos sociais no rio Madeira (1861-1932)**. Manaus: Editora Valer, 2020.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha: A selva, Beiradão e O Amante das amazonas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história**. Oralidades: Revista de História Oral/ Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ano 4, nº 8. São Paulo: NEHO, jul./dez. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe. **História Oral: 10 itens para uma arqueologia conceitual**. Oralidades/USP, 1, 2007.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O regatão: notícia histórica**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1958.

NASCIMENTO, Ítalo Klinger Rodrigues do. **Mosaico de Unidades de Conservação de Canutama-AM: um espaço de exclusão e de reconhecimentos de direitos de comunidades tradicionais**. Manaus: Universidade do Estado Amazonas, 2013.

OLIVEIRA JUNIOR, Jair Antonio. **Arquitetura Ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitar em ambientes complexos**. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PEREIRA, M. A. C. S. **A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro**. Arqtexto (UFRGS), v. 16, p. 6-27, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 1ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 172.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1956.

SAMPAIO, P. M. M. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2011. v. 1.

SAMPAIO, P. M. M.. **Economia da Borracha na Amazônia**. 1. ed. Belém: Estudos Amazônicos, 2015.

SECRETO, María Verónica. **A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, julho-dezembro de 2007.

SILVA. Antônio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo**. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850 – 1920)**. São Paulo: Hucitec – USP, 1993.

3 – Sites:

<https://bndigital.bn.gov.br/>

<https://www.familysearch.org/>